



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA,  
PÓSGRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE  
EM PRÁTICAS EDUCATIVAS (PPGFOPRED)**

**MARCOS MOREIRA LIRA**

**EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE VIVA DEUS: MÍSTICA  
POPULAR, AMOROSIDADE E DIALOGICIDADE PARA O  
FORTALECIMENTO DA LUTA PELA CONQUISTA DA TERRA.**

IMPERATRIZ  
2021

**MARCOS MOREIRA LIRA**

**EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE VIVA DEUS: MÍSTICA  
POPULAR, AMOROSIDADE E DIALOGICIDADE PARA O  
FORTALECIMENTO DA LUTA PELA CONQUISTA DA TERRA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas.

Orientador (a): Profa. Dra. Betânia Oliveira Barroso

IMPERATRIZ  
2021

**MARCOS MOREIRA LIRA**

**EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE VIVA DEUS: MÍSTICA  
POPULAR, AMOROSIDADE E DIALOGICIDADE PARA O  
FORTALECIMENTO DA LUTA PELA CONQUISTA DA TERRA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas.

Orientador (a): Profa. Dra. Betânia Oliveira Barroso

Aprovada em     /     /

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente e Orientador (a) Betânia Oliveira Barroso  
Profa. Dra. em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

Membro Titular: Herli de Sousa Carvalho  
Profa. Dra. em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

Membro Titular: Rejane Cleide Medeiros de Almeida  
Profa. Dra. em Sociologia  
Universidade Federal do Tocantins

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor(a). Diretoria  
Integrada de Bibliotecas/UFMA

MOREIRA LIRA, MARCOS.

EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE VIVA DEUS: MÍSTICA  
POPULAR, AMOROSIDADE E DIALOGICIDADE PARA O FORTALECIMENTO DA LUTA  
PELA CONQUISTA DA TERRA / MARCOS MOREIRA LIRA. 2021.  
162 p.

Orientador(a): BETANIA OLIVEIRA BARROSO.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Formação Docente em Práticas Educativas, Universidade Federal do  
Maranhão, IMPERATRIZ, 2021.

1. Amorosidade. 2. Comunidade Viva Deus. 3.  
Dialogicidade. 4. Luta pela Terra. 5. Mística Popular.  
I. OLIVEIRA BARROSO, BETANIA. II. Título.

Dedicamos esse trabalho a Comunidade Viva Deus, Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular - GEPEEP e in memoriam dos grandes Educadores e Educadoras de Imperatriz/MA que perdemos nessa pandemia do covid-19.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão primeiramente a Deus e família composta por José (pai), Selma (mãe), Mislene (irmã), Genivaldo (tio). Há famílias que também são formadas não só por sangue, mas por amorosidade e posso afirmar com total certeza que tudo isso não seria possível sem eles, sou eternamente grato por fazer parte da vida dos sujeitos da Comunidade Viva Deus e Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular - GEPEEP.

Vivenciando a realidade da Comunidade Viva Deus conheci algumas pessoas que marcaram minha vida pelo simples fato de serem amorosas e compreensivas, entre elas e eles, a Dona Zizi, Ceará, Zenilde, Barbosa, Gato Félix, Eunice, Ana Lina, Índia, Manoel, Pedro Vaz, Eliane e Virginia.

Quanto ao GEPEEP que não só considero como amigos, mas irmãos e irmãs, carrego em meu coração e trajetória a Mônica Juliana, Aline Araújo, João Lucas, Carlos Gabriel, Luan, Jean Pieer, Alice, Karla, Ana Tereza, Mel Braga e Rosângela. Todos estiveram sempre presentes em minha trajetória de luta e de vida e o acolhimento e defesa do outro e da outra me marcou muito.

Nessa trajetória e luta tive inserção em movimentos sociais na qual conheci Rosalva Gomes uma das grandes líderes de defesa das mulheres quebradeiras de coco babaçu, sua amorosidade com os companheiros e companheiras de luta e toda sua dedicação para a defesa dos povos do campo me inspira e me traz esperança.

Não poderia deixar de agradecer a Suzana Rossi e Jullyana Christina que sempre estiveram juntas comigo desde o primeiro dia de aula na UFMA em agosto de 2014, lá nos conhecemos e desde então se tornaram minhas irmãs na vida e na luta, mesmo com as subidas e baixas elas nunca me abandonaram e juntos seguimos lutando pelos nossos sonhos e ideais.

Essa total gratidão não é só pelo que está se vivenciado atualmente, mas pela história e por pessoas que estiveram comigo, não poderia deixar de agradecer a Dra. Profa. Vanda Pantoja que foi minha orientadora na Graduação, que mesmo após a minha primeira defesa de monografia no dia 17 de dezembro de 2018 continuou a motivar-me entrar num mestrado e tive

a oportunidade de sentir a sua vibração e felicidade quando soube que fui selecionado, a mesma me inspira e sua trajetória me motiva.

O sentimento de gratidão ao falar da minha orientadora de mestrado e de vida Dra. Profa. Betânia Barroso é sem tamanho, pois não a considero só como professora, mas amiga, companheira, amorosa, compreensiva, resistência, empoderada, esperançosa e guerreira. Nossas trajetórias foram sempre marcadas por encontros e desencontros que nos conectaram e geraram laços fortes. Betânia Barroso é uma pessoa humana que me motiva e mostrou-me como tenho força para se auto superar até nos momentos que achava que não iria conseguir. Essa grande Educadora é minha inspiração e espero que nunca se afaste pois quero carregá-la no coração até os meus últimos dias vida.

Não poderia deixar de agradecer a Renato Hilário, um dos mentores da trajetória da Dra. Profa. Betânia Barroso e que por meio dela tive a oportunidade de conhecê-lo, uma pessoa que me mostrou na prática o que é ser amoroso e espiritual, proporcionando-nos aprendizados e conhecimentos sobre o real motivo de viver e se relacionar com os sujeitos no mundo.

Quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, por se fazer presente na minha trajetória e proporcionar a conexão com pessoas maravilhosas como o Witembergue na qual sempre estive me apoiando e motivando a superar meus desafios e pelos meus colegas de turma, principalmente Isabela Mendes, Mayra Silva, Xico Cruz, Cristiano Marinho, Iara Rodrigues, Lilian Figueiredo, Clóvis Dias, Deisy Sanglard, Thiago Sampaio, Gabriel Rocha, Hugo Araujo, Jádson Lemos, Lazaro Gomes, Gardênia de Almeida, Janilda Lima, Raianisan Felizardo, Rosana Araujo, Antonirene Rodrigues.

Para finalizar quero expor o sentimento de felicidade ao estar concluído essa trajetória, na qual a Profa. Dra. Rejane Medeiros e Profa. Dra. Herli Carvalho fazem parte, pois num momento em que já estava quase desistindo tive a honra de conhece-las na banca do II Seminário de qualificação e com todas contribuições e sensibilidade de ambas mostrou-me a potência e transformação que essa pesquisa causou e poderia causar, fazendo com que

alguns limites que antes pareciam não transpassáveis se tornassem pequenos, causando-me animo e me tornando um sujeito mais amoroso e esperançoso, na qual suas trajetórias mesmo antes de conhecê-las já me inspiravam.



“Completando ciclos, refletindo sobre o que eu digo,  
E tudo o que eu digo é baseado no que eu vivo.  
Se pra vencer, tem que superar o sofrer,  
Supero sem esquecer do real motivo pra viver” (Karol Conká, 2021).

## RESUMO

**Marcos Moreira Lira, EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE VIVA DEUS: MÍSTICA POPULAR, AMOROSIDADE E DIALOGICIDADE PARA O FORTALECIMENTO DA LUTA PELA CONQUISTA DA TERRA.**

**Linha de pesquisa:** Pluriculturalidade, Interculturalidade e práticas Educativas Interdisciplinares

A seguinte pesquisa foi realizada na Comunidade Viva Deus em um acampamento que desde 2003 luta pela reforma agrária na Estrada Padre Josimo em Imperatriz/MA, no qual o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular – GEPEEP vem contribuindo na luta da comunidade desde 2015 junto a outros movimentos sociais. O objetivo central é compreender como a Mística e Educação Popular contribuem para o processo de construção da dialogicidade, amorosidade e para o fortalecimento das lutas e resistências pela conquista da Terra na Comunidade Viva Deus. A metodologia utilizada para os processos interventivos é com base na Educação Popular em Paulo Freire (1968, 1980, 1996) e Mística em Bogo (2008), sendo de caráter pesquisa-ação com base em Thiollent (2009) e para análise dos resultados a pesquisa qualitativa com base em Minayo (2001). Entre os resultados sinalizamos o fortalecimento da união entre os sujeitos da Comunidade Viva Deus, além de uma construção mais sólida de consciência crítica e política sobre a condição de sujeitos oprimidos por um sistema capitalista e a autonomia de criar alternativas em coletivo para a superação de situações-problemas-desafios que os impedem de conquistarem a terra, promovendo assim, um maior intercâmbio com outros movimentos sociais que defendem o campo e, assim fortalecendo sua luta. A Mística Popular torna-se com essa experiência prática e também teórica uma filha da Educação Popular e da Mística, sendo um potente instrumento que fortalece a luta pela conquista da terra da Comunidade Viva Deus, no sentido de que promove amorosidade e dialogicidade, facilitando o levantamento de situações-problemas-desafios e uma reflexão crítica objetiva e subjetiva que os encaminha geralmente para uma alternativa de solução, seja intervindo com músicas, danças, textos coletivos, poesia, artesanato, desenhos, leitura, atuação, ornamentação, logística, organização e o simples fato de resistir, viver e sobreviver.

**Palavras-chave:** Comunidade Viva Deus, Luta pela Terra, Mística Popular, Amorosidade, Dialogicidade.

## ABSTRACT

### **Marcos Moreira Lira POPULAR EDUCATION IN THE VIVA DEUS COMMUNITY: POPULAR MYSTICS, LOVING AND DIALOGICAL FOR THE STRENGTHENING OF THE STRUGGLE FOR THE CONQUEST OF THE LAND.**

**Research line:** Pluriculturality, Interculturality and Interdisciplinary Educational Practices

The following research was carried out in Comunidade Viva Deus in a camp that since 2003 has been fighting for agrarian reform on Estrada Padre Josimo in Imperatriz/MA in which the Teaching Group, Research and Extension in Popular Education – GEPEEP has been contributing to the community's struggle since 2015 with other social movements. Our main objective was to understand how Mysticism and Popular Education contribute to the construction process of dialogicity, lovingness, and for the strengthening of the struggles and resistances for the conquest of the Earth in the Viva Deus Community. Thus, we use the methodology in Popular Education based on Paulo Freire (1968, 1980, 1996) and *Mística em Bogo* (2008) for the intervention processes, being action research based on Thiollent (2009) and qualitative research based on Minayo (2001) for analysis of results. The results were a greater union between the subjects of the Viva Deus Community, in addition to strengthening a critical and political awareness of the condition of subjects oppressed by a capitalist system and the autonomy to create collective alternatives to overcome situations-problems-challenges that prevent them from conquering the land, thus promoting a greater exchange with other social movements that defend the countryside and thus strengthening their struggle. With this practical and theoretical experience, Popular Mysticism becomes a child of Popular Education and Mysticism, being a powerful instrument that strengthens the struggle for the land of the Viva Deus Community, in the sense that it promotes love and dialogicity, facilitating the survey of situations-problems-challenges and an objective and subjective critical reflection that generally leads them to an alternative solution, be intervening with songs, dances, collective texts, poetry, craftsmanship, drawings, reading, acting, ornamentation, logistics, organization and the simple fact of resisting, live and survive.

**Palavras-chave:** Comunidade Viva Deus, Luta pela Terra, Mística Popular, Amorosidade, Dialogicidade.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CCSST	Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia
GEPEEP	Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular
MA	Maranhão
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
STTR	Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração I	– Localização do Acampamento Viva Deus.....	19
Ilustração II	– Acampamento à beira da Estrada Padre Josimo.....	19
Ilustração III	– Corredor do Abraço.....	79
Ilustração IV	– I Festa da Colheita.....	88
Ilustração V	– Roda de Acolhimento.....	90
Ilustração VI	– Atividade de Psicomotricidade.....	92
Ilustração VII	– Preparo das Refeições.....	97
Ilustração VIII	– Ornamentação com Flores e Artesanatos da Palha de Babaçu.....	98
Ilustração IX	– Ornamentação com Chitas e Fotografias.....	98
Ilustração X	– Almoço Coletivo.....	99
Ilustração XI	– Mística da Luta pela Fixação da Terra.....	101
Ilustração XII	– Apresentação Musical de Manoel e Silvio.....	105
Ilustração XIII	– Arte como Representação da União.....	108
Ilustração XIV	– Construção da Mandala.....	117
Ilustração XV	– Apresentação da Colheita.....	118
Ilustração XVI	– GEPEEP e a Significação.....	121
Ilustração XVII	– Grupo de Alfabetização trabalhando a Palavra Geradora Terra.....	123
Ilustração XVIII	– Festa do Coco em Pifeiros do Amarante/MA.....	131
Ilustração XIX	– Manifestação de Denúncia contra a Empresa de Monocultura.....	133
Ilustração XX	– Construção do Mapa da Comunidade Viva Deus.....	136
Ilustração XXI	– Apresentação do Mapa Comunidade Viva Deus.....	137
Ilustração XXII	– Estratégias de Segurança e Intervenção.....	138
Ilustração XXIII	– Capa da Cartilha Místicas Populares no Fortalecimento de Luta pela Terra.....	140
Ilustração XXIV	– Exemplo de Ficha para Avaliação das Místicas.....	142

## LISTA DE TABELAS

Tabela I	–	Períodos das Produções Acadêmicas .....	25
Tabela II	–	Número total de teses e dissertações entre os anos de 2009 a 2019.....	27
Tabela III	–	Núcleos de Base.....	95
Tabela IV	–	Núcleos de Base.....	95

## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO I	–	CRONOGRAMA DA SEGUNDA FESTA DA COLHEITA.....	150
ANEXO II	–	RELATÓRIA DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM O GRUPO DE ALFABETIZAÇÃO DA ESCOLA COMUNIDADE VIVA DEUS.....	158

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1.1 Estado da Arte: Mapeamento da produção científica.....	24
<b>2. MINHA CONSTITUIÇÃO ENQUANTO PROFESSOR: Nordestino, Assentado, Trabalhador Rural e Militante.</b> .....	<b>36</b>
<b>3. NOSSO CHÃO TEÓRICO</b> .....	<b>50</b>
3.1 Sujeitos oprimidos que buscam superar situações-problemas-desafios com Práticas em Educação Popular .....	53
3.2 Desmitificando a Mística.....	55
3.3 A Mística e Educação Popular: Caminhos para Amorisidade e Dialogicidade na Superação de Situações-Problemas-Desafios .....	57
<b>4. CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>62</b>
<b>5. UMA MÍSTICA POPULAR MARCADA POR DIALOGICIDADE E AMORISIDADE</b> .....	<b>74</b>
5.1 Processo Histórico-Cultural da Mística na Comunidade Viva Deus .....	78
5.2 II Festa da Colheita: A Mística como instrumento de Resistência e Formação Política. ....	86
5.3 A Mística e suas Raízes na Comunidade Viva Deus. ....	94
5.4 Frutos da Mística Popular e Educação Popular na Comunidade Viva Deus.....	122
<b>6. CARTILHA PEDAGÓGICA COM MÍSTICAS POPULARES EM COMUNIDADES E MOVIMENTOS DE LUTA PELA TERRA (apenas rascunho)</b> .....	<b>140</b>
<b>CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS</b> .....	<b>144</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>147</b>



## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa debruçou-se em compreender a *Mística Popular* na Comunidade Viva Deus, tendo em vista, o pesquisador possuir uma identidade/constituição histórico-cultural em comunidades rurais como parte da realidade concreta e subjetiva que o move, outros conseguintes e o seu compromisso sincero e político com a luta dos povos do campo que são oprimidos pelo sistema capitalista. A inserção e vivência com a Comunidade Viva Deus tornou-se possível a partir de 2015 por meio do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP) da UFMA, no qual tornei-me membro efetivo em 2017, assumindo essa luta que têm constituído de forma praxica e libertadora a minha prática como educador/docente.

Foram muitas conquistas nesse processo de luta junto à comunidade Viva Deus e GEPEEP (2015 – 2021), no entanto ao conhecer a comunidade mais a fundo em 2017 foi verificado que há certa desestabilidade no movimento de amorosidade e dialogicidade coletiva. Dessa forma, constatou-se que existia a necessidade da construção de uma consciência dos sujeitos sobre os seus limites e o do (as) outra (as). Além disso, é possível perceber algumas divergências internas na Comunidade.

De acordo com o que foi mencionado acima, as perguntas que direcionam a pesquisa são: de que forma por meio da Mística e Educação Popular a dialogicidade e amorosidade fortalecem a luta pela conquista da terra na Comunidade Viva Deus? Quais formas de ação e intervenção podemos mediar conforme a realidade desses sujeitos?

Sendo os sujeitos de pesquisa os acampados da Associação de Agricultores Rurais Viva Deus e os educadores do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O GEPEEP desenvolve na Comunidade Viva Deus desde 2015 o projeto *A Formação de Alfabetizadores (as) da Educação de Jovens e Adultos da Zona Rural de Imperatriz/MA: "Projeto Escola Comunidade Viva Deus"* o qual parte da metodologia de Educação Popular com base em Paulo Freire, realizando na comunidade encontros com base no Círculo de Cultura, situação problema desafio, palavra geradora, conscientização e formação política promovendo o fortalecimento de suas lutas pela conquista da terra.

No que se refere ao objetivo geral é compreender como a Mística e Educação Popular contribuem para o processo de construção da dialogicidade, amorosidade, e para o fortalecimento das lutas e resistências pela conquista da Terra na Comunidade Viva Deus.

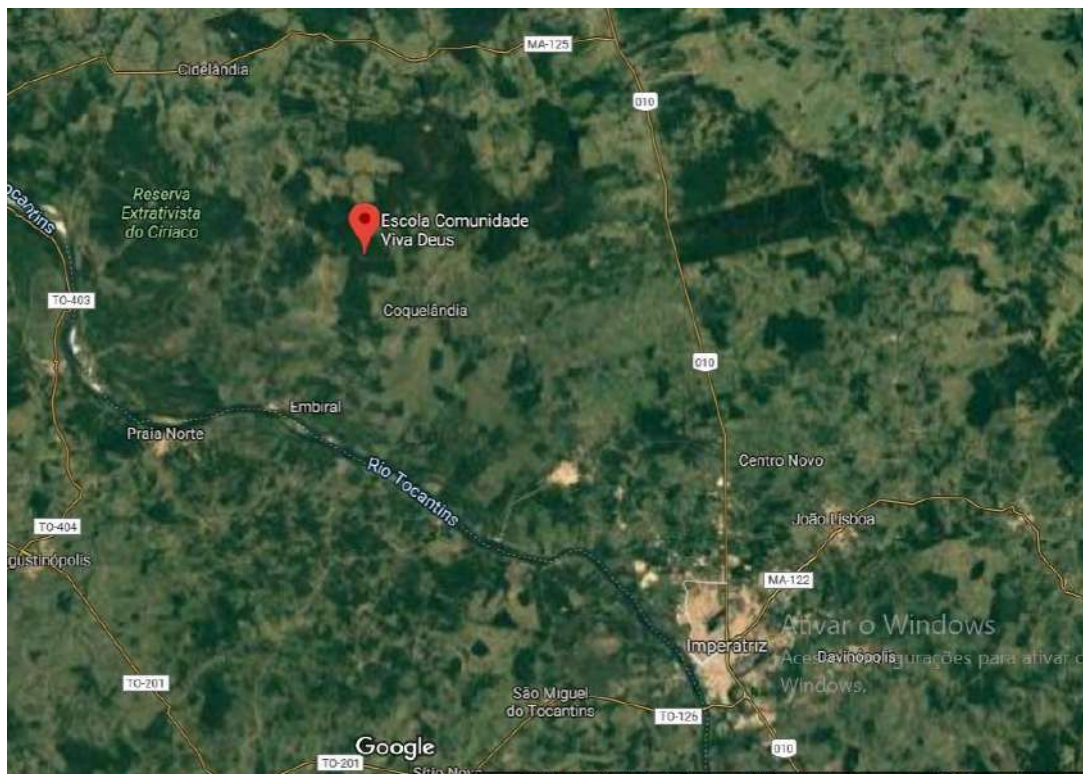
Quanto aos Objetivos Específicos, buscamos: identificar as místicas populares pautadas em situações-problemas-desafios e palavras geradoras na Comunidade Viva Deus; trabalhar metodologias utilizadas nas místicas populares realizadas pelo GEPEEP com a Comunidade Viva Deus; construir uma Cartilha Pedagógica com Místicas Populares em Comunidades e Movimentos de luta pela Terra.

Em relação a pesquisa, trazemos como fundamentos teóricos – práticos, os princípios da Educação Popular com base em Paulo Freire (1967, 1987, 1996) e a perspectiva da Mística com base em Bogo (2008) em que as categorias de pesquisa estão alinhadas com a *dialogicidade*, *amorosidade* e a própria *mística*.

Em relação ao Acampamento Viva Deus, este surgiu a partir da orientação da coordenação do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - (STTR) de Imperatriz, na qual as famílias da Associação foram alocadas na Fazenda El Dourado em meados do ano de 2003, fazenda essa localizada a 45 km da cidade de Imperatriz.

Desse modo o acampamento Viva Deus é composto por 110 famílias, dividido em duas associações por divergências ideológicas e políticas no ano de 2009. Nesse sentido, é desenvolvido a pesquisa na Associação de Agricultores Rurais Viva Deus composta atualmente por 55 famílias localizada na Estrada Padre Jósimo (Antiga Estrada do Arroz), a margem esquerda do Riacho Viva Deus. A Associação foi criada em 13 de setembro de 2009 em Imperatriz/MA com esse processo de divisão.

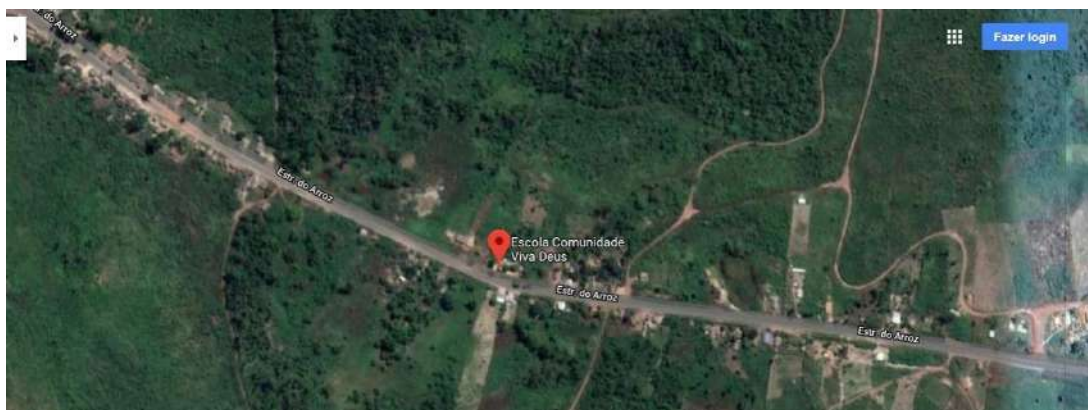
Ilustração I – Localização do Acampamento Viva Deus



Fonte: Fonte: Google Maps, 2019.

Conforme nos mostra a **Ilustração I** vemos que a Comunidade Viva Deus está inserida na reserva do Bioma Amazônico, localizada entre Imperatriz/MA, BR 010, Reserva Extrativista do Ciriaco, Rio Tocantins e o município de Cidelândia/MA. As casas e barracos da comunidade estão inseridas as margens da estrada Padre Jósimo há 17 anos, sem água, energia, instituições de saúde e outras políticas públicas essenciais para a vida humana.

Ilustração II – Acampamento à beira da Estrada Padre Josimo



Fonte: Google Maps, 2019.

Nesses dezessete anos a comunidade luta para conseguir definitivamente suas terras, enquanto questões burocráticas, ou seja, para a legitimação, por meio de uma Reforma Agrária, através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), porém são muitos empecilhos e um processo de resistência que estão enfrentando há muito tempo.

Além de que em níveis Federais, Estaduais e Municipais, não houve um posicionamento firme, que realizasse burocráticamente a posse dessas terras na Estrada do Arroz para a comunidade. Com isso, há o enfrentamento de uma das grandes multinacionais (Suzano Papel e Celulose) através de processos por posse de terra em que tal empresa acusa a comunidade de estar “invadindo” terras que segundo esta as pertencem.

Para Paulo Freire, partidário da visão gramsciana, o Estado é um espaço sociocultural em constante disputa, seja entre sujeitos e classes sociais que têm interesses individualistas e privatistas, seja entre aqueles que buscam concebê-lo como espaço público em formação capaz de promover justiça econômica, social e cultural (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO CIDADÃ/SNAS/SG, 2014 p. 35).

Nesse processo, o Estado se mostra silencioso para com as comunidades de acampados porque têm um acordo com a empresa e com os municípios circulares à comunidade. Acordo esse, que só vem em benefício dos interesses privados e individuais dessa empresa que está acabando com a biodiversidade da estrada do Arroz e municípios vizinhos plantando o Eucalipto do “Capital e da Morte”.

Segundo Castro e Barcellos (2015 p. 548) “pensarmos a situação da juventude rural brasileira no contexto do século XXI traz muitos desafios”, porque atualmente nesse Governo de Extrema Direita estamos passando por vários retrocessos devido aos interesses das elites dominantes e com o grande avanço da monocultura e do capitalismo industrial que não visa continuar com a Reforma Agrária, mas, tomar daqueles agricultores e camponeses o que eles conquistaram.

Dentre essa problemática a questão é que nessa luta pela conquista da terra os idosos da Comunidade Viva Deus em sua maioria se encontram com suas saúdes físicas, mentais e organização social, afetadas nesse processo de resistência pelo fato de estarem em combate direto com as

empresas Suzano Papel Celulose e Vale do Rio Doce, dentre outras situações – problemas que já vivenciavam. A maioria da comunidade é composta por pessoas idosas e em contato direto com esses sujeitos desde 2015 presenciamos ataques de jagunços envenenando as roças e queimando barracões dos acampados.

Nesse sentido, por estarem em um processo de luta e resistência que perdura nesse longo tempo e terem uma idade avançada, essa situação provoca neles um cansaço e temperamento fácil de ser elevado que geralmente são manifestados em certos momentos como nas reuniões coletivas, onde também os conflitos individuais ou coletivos se mostram característicos. Por essas questões e problemas as incertezas de quando conseguirão definitivamente suas terras vai lhes causando sentimento de angústia e medo. Quanto a isso, lembro-me que em uma das atividades do GEPEEP uma das idosas falou “tenho medo de morrer, por já estar velha, e não poder ver minha documentação da terra”, e com essa fala outras pessoas relataram o mesmo sentimento.

Desse modo, partiu-se como processo de construção e desenvolvimento metodológico a abordagem da Pesquisa Qualitativa com base em Minayo (2007) e como procedimento metodológico a situação-problema-desafio com base em Hilário dos Reis (2011) e Barroso (2015), bem como a ação prática com a mística.

Na presença da Comunidade Viva Deus através do trabalho com a Educação Popular de Paulo Freire (1967, 1987, 1996) tivemos a oportunidade de criar meios a partir da construção do diálogo e amorosidade, tendo em vista a colaboração do trabalho com a *Mística* de superar situações-problemas-desafios que impedem os sujeitos de compreender a si e aos outros enquanto companheiro e companheira na luta, promovendo uma relação social menos conflituosa. Pois, a construção de uma estabilidade emocional e pessoal em relação ao outro companheiro é possível que se tornem mais fortes e resistentes a esse processo de opressão nos âmbitos governamentais e empresas industriais. Esse equilíbrio emocional pode

fortalecer os conhecimentos e auto reconhecimentos, bem como, as autonomias individuais e coletivas.

Com o projeto de formação política e alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos desenvolvido pelo GEPEEP desde 2015, os sujeitos da comunidade entram num processo de desconstrução da noção de propriedade privada e começam a construir práticas e estruturas coletivas, promovendo assim, suas autonomias enquanto sujeitos individuais e coletivos. Entre as conquistas que tivemos, destacou-se o fato de estarem se articulando com outros movimentos sociais; viajando para eventos em outras comunidades e Universidades; plantando e colhendo os frutos de suas próprias terras. Tais conquistas que antes não tiveram oportunidade por terem medo de plantar e sofrer represália, ou seja, começaram a construir um processo de resistência mais coletivo, ocupação e produção da terra; e, a partir disso, com a palavra geradora *plantação*, muitos alunos aprenderam ler e escrever.

Com outros processos, existem conquistas nesse processo de luta junto à comunidade Viva Deus e GEPEEP em que a comunidade passou a ter uma relação mais social, enxergando o companheiro como sujeito humano que precisa de ajuda, pois sem ele não é possível fortalecer a luta. Com isso, foi possível verificar a compreensão do outro e o auto reconhecimento como sujeitos que lutam pelo bem comum da comunidade.

No decorrer da dissertação teremos um encontro primeiramente com o Estado da Arte onde foi realizado um levantamento da categoria Mística Popular e foi encontrado poucas produções, sendo necessário um estudo da Mística e Educação Popular no período de 2009-2019 para que a pesquisa estivesse focada em trazer novos elementos que possam contribuir para a pesquisa acadêmica e realidade dos sujeitos de movimentos sociais do campo.

Posteriormente, o segundo capítulo *MINHA CONSTITUIÇÃO ENQUANTO PROFESSOR: Nordestino, Assentado, Trabalhador Rural e Militante* é marcado pela descrição da minha trajetória que foi construída por encontros com movimentos sociais do campo e mística, na qual a Educação

foi o caminho para minha profissão e libertação constituindo um sujeito consciente que luta contra as desigualdades e o sistema capitalista.

Chegando ao terceiro capítulo *NOSSO CHÃO TEÓRICO* é um encontro com todos autores e autoras que norteiam nossa fundamentação teórica, sendo parte de uma perspectiva da compreensão da constituição histórica cultural dos sujeitos e das contradições e opressões geradas pelo sistema capitalista bastante expostas pela perspectiva do materialismo histórico dialético.

Ao quarto capítulo na qual carinhosamente denominamos *CAMINHOS METODOLÓGICOS* reforça que a metodologia tem um percurso no sentido de que é uma caminhada junto à Comunidade Viva Deus onde sujeitos e pesquisadores estão criando e praticando as metodologias, tanto que se caracterizou como parte de uma pesquisa-ação que envolve as situações-problemas-desafios da comunidade, e a Educação Popular e Místicas são uma das metodologias que vem para intervir na realidade e proporcionar uma melhoria.

Declaramos que o quinto capítulo é a parte mais esperada dessa pesquisa, tendo como título *UMA MÍSTICA POPULAR MARCADA POR DIALOGICIDADE E AMORISIDADE*, o mesmo é o resultado de quatro anos convivendo com a Comunidade Viva Deus possibilitando termos uma noção de como a Mística e Educação Popular marcaram a luta desses sujeitos e modificaram suas realidades.

Destinando-se ao sexto capítulo que é resultado de toda a pesquisa transformado em um produto que tem por título *Místicas Populares no Fortalecimento de Luta pela Terra: Orientações para elaboração de Místicas Populares*, foi criado com o objetivo de contribuir para com a luta de movimentos sociais do campo através de orientações para criação e intervenções com místicas.

Todo o desenvolvimento e resultado dessa pesquisa é relevante por investigar algo que não está sendo pesquisado há seis anos, promovendo a construção de uma categoria Mística Popular que ainda não foi fundamentada no Brasil, busca-se essa junção da Educação Popular de

Paulo Freire e Mística de Ademar Bogo como uma categoria construída pelas bases populares de forma coletiva para a libertação desses sujeitos frente há um sistema capitalista perverso.

### **1.1 Estado da Arte: Mapeamento da produção científica**

Nos processos de investigar Dissertações e Teses na Plataforma Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que tenha a categoria Mística como ponto central encontramos no período de 2013-2019 (6 anos) oito trabalhos dentro das áreas da Educação e Ciências Humanas, em Mestrados e Doutorados Profissionais e Acadêmicos, sendo que três destes se aproximam da perspectiva metodológica e teórica de nossa pesquisa sobre Educação Popular, Movimentos Sociais e Mística.

Ao pesquisar sobre a categoria Mística na qual estamos fundamentando e dissertando sobre uma nova categoria Mística Popular, não encontramos nenhum trabalho de 1993 – 2018 no Maranhão. Partindo para a afirmação, analisou-se pesquisas nos periódicos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sobre Mística, e constatou-se que não há trabalhos que partem da pesquisa-ação e construção de Mística Popular.

Investigando as categorias Mística e Educação Popular nos últimos cinco anos (2013–2019) no Maranhão foram encontrados 80 trabalhos, porém só dois se aproximam da perspectiva de pesquisa quanto a abordagem teórica conceitual. Com isso, observa-se que muitos dos trabalhos não trazem os sujeitos do campo como participantes e objetos de pesquisa, somente como discussão, análise documental ou pesquisa documental. Para tanto, compreende-se que muitos dos trabalhos são voltados para História da Educação. Concluindo assim, que os (as) autores (as) das oitenta pesquisas investigadas no Maranhão estão usando autores (as) bem distante das temáticas de Educação Popular e Mística a que propomos.

Descrevemos a Mística enquanto categoria de investigação no campo da Educação entre os anos de 2009-2019 no Brasil, abordando a questão de como a Mística é posta enquanto categoria investigativa, metodológica e



fundamentação teórica nessa última década. Assim, analisou-se o (as) autores (as) que trabalham a Mística em escolas, movimentos sociais, comunidades e outros espaços, atentando-se para seus objetivos e metodologias para que fosse possível compreendermos de que forma iríamos proporcionar uma contribuição teórica e metodológica a partir dessas pesquisas em nossa investigação.

Seguimos na compreensão da Mística a partir de Ademar Bogo (2008) em que se conceitua tanto por questões políticas, filosóficas e subjetivas. Nesse processo a Mística é compreendida e praticada lado a lado da Educação Popular com base em Paulo Freire (1967, 1987, 1996), passando a se torna parte de uma dialética do concreto (KOSIK, 1995) nas práxis dos sujeitos de saberes, tendo em vista o cotidiano de suas realidades.

Com o objetivo de mapear e conhecer a produção acadêmica nessa última década procuramos por meio do periódico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ler o catálogo de dissertações e teses do período de 2009 a 2019, escolhendo as pesquisas sobre a Mística dentro da grande Área das Ciências humanas, com enfoque na área da Educação em Programas de Pós-Graduação no Brasil.

No catálogo da Capes ao pesquisar a palavra Mística obtivemos de modo geral 811 trabalhos nas diversas áreas, após aplicar o filtro: Grande área – Ciências Humanas – área – Educação aparece o número total de dissertações e teses do ano de 1996 á 2019 que somam 57 produções acadêmicas. Desse modo, apresento a seguir o número de produções de 1996 - 2019.

Tabela I – Períodos das Produções Acadêmicas

Produções Acadêmicas/Período	1996 – 2002	2003 – 2008	2009 – 2019
Teses	5	7	7
Dissertações	8	14	14
Total: 57	13	21	21

Fonte: Capes, 2019.

Analisando a **Tabela I** verificamos que de 1996 a 2002 (período de 7 anos) temos um expressivo número de produções, mas que no período de

2003 a 2008 (6 anos) tem-se um grande aumento, todavia, vemos que no decorrer da década seguinte, no período de 2009 - 2019, o número de produções se mantém em 21, sinalizando uma quantidade diminuída com o decorrer do tempo, havendo assim, menos produções que nos períodos anteriores. O tempo atual de investigação científica se encontra distanciado em realizar pesquisas sobre Mística, pois em parte, hoje é entendida pela sociedade conservadora com base em Bogo (2008) como misticismo, bruxaria, rituais “malignos” ou apenas rituais esvaziados de sentido e significado.

Com isso, o presente mapeamento da produção científica realizou uma revisão diagnóstica das produções sobre a Mística na Educação Popular. Nesse sentido, pesquisou-se por meio do Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES na área da educação em Programas de Pós-Graduações Acadêmicos e Profissionais no país, que tinham objetivo a categoria Mística como referencial teórico e metodológico de investigação.

Desse modo, efetuou-se o recorte de pesquisa num período dos últimos 10 anos de produções acadêmicas das dissertações e teses publicadas entre os anos de 2009 – 2019, que foram agrupadas e apresentadas por ordem cronológica anual, descrevendo os locais onde foram realizadas, Instituições de Educação Superior e ano de publicação/defesa. Posteriormente, analisou-se de que forma as produções foram se modificando ou se relacionando com o tempo cronológico.

Focando-se na necessidade de filtrar a temática Mística Popular para nos aproximarmos ao objeto de pesquisa, escolhemos relacionar a Mística com a Educação Popular focando em pesquisas que tenham como centralidade a Mística enquanto categoria metodológica.

Para além disso, foram investigadas as partes teóricas e metodológicas dos textos abrindo-se um leque de compreensão de bases teóricas em que houve algumas particularidades similares com o objeto de estudo dessa pesquisa, colaborando para a construção de ideias e aprofundamento de outras.

Com a intenção de organização e compreensão cronológica das pesquisas, organizamos aqui o número de trabalhos produzidos que dialogam com a Mística e Educação no período de 2009 - 2019. Após a leitura dos trabalhos nessa década chegamos ao número de 21 trabalhos os quais foram selecionados pelos títulos e resumos, todavia, após uma leitura aprofundada dessas produções acadêmicas chegamos à conclusão de que a maioria não trabalhou a Mística como categoria metodológica ou teórico-conceitual, de modo que somente 5 trabalhos desenvolvem a Mística como temática abordada ou como categoria principal.

Tabela II - Número total de teses e dissertações entre os anos de 2009 a 2019

<b>ANO</b>	<b>DISSERTAÇÕES</b>	<b>TESES</b>	<b>TOTAL</b>
2009	01	0	01
2010	0	01	01
2011	0	0	0
2012	01	01	02
2013	0	0	0
2014	0	0	0
2015	0	0	0
2016	01	01	02
2017	01	0	01
2018	0	0	0
2019	0	0	0
			<b>06</b>

**FONTE:** CAPES, 2020.

Perante a **Tabela II** observamos o baixo índice de produções sobre a temática da Mística na área da Educação, havendo anos como 2011, 2013, 2014, 2015 e 2019 que não houve dados de produção com base nos

periódicos da CAPES. Para chegarmos a esses dados compreendemos ser relevante filtrar os trabalhos na perspectiva de que os pesquisadores tenham a Mística como um dos aspectos centrais de suas pesquisas e uma relação com os campos educativos.

Compreendendo assim, o período de 2013 a 2015 analisamos que a produção possa ter caído pela dificuldade de se estudar a Mística em movimentos sociais nos momentos de conflitos em grandes escalas. Nesse meio tempo o Brasil em 2013, inicia a famosa jornada de junho e sucessivamente o processo de queda da presidenta Dilma, havendo retirada de poderes do Partido dos Trabalhadores (PT), e, de 2018 a 2019 vemos a ascensão em maior parte de um governo conservador e fascista. De forma que pesquisar a Mística em ambientes conflituosos e governos conservadores exige muita coragem, e principalmente, saúde mental, pois são nesses momentos que há um grande fortalecimento das contradições sociais.

Em continuação às análises realizadas das dissertações e teses, desenvolvemos uma leitura esmiuçada com o objetivo de verificar seus referenciais teóricos, suas metodologias de pesquisa, objetos de estudo e considerações finais na intenção de obter mais conhecimento acerca da relação que a Mística vem construindo com a educação no país na última década. Também procurando ver os *lócus* diferenciados e como a Mística se formula e reformula nas diversas realidades e singularidades, observando-se quais as contribuições que esses trabalhos poderiam trazer a presente pesquisa.

Os trabalhos de Pós-Graduação e Doutorado analisados foram dos seguintes autores (as): Machado (2009), Comerlatto (2009), Bedoya (2012), Alberton (2012), Andrioli (2016) e Carvalho (2017).

Primeiramente apresento-lhes a dissertação de Machado (2009) que faz parte do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, tendo como título “Educação do Campo: Expressividade Corporal na Prática Educativa” foi defendida para obtenção da titulação de Mestre em Educação. Machado problematiza a prática educativa envolta pela

expressividade corporal numa escola de um Assentamento de Reforma Agrária, em área rural chamada Rio Bonito da Cidade Iguaçu/PR, na qual ela parte da seguinte indagação de pesquisa: “como a expressividade corporal pode ser identificada na prática educativa do Campo?” (MACHADO, 2009, p. 7). Destaco a expressividade corporal porque é uma das características que devemos analisar nas Místicas como fatores demonstrativos de comportamento, sentimento e repulsa.

Em consideração a isso, a pesquisa de Machado parte de uma compreensão que se insere entre os que estudam a Educação em âmbito sociopolítico, fazendo-o a partir do contexto histórico, em particular a Educação do Campo. A autora elabora um esboço de sua abordagem partindo de duas razões teóricas: “a) a concepção de Educação Rural empreendida pelo Estado no Brasil; e b) a concepção de Educação do Campo empreendida pelos movimentos de trabalhadores rurais do campo, a partir da década de 1990” (MACHADO, 2009, p. 41).

Como o descritor aqui em foco é a Mística buscamos sublinhar as considerações de Machado (2009) voltadas para a categoria Mística. Nesse sentido, a pesquisadora compreende que o ato educativo faz com que as práticas se reformulem e evoluem servindo para ressignificar a história de vida dos sujeitos. Na prática da Mística a expressão do corpo comunica a realidade por meio de gestos envoltos pela emoção compartilhada nas rodas de debate e nas discussões em coletivo. A manifestação do corpo que expressa fatos ideais e aspirações possibilitam o aprendizado a partir do “contato” do olhar, de mover-se em direção de seus interesses e dos outros.

Em 2010, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Camerlatto (2010) defende sua tese “A dimensão educativa da Mística na construção do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) como sujeito coletivo”, para obtenção do título de Doutor em Educação. O autor buscou elucidar a importância pedagógica da Mística para a constituição própria do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) enquanto sujeito coletivo, e por

consequência, a importância da Mística na proposição de alternativas emancipatórias e revolucionária para a sociedade liberal.

Perante o exposto, a metodologia usada por Carmelatto (2010) baseia-se na perspectiva qualitativa de investigação em que utiliza como ferramenta de investigação a análise documental. Em suas considerações, o autor relata que o modo de organização dos trabalhadores que lutam pela terra enquanto lugar de trabalho, o MST, a seu ver, indica para uma dimensão humanitária, solidária e educativa de formação da identidade coletiva dos sujeitos, da utopia enquanto sonho e motivação para a luta, do sentido da existência e o impulso para ação política.

Camellato (2012, p. 14) chega à compreensão de que a Mística nesse processo passa “a ser vista como uma dimensão essencial da vida humana dos acampados, dos assentados, enfim, de todos os membros do MST impulsiona a perspectiva de caráter essencialmente humano e social do trabalho”. Nesse sentido percebe a Mística dentro desse movimento como algo para além de um instrumento de luta, mas ligado a constituição de vida dos sujeitos, algo inerente a um objeto, no entanto, parte humana subjetiva com potência de causar mudanças concretas em suas realidades e do próximo.

[...]. Por práticas com esse caráter pode-se ver que as alternativas de transformação da sociedade liberal e de emancipação humana estão sendo gestadas dentro dos movimentos sociais atuais, em particular, no MST, que tomo simultaneamente, como sujeitos coletivos de transformação social e como objeto sobre o qual focalizo o olhar, direcionando-o para a Mística na sua dimensão educativa, formadora deste sujeito (CAMALATTO, 2010, p. 14-15).

Ou seja, a Mística entra nessa tese como compreensão do modo de vida de militantes de movimentos sociais e de suas práticas e realidades sociais na construção da emancipação humana desses sujeitos do MST.

Alberton (2012) defendeu sua dissertação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR) com o título “Formação Mistagógica do Docente no Contexto da Metamorfose Civilizatória”, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Curitiba/PR. Em sua produção tem como objetivo avaliar de que forma os(as) professores(as) respondem aos desafios da sociedade no contexto da metamorfose civilizatória tendo em

consideração o ser professor(a) e a mística da sua condição docente a partir dos programas de formação continuada e da prática docente em escolas do Ensino Médio e da Educação Superior.

Dentre a metodologia empregada na pesquisa de Alberton (2012) fundamenta-se na perspectiva qualitativa de investigação utilizando-se de observação participante, entrevistas e diário de campo. Em suas considerações o pesquisador relata que os (as) professores (as) aceitam que as questões da espiritualidade se apresentam como necessidade fundamental quando se trata do ser do professor (a), mais que o ser professor (a).

Perante tudo isso, o autor, considerando a Mística como parte do cotidiano do (a) professor (a), conclui que além de tecnicamente preparados, a mística tem como ponto a dimensão da “totalidade humana”, e assim contribui para o desenvolvimento de qualidades e potências sejam profissionais, biofisiológicas, emocionais, intelectuais, sociais e espirituais. Dessa forma, com base em Alberton (2012) no dizer de Kant o educador mistágogo deixará de ser e agir como sujeito que sempre têm uma ação mandada por alguém e pela Pedagogia.

Também em 2012 Bedoya defende a tese “A Forma Emancipadora da Espiritualidade e da Mística no MST: “Experiência Formadora na Vida Dos (a) s Militantes Como Poder Catalisador do Movimento, apresentada na Universidade Federal do Ceará (UFCE) em Fortaleza/CE para obtenção do título de Doutor em Educação.

Dessa forma, o objeto de estudo do Bedoya (2012) é a experiência de espiritualidade dos/das militantes do MST numa perspectiva formadora tendo como enfoque metodológico a fenomenologia da religião no intuito de abordar as especificidades da experiência de espiritualidade e de mística na intencionalidade e significado que são próprios do fenômeno religioso. Ressaltando, também em parte, uma abordagem metodológica e epistemológica da Pesquisa (Auto) biográfica em Educação.

Em suas considerações Bedoya concluí que sua pesquisa colabora no âmbito da educação e em novas abordagens acadêmicas acerca dos

movimentos sociais a partir da compreensão interdisciplinar com a fenomenologia da Religião. Esta pesquisa e estudo referenciados ao MST lhes ajudou a ressignificar as experiências da espiritualidade e da Mística de modo a compreender melhor as suas implicações formadoras na vida das pessoas, como constatado nos/nas militantes entrevistados (a) s e suas implicações sociopolíticas no desenvolvimento do MST.

Para tanto, o quinto trabalho que encontramos nessa investigação foi a tese de Liria Angela Andrioli defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências em Ijuí-RS no ano de 2016 para obtenção do título de Doutora em Educação nas Ciências. A tese tinha como título “Religiosidade e Mística no Movimento de Mulheres Agricultoras de Santo Cristo/RS: Um Processo de Constituição de Identidades por Meio da Educação Popular”.

Com base em Andrioli (2016) sua tese tem o propósito de aprofundar a compreensão acerca dos efeitos da religiosidade e da Mística na constituição das identidades femininas e as possibilidades de empoderamento a partir do Movimento de Mulheres Agricultoras MMA, no caso específico, do município de Santo Cristo/RS.

Andrioli, com seus sujeitos de pesquisa destacam na tese a religiosidade a partir das concepções da Igreja Católica entendendo como uma manifestação religiosa e cultural que vai aos poucos moldando o processo identitário das relações humanas.

Presentemente essa pesquisa é de natureza teórica e empírica com tratamento qualitativo dos dados. A autora parte de uma concepção teórica e metodológica, com base na vivência, em que compreende que essas mulheres vivenciam um processo de práxis que relaciona ação-reflexão-ação no cotidiano, ou seja, os sujeitos da pesquisa também produzem saberes que partem de suas realidades e de suas experiências de vida para produzir conhecimento.

Suas considerações acerca da Mística no Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA) é a de que está se aproxima do conceito de mistério do sentido de viver sendo uma expressão coletiva de transcendência espiritual



e como resistência. O autor utiliza Bogo (2012) para compreender as diferentes manifestações da mística e nesse contexto, se aproxima muito da nossa compreensão de Mística quando declara que “a mística propicia a unidade da luta e também é Educação Popular” (ADRIOLI, 2012, p. 144). Porque Mística se transforma em momentos coletivos e também é instrumento de Educação, cobra do sujeito involuntariamente criatividade e símbolos de sua realidade para desenvolver um objeto concreto ou subjetivo, seja ele poesia, música, arte, textos, dança ou trabalhar, objetos esses e ações que educam através do processo criativo que só pode ser realizado em alguns momentos por mais de uma pessoa.

Consequente leitura e análise, o último trabalho encontrado foi o de Cristiene Adriana Da Silva Carvalho, tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, defendido em Belo Horizonte – MG em 2017 na Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Doutorado em Educação. Sua tese tem como título “Representações Sociais das Práticas Artísticas na Atuação de Professores do Campo”.

Carvalho (2017) buscou investigar os egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECampo) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tendo como objetivo a intenção de analisar como são construídas as Representações Sociais das práticas artísticas e pedagógicas desses sujeitos.

Carvalho (2017) dividiu seu referencial teórico/epistemológico em duas partes. Na primeira constrói a concepção de sociedade com fundamento na perspectiva do Materialismo Histórico e Dialético de Karl Marx (1846), e na segunda parte discorre sobre a perspectiva de Educação transformadora tomando como referência a obra de Paulo Freire (1921-1997).

Em sua tese a Mística não têm uma centralidade, porém, entendo a importância da pesquisa pelas contribuições dadas ao meu objeto de estudo. Assim, a categoria é abordada no capítulo VI e VII para expressar suas observações sobre os (as) professores(as) Camila e Lucas. Ao trabalhar a Mística na constituição de Camila, a compreende como dimensão política e de sua consciência. Camila ao falar da participação da Mística cita que o

simbolismo faz parte desta prática, da luta e da motivação para transformar a educação e a sociedade.

Lucas relata sobre a inserção da categoria analítica das práticas artísticas e pedagógicas surge a partir da construção de que o conteúdo desta extrapolava as discussões sobre os princípios da Educação do Campo agregando análises do processo formativo, a dimensão educativa e, principalmente as características totalizantes da Mística. Finaliza afirmando que a compreensão da Mística para Lucas se dá a partir da busca do sentido simbólico na luta, no estudo e no trabalho construindo junto as escolas campo.

Temos com isso, a Mística como categoria teórico e metodológica de investigação, conforme os dados expostos no texto acima, não se apresenta como um campo muito pesquisado. Todavia, as poucas pesquisas contribuem para quem quer se aventurar nessa linha de investigação, principalmente em contexto de movimentos sociais e espaços que fazem parte de processos educativos.

Colhemos dessas pesquisas grandes referências como Freire (1968, 1987, 1996) e sua concepção de Educação Popular, Bogdan e Bilken (1994) com a pesquisa qualitativa e seu contexto histórico, Bogo (2008) com as práticas artísticas, Mística e trabalho de base, bem como Marx (2007) e o materialismo histórico dialético.

Chegamos à consideração de que as Místicas trabalhadas nas pesquisas apresentadas partem de vários pontos e sempre têm uma ligação com processos educativos nos quais pesquisadores (as) iniciam de alguns campos de observação ou revisões bibliográficas. No entanto, não há pesquisas para além dessas perspectivas, cito como exemplo a ausência de pesquisas documentais, etnografias ou pesquisa-ação.

Compreender a Mística no campo da educação no período de 2009 a 2019 é entender que há poucas produções, isso nos leva a refletir sobre as produções da região Nordeste, pois verificamos que só existe uma produção em Fortaleza no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC, tendo

em vista que o Nordeste é a principal região que possui muitos movimentos sociais e do campo.

Dentre as produções acadêmicas pesquisadas contribuem com o nosso objeto de investigação que tem como objetivo central propor um estudo de Mística Popular com base nas concepções de Mística em Bogo (2008) e de Educação Popular em Freire (1967, 1987, 1996), tendo em vista a relação com as práticas dos sujeitos de pesquisa no seu cotidiano, em que seja possível gerar um processo de significação individual e coletiva das identidades dos sujeitos envolvidos na pesquisa, a partir de suas realidades práticas que envolvem ações e construções de Mística Popular.

Esse momento de conhecer produções sobre nosso tema Mística Popular no país, motivam a busca por novos horizontes e desenvolvimento de um processo criativo de ação e intervenção a partir de uma categoria e conceito, ainda muito oculto e duvidoso na sociedade e academia, no entanto, apresenta-se aqui como um grande potencializador de mudança social significativa que melhora e salva vidas.

## **2. MINHA CONSTITUIÇÃO ENQUANTO PROFESSOR: Nordestino, Assentado, Trabalhador Rural e Militante.**

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. (PAULO FREIRE, 1996).

Compartilho nesse momento um pouco de minhas memórias, que com base em Silva (2010, p. 606), “o memorial oferece ao pesquisador (ou ao professor formador) possibilidades de apreender movimentos de inscrição do sujeito no discurso”. Sendo assim, conhecerem essa história lhes mostrará o porquê da curiosidade em pesquisar sobre mística e movimentos sociais do campo, na qual sempre fizeram parte da minha realidade de vida.

Sujeito eu com uma vida sempre marcada por lutas e resistências, onde nasci e fui criado dentro de um acampamento sem-terra, que logo após um tempo se tornou um assentamento de reforma agrária. Com tudo isso, hoje em dia pesquisar dentro da Comunidade Viva Deus que passa por um processo parecido com o vivenciado no Ceará, tornou-se um reencontro com minha trajetória e história de vida. Sendo assim, associar com base em Josso (2007) o conceito de formação trabalhado mediação da reflexão sobre a história de vida, permitiu mostrar um processo sincero de minha constituição histórico cultural, valorizando uma concepção singular e, ao mesmo tempo, socioculturalmente marcada de identidade para si.

Dessa forma, tal identidade e formação está atrelada as pesquisas que desenvolvemos, no sentido de que sou um sujeito que estou dentro de um projeto de ação-reflexão-ação sobre minhas práticas enquanto humano e educador, dentro de um campo com pessoas que possuem características e histórias de vida que se conectam as minhas num processo de relação dialético. Josso (2007, p. 431), nos reforça isso ao dizer, que “não se pode perder de vista nesta identidade para si que não há individualidade sem ancoragens coletivas (família, pertencas e grupos diversos, sobre os quais todos e cada um tem uma história!)”. Ou seja, os sujeitos não são auto formativos por si só, mas os espaços e pessoas que convivem com ele ou ela colabora inteiramente para seu processo de formação humana.

Consequente continuação dessa prosa começáramos descrevendo onde nasci, para onde fui, o que fiz, o que pretendia e pretendo fazer, as resistências, formações, ações, lutas e como surgiu o interesse em pesquisar mística.

Marcos Moreira Lira? Sim! Esse é meu nome, meio engraçado de onde surgiu tal nome. Dezesseis dias antes da minha chegada ao mundo minha mãe (Selma) estava na casa da minha tia (Toinha) assistindo a novela “Mulheres Apaixonadas” sendo exibida dia 11 de agosto de 1996, segundo ela tinha um personagem chamado Marcos interpretado por Dan Stulbach conhecido como o galã das telinhas na época, por achá-lo muito bonito resolveu que seu filho teria o nome Marcos. Quanto ao sobrenome Moreira é da família materna e Lira da paterna.

Nascendo assim, dia 17 de agosto de 1996 e vivendo inicialmente na caatinga do Ceará, criado no interior de Independência-CE, conhecido como o sertão Araújo onde morava, uma família composta por quatro pessoas: Antonia Selma Moreira de Oliveira Lira (Mãe), José Assis Lira (Pai) e Mislene Moreira Lira (irmã), moravam numa casinha pequena e velha emprestada pelo tio (Antonio Lira), atrás dessa casa tinha um espaço enorme de terra e o catingueiro que era usado para plantar e sobreviver. Depois de um tempo cansados de morar de favor em 1998 conseguimos por meio de um carro Ford-100 pertencente ao avô paterno Antônio das Chagas Lira, nos mudamos para uma casa no projeto de Assentamento Muquém dentro de uma terra da União que ficava a 6km da antiga casa que morávamos.

Nesse processo se deu a primeira experiência com a militância ao entrar na luta junto com a família pela reforma agrária de um espaço onde não tinha energia, água encanada, escola e plantio. Nessa época eu tinha apenas dois anos e não entendia muito daquele mundo, mas, ainda tenho muitas lembranças. Aos seis anos de idade um grande sonho se torna real, a reforma agrária se fez realidade e com ela chegou a água encanada, escola para Jovens e Adultos, energia e políticas públicas para o campo como bolsa família, auxílio para plantio e reforma das casas.

Mas, não era o suficiente, pois vivíamos num espaço totalmente seco e quente onde raramente tinha vegetação verde e o poço geralmente faltava

água, perdi a conta de quantas vezes andávamos com latas na cabeça vindo das cacimbas que fazíamos atrás das paredes de açude para colher água. Plantar não nos trouxe experiências boas, até porque a Roça ficava a 12km de distância e íamos a pé, além da colheita ser escassa devido ao território que morávamos, todavia, fazíamos o que podíamos e não podíamos para sobreviver.

Pensar em Mística traz à lembrança de um momento marcante em nossas vidas, a famosa farinhada, na qual todos os anos meus avós reuniam toda a família para celebrar a colheita da mandioca e macaxeira, todos juntos estávamos numa casa de farinhada, onde havia moedor, um enorme forno redondo de cimento e prensadoras para retirar a água das massas. Nesse processo as mandiocas e macaxeiras ficavam no chão em um montante, uma acima da outra e todos nós fazíamos um círculo sentados no chão, cada um tinha levado sua faquinha para irem descascar as raízes e nesse momento em reunião rolava muita conversa, fofoca, memórias, histórias, sorrisos e comilança, porque no momento algumas pessoas ficavam responsáveis para cozinharem beiju, tapioca e bolo, com a produção dos que descascavam.

Todas as crianças da família aguardavam anualmente ansiosos por esse momento, pois era ali comemorada a união, afetividade entre familiares e a colheita de sujeitos que viviam da subsistência de uma agricultura familiar. Nossas partilhas de alimentos sempre foi algo muito presente na cultura familiar e essa memória é a prova física de um momento que não existe mais após a morte dos meus avós em 2015, porém ficou eternizado na memória.

Relatando-se assim, de lembranças que marcaram a memória, lembramo-nos até hoje da primeira vez que fui à escola, tinha uns 6 anos de idade e não gostava de estudar, pois os processos de ensino-aprendizagem era um mundo totalmente avesso a minha vida que de tanto sofrer já tinha o sofrimento como forma única de viver, e de tanto apanhar do sistema opressor ficamos as vezes dormente ao ponto de não sentirmos mais dor. Contudo, recordo-me bem das palavras que a mãe falava ao nos levar na garupa da bicicleta para escola que ficava a 5km de distância, “você precisam ir à escola para não passarem pelo que eu e seu pai passamos”, uma fala sempre reforçada nos momentos de percurso a escola, onde a

mesma tinha que subir grandes cercas com bicicleta nas costas levando minha irmã e eu nos braços.

Declara-se que não entendíamos muito naquele momento o porquê de ela ver a educação como um processo de libertação frente ao que vivíamos, primeiro porque ela tinha parado de estudar e nem terminou a quinta série, nosso pai não sabia ler direito e só cursou até a terceira série, tendo estes uma vida bem complexa onde ambos haviam fugido de casa para se casar muito jovens, mãe com 14 anos e pai com 18 anos de idade, tendo assim, seu primeiro filho um ano depois.

Com o passar do tempo podemos compreender que os mesmos não tinham tempo para estudar e até tentaram entrar no EJA pelo turno da noite próxima onde morávamos, mas desistiam porque a noite estavam bastante cansados e tinham que acordar cedo para irem a roça para trazer o que comer para casa. Às vezes eu e minha irmã íamos para a roça, geralmente nas férias, mas enquanto havia aulas nossos pais ficavam atentos “pegando em nossos pés” para que não faltássemos um dia sequer.

Passou-se um bom tempo tinha lá uns 10 anos de idade e não sabia ler, como falei a educação não era algo atrativo para minha vida, não porque eu a recusava, mas, o sistema nos deixava cansado. Compreendi que era uma criança com dislexia porque não sabia ler e via as letras trocadas, onde em muitos momentos escrevia de forma incompreensível. Mas, como uma professora “bruta” sem ter passado por um processo de humanização iria identificar? Nossa professora tinha terminado o ensino médio e era muito conservadora.

Muitas vezes chamado de burro pelas professoras, funcionários e colegas de sala, todavia, algo que marcou minha vida foi uma fala da professora ao dizer “você é muito burro, não devia estar aqui, seu lugar é na roça”, isso era angustiante e tornava-me uma criança violenta a ponto de cada vez mais odiar a profissão professor e até a própria escola. Quando chegava em casa a mãe colocava livros a minha frente e ficava com um cinto dizendo “se você não ler, vai apanhar”, eu olhava o livro e só via letras misturadas e começava a chorar, no entanto, ela não tinha coragem de me bater e lá vinham os sermões dizendo o porquê eu deveria aprender ler.

Um dia tudo isso mudou quando a escola resolveu separar alunos que não sabiam ler dos demais em outra sala, éramos um total de 6 alunos numa turma de 45 alunos que não sabíamos ler e agora teríamos uma sala somente para nós. Todos estavam ansiosos na sala nova e com chegada de outra professora, a mesma era idosa e diziam que só tinha terminado o Ensino Fundamental, com isso, conhecendo-a sentimentos que era uma sujeita amorosa e atenciosa, até os dias de hoje em pleno 2021 ainda temos contato com ela e pudemos visitá-la após 11 anos numa ida recente ao Ceará. A educadora tinha tantas formas de ensinar e uma didática que toda aula para nós não era mais um terror, mas parecia que íamos brincar todo dia na escola, quando menos percebemos em 3 meses já sabíamos ler e escrever, logo, se tornou prazeroso estudar e nunca imaginávamos que iria ter tanto afeto por uma professora como tínhamos.

Se aventurar no mundo da leitura e escrita modificou-me, onde em primeiro momento tive a percepção de que através da professora poderia sim dentro da escola existir pessoas amorosas e através da educação eu poderia ser “alguém na vida”, sonhos foram restaurados e comecei a compreender aqueles conselhos dos meus pais.

Essa trajetória de transformação e libertação tomou proporção aos 11 anos de idade quando iniciou-se a quinta série (sexto ano), com isso, mudamos de escola para uma mais distante que ficava a 18km do assentamento, e, eu era o aluno com mais dificuldade na sala, mas, isso se modificou na sétima série, quando encontrei outras professoras amorosas que ensinavam geografia e português e tiravam muito do seu tempo para ajudar os educandos, de maneira que quando menos percebo já conseguia acompanhar os outros colegas no famoso quesito “desenvolvimento”.

Com 13 anos ocorreu uma grande mudança em nossas vidas, meus pais resolveram sair do assentamento e viemos para a cidade de Imperatriz/MA, chegando aqui foi outro choque de realidade, os educandos e educandas tinham uma relação com o mundo totalmente diferente da que vivenciei, sofrendo assim, muito preconceito pelo meu modo de falar e de



viver, a ponto de querer modificar-me linguisticamente e culturalmente para sobreviver a esse choque cultural.

Em Imperatriz/MA tive a oportunidade de conhecer o que era faculdade e bolsas, algo que para era muito distante, logo, novos sonhos se traçavam e percebo que minha autonomia e liberdade seriam através da Educação, de modo que já era nítido uma carreira enquanto professor pelo fato de sempre andar de carteira em carteira de cada colega ensinando a fazerem as atividades e revisando os assuntos para a aula na Educação Básica. Muitas pessoas até diziam “você vai ser professor”, mas rejeitava e dizia que seria um advogado.

Nessa chegada aos 15 anos já ensinava meus pais a lerem e ficava “pegando nos seus pés” para que voltassem a estudar, os mesmos começaram a maturar a ideia, mas não vingou.

Terminando o Ensino Médio concorri ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com a intenção de entrar no curso de Direito, todavia, a nota não foi o que esperava, mas não queria ficar fora dos estudos e, assim no segundo semestre de 2014 entrei para Licenciatura em Ciências Humanas (LCH) – Sociologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - Campus Imperatriz. Para tanto, não havia em mim uma noção acerca do curso, achando assim, que me tornaria um Sociólogo, parte da culpa acerca dessa prenoção se dá pela realidade vivenciada na Educação Básica, até porque não havia aula de Sociologia e Filosofia por falta de professores.

Nesse decorrer de curso na área de Ciências Humanas que durou de 2014 a 2018, foi marcado por muitas experiências e vivências com outras comunidades, sendo essas: aldeias indígenas, quilombos, religiões afrodescendentes, assentamentos, povos da floresta, árvores, terra e águas. Com tudo isso, a conexão e engajamento proporcionou a participação como liderança de movimentos sociais que lutavam por transporte, educação e saúde pública, realizando-se algumas atividades como greves dentro da UFMA, Prefeitura Municipal, Praças e Ruas de Imperatriz/MA. Declaro com sinceridade que foi nesses espaços que reforcei mais ainda a identidade docente enquanto educador crítico e humanizado.

Para tanto, temos quatro momentos em minha vida que identificamos a educação práxica como um caminho para a autonomia e libertação social de outras pessoas. O primeiro momento foi o que promoveu a descoberta desse tema de pesquisa (a Mística) por meio da Vivência e Estágio na Realidade do Sistema Único de Saúde em Imperatriz (2015 – 2016) e em Montes Altos (2017- até o momento). Nessas vivências encontramos a Mística como forma de luta social e caminho para formação política, humana, social e de resistência.

Ainda não vamos entrar em conceitos profundos sobre *Mística* atrelado ao VER-SUS Imperatriz/MA e Montes Altos/MA. Foram momentos em que a formação política e ações voltadas ao conhecimento de Educação e Saúde se davam por meios não formais de educação, mas por via da música, teatro, dança, canções, textos, poesia, círculos, sentimentos, afetividade, abraço e palavras encorajadoras, na qual exploravam nos sujeitos o que possuíam de imaginação, Filosofia, Religião, Cultura e experiências de vida.

Montes Altos/MA fica localizada no Estado do Maranhão com base no site do IBGE (2017)<sup>2</sup>, formada por 9.413 habitantes e tornando-se município em 1955, para isso, foi desmembrada do Distrito de Imperatriz/MA. A cidade de Montes Altos está inserida perto de três aldeias indígenas e cinco assentamentos de reforma agrária, localizando-se assim, a 57km da segunda maior cidade do Estado (Imperatriz/MA).

Perante ao exposto, o projeto VER-SUS Montes Altos/MA proporcionou uma vivência integral nos dias 08 a 14 de janeiro de 2018 na cidade de Montes Altos/MA, tendo ao todo entre viventes e organizadores 48 pessoas alocada numa grande chácara na área rural, sendo um dos poucos projetos com base na luta popular interdisciplinar. Reunindo assim, estudantes e militantes de diversas áreas com concepções ideológicas diversas. Havia visualmente uma harmonia entre os participantes na vivência, assim como desde o processo de criação do projeto que se deu por uma

---

<sup>2</sup> Site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/montes-altos/panorama>, acessado às 18h: 00min do dia 20 de dezembro de 2019.

formação de uma comissão organizadora (8 pessoas), formada por estudantes de Ciências Humanas, Enfermagem, Psicologia e Movimentos Sociais.

Partindo-se de todas essas vivências e trajetórias a Mística em minha constituição se mostra como um processo de socialização que me tornou um sujeito mais amoroso, dialógico e humanizado, pois a significação da mesma promoveu um sentimento eterno de solidariedade, amor, compaixão e compromisso ético político com sujeitos que sofrem por opressões numa sociedade excludente e capitalista. A Mística foi um processo de integração nessas vivências nas quais percebo-me como um sujeito que construía uma amorosidade e dialogicidade de forma coletiva, pois não existia alguém impondo, era nosso sentimento de amor e solidariedade em busca de superar nossas opressões que faziam a Mística acontecer, após isso, senti a necessidade de aprofundar-me sobre tal categoria e, assim investigar para poder compreender essa força Religiosa, Espiritual, Cultural e Filosófica, que ela se constitui.

Posteriormente, nosso segundo momento marcante nessa trajetória foi quando entrei na Escola Municipal Santa Isabel de Montes Altos/MA por meio de um seletivo para professor (as), na qual tive a oportunidade de lecionar Geografia, História e Filosofia nos anos finais do Ensino Fundamental num período de abril de 2018 a janeiro de 2019. Com esse processo de lecionar, surgiu assim, a percepção de que sou um professor amoroso e que tinha a corresponsabilidade de constituir a vida de outros sujeitos, pelo fato que os educandos envolvidos nesse processo passaram a compreender a educação como um caminho para a liberdade nesse vínculo educador-educando.

Continuando nessas experiências enquanto educador chegamos ao terceiro momento, a experiência de lecionar Sociologia por meio do Programa de Residência Pedagógica da UFMA no Centro de Ensino Estadual Graça Aranha em Imperatriz/MA pelo período dos anos de 2017 - 2019, nesses espaços a significação que marcou é a de que o ensino liberta mentes e transforma sujeitos em pessoas críticas de sua realidade, no qual através dos

educandos num processo sincero de educação libertadora é possível modificar o mundo e promover a tolerância.

Diante disso, o último e não menos importante momento promoveu a compreensão da minha trajetória docente e reafirmou a perspectiva que busco de educação libertadora e de relação social enquanto sujeito no mundo. O consequente momento foi em 2017 quando conheço o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (GEPEEP) e, assim começo a participar do Projeto Escola Comunidade Viva Deus num acampamento sem-terra que luta pela conquista da terra há 17 anos. Nesse momento, volto a continuação de minha trajetória enquanto assentado e trabalhador rural, reencontrado minhas raízes, no entanto, agora não era o mesmo menino incapaz como sentia-me na minha terra, mas passo a ser um educador que contribuí para a transformação social da Comunidade Viva Deus que tanto se parece com a minha terra natal no Ceará.

Atualmente com essa trajetória sinto a felicidade por se tornar um sujeito que está conseguindo a autonomia através e pela educação, com isso, a minha vida mudou e hoje posso ajudar outras tantas a mudarem para uma realidade melhor, aprendendo a não ser só educador, mas um sujeito humanizado, amoroso, ético, feliz e companheiro, que tenta a todo dia buscar a transformação social e lutar contra um sistema opressor chamado capitalismo, nisso aos poucos estou conseguindo resultados efetivos para continuar a caminhada. Percebe-se com toda essa luta que através da educação não sofro tanto, tendo assim hoje em dia uma vida melhor e meus pais concluírem a Educação Básica, de modo que por via da Educação ocupo espaços de poder não só para alimentar o áter ego, mas contribuir com a sociedade em busca de um mundo melhor.

Até o presente momento de julho de 2021 sou Mestrando em Educação e Professor de Ciências Humanas pela Universidade Federal do Maranhão. Nesse sentido, já se soma quatro anos de trajetória docente lecionando Geografia e História no Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santa Isabel na cidade de Montes Altos/MA (2018 – 2019), Sociologia no Centro de Ensino Estadual Graça Aranha (2017 – 2019) em

Imperatriz/MA, e Educador no projeto Escola Comunidade Viva Deus (2017 - até o momento).

Antes de tudo, torna-se necessário reforçar que partimos da compreensão de que sou um sujeito constituído de uma identidade docente, sendo, o ser professor/educador que vem em luta contra os ideais do capitalismo que afetam a sociedade oprimindo-a, excluindo-a, estratificando-a e matando-a, sobretudo dentro do campo da Educação, espaço esse de luta, na qual constrói-se maior parte da minha constituição humana e epistemológica.

Ao escolher a trajetória para ser abordada nesse texto partiu-se do entendimento de que a educação prático, humanizadora, libertadora e formadora de sujeito autônomo e consciente defendida por Paulo Freire, ainda existe e têm força pelo próprio fato de que a mesma se fez presente na minha formação de vida e profissional, transformando a realidade e levando-me em busca de mais formação política, liberdade e autonomia, seja ela intelectual, financeira e até mesmo a desconstrução de pensamentos e ações que levaram-me a recusa da minha própria identidade e existência.

Compreender essa trajetória a partir do Materialismo Histórico Dialético em Marx (2007) é perceber que somos sujeitos formados por relações sociais com base no Trabalho, relações essas que foram se modificando ao decorrer do tempo num processo de transformação dialético de idas, vindas e traços, que em algum momento no decorrer do tempo pareciam similares, mas já eram modificados, sendo eu sujeito formado a partir das condições sociais criadas pelo sistema capitalista presentes em muitas das minhas práticas enquanto sujeito humano e educador.

Para que pudesse se manter racional dentro desse sistema capitalista tive que compreender com base em Vygotsky (1995, 1996, 1997, 2001, 2004, 2007), que tenho uma constituição histórico-cultural enquanto sujeito que é influenciada também pelo sistema capitalista, todavia, fui formado por espaços sociais como igreja, escola, rua, movimentos sociais, universidade, área rural, assentamento, os quais me motivaram a ser um professor humanizado com base na perspectiva abordada por Arroyo (2002, 2004).

Dentre essa perspectiva parte-se dessa compreensão do fazer docente se afastando de certas constituições que foram ruins e aproveitando daquelas que geraram significação positiva, na qual essa ação é definida em Vygotsky como processo que se dá pelas diferentes formas do sujeito compreender falas, línguas, símbolos e práticas, sendo necessárias em nossas vidas para que possamos respeitar outros saberes epistemológicos. Tal respeito com base em Paulo Freire (1996) e Reis (2011) é compreender que o sujeito possui também sua constituição histórico cultural própria, a partir de vários espaços que ele vivenciou, esse saber é algo que se dá pela sua prática de vida e de experiência, na qual deve ser respeitado e compreendido principalmente na relação professor-discente.

Parte dessa trajetória docente foi guiada pela perspectiva epistemológica praxica com base nos Escritos de Paulo Freire (1967), em seu livro Pedagogia do Oprimido é mostrado de forma reflexiva como somos oprimidos dentro de um sistema capitalista e neoliberal que visa excluir e reter direitos do proletário, esse termo definido por Marx se dá ao sujeito que não detém o capital, mas, possui a força de trabalho explorada pela burguesia pelo fato dessa ter o domínio do capital e dos bens de produção.

Compreende assim, a necessidade de nos ampararmos na obra Educação como Prática de Liberdade de Paulo Freire (1987), pois nos traz a reflexão praxica de que uma Educação é libertadora quando se propõe respeitar o saber epistemológico dos sujeitos visando ser construída na compreensão de suas relações com o mundo, e assim, construir uma consciência e emancipação humana em suas práticas sociais e de vida.

Com tudo isso, passamos a refletir nessa constituição de um sujeito educador, o que é Autonomia com base em Paulo Freire (1996), sendo um processo em que o sujeito na sua relação com o mundo busca respeitar os saberes epistemológicos de outros sujeitos, a partir da construção de uma prática docente social e ética. Para tanto, uma prática que visa promover a curiosidade mediada pela dialogicidade e amorosidade, permitindo que os sujeitos se unifiquem enquanto coletivo e criem práticas para resolver seus

problemas individuais e coletivos, dentro de um sistema capitalista que os torna sujeitos constituídos por uma dialética da contradição.

Pensar nessa trajetória docente com base em Arroyo (1998, 2002, 2004), é partir de uma perspectiva metodológica materialista histórica e dialética centrada nas práxis, na qual se torna alvo influenciado por Vygotsky quanto a uma abordagem da constituição histórica-cultural do sujeito. Arroyo (2004) em seu livro "Imagens quebradas: trajetórias de alunos e mestres" traz uma percepção do professor e aluno no mesmo campo difuso das contradições sociais do sistema capitalista, nesse sentido o Aluno, Mestre, Sociedade, Culturas e Minorias são sujeitos oprimidos dentro de um sistema maior (abordagem materialista histórica dialética do capitalismo), com isso, todos os oprimidos e alienados dentro de um sistema capitalista que condiciona nossas relações sociais e, conseqüentemente nossos modos de vida.

Então nesse contexto, segundo Arroyo (2004) o(a) educador(a) cria uma imagem do(a) aluno(a), assim como, o(a) aluno(a) cria do(a) professor(a), porém, o(a) professor(a) se apega há uma imagem de aluno(a) do seu tempo, e quando os(as) alunos(as) atuais se comportam de modo diferente em comparação ao tempo em que o mestre (a) era aluno (a), o professor (a) passa a enquadrar o(a) aluno(a) como sujeito indisciplinado e mal comportado pelo fato de não se enquadrar num contexto e papel social do tempo tradicional.

No entanto, o(a) professor(a) deve compreender que o(a) aluno(a) de hoje não é o mesmo do seu tempo, e somente o(a) educador(a) refletindo sobre sua trajetória de vida num movimento dialético é que vai compreender que vivemos em outro sistema econômico com formações históricas culturais diferentes, e nesse choque se encontra uma imagem quebrada sobre o(a) aluno(a) devido a não realização da idealização dos seres aprendentes, pelo fato de não se aterem as trajetórias e saberes do(a) aluno(a).

Analisando essa minha trajetória com reflexões nos pressupostos de Arroyo (1998) apresentados em uma palestra da segunda conferência de Educação do Campo, possibilita compreender porque os (as) alunos (as) se

comportam de forma estressada muitas vezes. Tal comportamento se dá pelo fato de existir um sistema de ensino sub tecnicista mediado pelo interesse do capital, que mantém uma educação sem o real objetivo de libertar os (as) alunos (as), historicamente a mesma se estrutura em um sistema de ensino seriado que promove uma avaliação do (a) aluno (a) enquanto sujeito objetivo e não subjetivo.

Sistema esse que reprova e aprova educandos (as) classificando-os com notas de 0 a 10, justificando-se no fato de que o (a) “aluno (a) ” não reproduziu o que leu nos conteúdos, desconsiderando-se assim, os conhecimentos e saberes subjetivos de sua realidade. Dentre esse processo, pensar na escola formal é descrevê-la como um espaço de prisão que força os sujeitos a estudarem, porque precisam alcançar metas. Nesse sentido, não compreendem o ensino como necessário e libertador, mas como obrigação, porque o sistema capitalista é marcado por cobranças, e são nesses momentos que verificamos que o (a) aluno (a), o (a) professor (a) e a sociedade, são reféns do Estado e do sistema capitalista, porque nesses momentos de contradição é negado o objetivo de educar para emancipação e conscientização humana.

Diante disso, num processo de contramão a toda essa problemática Arroyo (2002) nos traz a concepção da humana docência, também defendida como amorosidade e dialogicidade por Paulo Freire (1996), na qual com imenso orgulho posso declarar que fazem parte dessa minha trajetória que se deu por esse respeito aos saberes epistemológicos dos(as) alunos(as), com isso, compreendo-os como sujeitos marcados por uma constituição histórico-cultural particular e singular, mediada pelas suas relações com o mundo e práticas de vida. Percurso esse, que se tornou viável pela compreensão dessa minha construção de identidade docente, trajetória de resistência e enfrentamento.

Consequentemente é complexo falar de identidade, mas é, assim que tenho a percepção do Marcos construindo-se. Essa, presente história descrita é somente uma sinopse de um sujeito esperançoso que encontrou coragem para resistir pelo fato de sua realidade exigir luta, educação, autonomia e



liberdade, ato esse garantido pelo coletivo familiar, movimentos sociais, educação, terra, comunidades e companheiros de luta e pesquisa. A *Mística* vem assim, sendo uma das grandes realidades e vivências que norteiam minhas ações, emoções, racionalidade, cultura, identidade e vida.

### 3. NOSSO CHÃO TEÓRICO

Nesse processo de construção de uma fundamentação teórica é realizado um diálogo com autores (as) como Bogdan e Bilken (1994), Michel Lowy (2009), Kosik (2010), Paulo Freire (1967, 1987, 1996), Ademar Bogo (2008), Betania Barroso (2019), Hilário dos Reis (2011), Marx (2007), Engels (1898), Vygotsky (1995, 2003), dentre outros.

Antes de iniciarmos esse diálogo teórico-prático é importante resgatar a importância sobre o conceito de antogênese humana, ou seja, compreender o ser humano em seu processo de constituição humana, tendo em vista a concepção de que seu desenvolvimento parte do trabalho, no qual, segundo Engels (1898) em seu texto “Sobre o papel da Trabalho na Transformação do Macaco em Homem”, o trabalho “é a condição básica e função fundamental de toda a vida humana” e “da criação do próprio homem”, sendo algo natural e eminentemente parte da essencialidade humana que se constrói e conceituou-se modificando o homem e seu ambiente para a sobrevivência humana.

Nessa concepção segundo Engels (1898), a partir do momento que o homem sentiu a necessidade de caçar, colher e produzir ferramentas através do trabalho, desenvolve assim, pés e mãos nos processos de construção de ferramentas, promovendo o desenvolvimento da mente por conta desse domínio do homem sobre a natureza pela necessidade de sobrevivência. A construção do trabalho promoveu o agrupamento dessas sociedades primitivas, com isso, mutuamente surgiu como necessidade os símbolos e gestos para se comunicarem, construindo estes as formas de linguagem como meio de conversarem e se ajudarem mutuamente nas realizações de caça, pesca e criar o fogo para cozimento.

Para além disso, com um salto histórico compreendemos o momento em que o trabalho passa a ser alvo de lucro e exploração, principalmente com o avanço de domínio do homem sobre a natureza. Vemos assim, no século XIX, o avanço dos processos de industrialização com o surgimento das máquinas a vapor, no qual o trabalho serve como forma de transformar o homem em um sujeito proletário que não produz só para sobrevivência,

contudo, criar um produto que seja mais do que o necessário, para assim, armazenar, vender e gerar lucro. Para tanto, temos outros problemas advindo dos processos de estratificação do trabalho, um destes é o surgimento de uma noção de propriedade privada no consciente dos sujeitos dessa época, fazendo com que se inicia os cercamentos de terras no período feudal, um relato bem descrito por Marx e Engels (2008) no livro O Manifesto Comunista.

Descreve-se assim, nesse contexto, com base em Marx através do seu livro “O Capital”, o surgimento de burgueses que possuem muito capital e proletários que não o detém. Nessa história toda, os que não possuem capital se tornam reféns daqueles que o detém, e para obter dinheiro o proletário passa a vender suas forças de produção, sejam elas física e mental, na intenção de obter um valor  $x$  que não corresponde à totalidade de sua força de trabalho investida na produção de mercadorias, de maneira que, quem mais lucra são os Burgueses pelo fato de investirem seu capital e dominarem as ferramentas de produção.

Dentre todo contexto, Marx (2007) realiza uma análise materialista histórica e dialética do processo de evolução do trabalho e do “capital”, para com relação as sociedades feudais e industriais pré-capitalistas, dentro de uma experiência histórica de desenvolvimento e reformulação estrutural do trabalho, do capital e do capitalismo. Sendo assim, a Revolução Francesa é caracterizada pela indignação do pequeno burguês que se apega há uma organização social econômica pré-capitalista, na qual se auto afirma na Revolução Industrial como o capitalismo estrutural e se reconfigura na Comuna de Paris, após a crise desse sistema político econômico capitalista.

Nesse momento histórico de revolução, Marx (2007) chega a análise de que população é uma distração que se deixa de lado as classes que a compõem, ou seja, não devemos analisá-las somente pelo macro, mas pelos componentes micros que o formam. Nessa iminência do capitalismo temos o surgimento das classes sociais e, assim a construção do trabalho assalariado que é mantido pelo mesmo. Com essas questões, Marx (2007) reforça que o capital deve ser o campo inicial para análise das classes, porque se começarmos pela população teremos resultados inconsistentes.

Contudo, frente a toda essa análise sobre o trabalho e capital, Marx (2017) sinaliza que o dinheiro enquanto moeda não existia na Roma e Grécia Antiga, ou seja, esse não tinha participação na totalidade do trabalho. Porém, com o avanço e complexificação dessas sociedades e do trabalho, o dinheiro passa a fortalecer as relações de dominação do capital, tornando-se produtor de riqueza em geral. Dentre o contexto, com o avanço da sociedade burguesa é que surge uma organização histórica da produção de mercadorias mais desenvolvida e diferenciada. Porém, são as sociedades burguesas antagônicas que se contradizem quanto ao avanço do desenvolvimento econômico versus o desenvolvimento social e relações de trabalho.

Essas bases históricas do surgimento do Capital partem do Feudalismo em que se tinham as propriedades comunais e a terra, vistas como renda territorial, porém, esse movimento se fortalece nas sociedades pós feudais (pré-capitalistas), onde cercam-se os terrenos (territórios) e surge a noção de propriedade rural privada, para tanto, a terra antes vista somente como produção de vida, passa a ser algo mercantilizado, bem como simbologia do capital.

Enquanto isso, para os povos e pastores do campo, por meio da agricultura são construídas as primeiras formas de produção na intenção de sobrevivência e do bem viver. Contudo, contrariando-se a esse movimento histórico do campo, temos a sociedade burguesa com a intenção de acumular riquezas. Com isso, a agricultura vira um alvo da burguesia e transforma-se com o passar do tempo em um simples ramo da indústria, tornando-se assim, completamente um domínio do capital. Posterior a esse momento, inicia-se a venda das terras. Dentre isso, nessas formas de domínio da propriedade rural a relação com a natureza é preponderante. No entanto, na relação em que reina o capital o que prevalece é o elemento social produzido historicamente. Para além disso, não se compreende a renda territorial sem o capital, entretanto, compreende-se o capital sem a renda rural.

Compreende-se assim, segundo as afirmações anteriores, que Marx estudava os ritmos históricos, necessariamente os mais lentos, sendo aqueles firmados nos planos das transformações estruturais da Economia.

Nos quais, são planos derivados das sociedades Gregas, Romanas, feudais e industriais. Sendo assim, perceber a Economia é compreender sua construção e reconstrução dentro desses tempos e sociedades, refletindo no movimento dialógico que essa mantém com as antigas.

Entende-se com isso, essas relações sociais dentro do sistema capitalista como parte de um movimento histórico, cultural e dialético, sendo estes, essenciais para a construção dessa abordagem e reflexão nos processos construtivos da fusão entre as categorias práxicas: Mística e Educação Popular.

### **3.1 Sujeitos oprimidos que buscam superar situações-problemas-desafios com Práticas em Educação Popular**

Dialogar sobre sujeitos oprimidos com base em Paulo Freire (1987) é compreender-se como parte de um sistema que não visa beneficiar as minorias, contudo, o educador nos apresenta estratégias para que seja alcançado a liberdade desse sistema, sendo por meio da conscientização, emancipação e organização coletiva. Com isso, reconhecer as trajetórias de vida da Comunidade Viva Deus é compreendê-los com sujeitos numa situação de oprimidos, que com base em Paulo Freire (1987), temem a liberdade por viverem numa estrutura dominada por opressores que ditam as regras.

Com isso, nosso primeiro passo enquanto oprimidos é identificar os opressores, que nesse caso presente é representado pelo Estado e empresa Suzano Papel e Celulose, sendo esses, os que limitam a liberdade dos sujeitos da comunidade, impedindo-os de utilizarem suas terras. Como citado, os sujeitos após sofrerem ataques por via desses opressores ficam desmotivados e frágeis, ocasiona-se em alguns momentos coletivos situações agressivas entre eles mesmos, por conta de toda essa pressão.

Momentos como esses, trazem a reflexão de que “Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão” (FREIRE, 1987 p. 27). Nesse sentido, a opressão e o ato violento reproduzem um sujeito violento,

porque a sua realidade se resume a isso, por um momento se eles (as) tivessem acessos iguais e direitos humanos garantidos, não haveria tanta divergência e, portanto, menos conflitos, sendo assim, essa opressão se resume a tomada de seus direitos que confrontam sua paz, através de atos covardes por parte de outros sujeitos que privam a liberdade do próximo.

Ao falarmos de oprimidos vale ressaltar segundo Paulo Freire (1987, p. 31):

[...] a dualidade existencial dos oprimidos que, “hospedando” o opressor cuja “sombra” eles “introjetam”, são eles e ao mesmo tempo são o “outro”. Daí que, quase sempre, enquanto não chegam a localizar o opressor concreta-mente, como também enquanto não cheguem a ser “consciência para si”, assumam atitudes fatalistas em face da situação concreta de opressão em que estão.

Ou seja, com base em Paulo Freire (1987), no momento do conflito e de opressão os sujeitos se confundem e acabam colocando para fora o opressor que existe dentro de si, não percebendo estes que as opressões vêm de espaços externos. Nesse contexto, de não compreender a estrutura de opressão, acabam se revoltando e oprimindo seus próprios companheiros. Esses conflitos causam divisão desses grupos e prejudicam suas articulações na luta, logo, o sujeito necessita desse auto reconhecimento, em si e no outro de que estão em situação de oprimidos.

Essas situações de opressão constroem sujeitos angustiados e segundo Paulo Freire (1987), “[...] de tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua incapacidade”. Sendo assim, surge nas relações sociais individuais e coletivas, vários conflitos internos e externos causados por medos, angústias, doenças mentais e fisiológicas, os fragilizando, desmotivando e com o temperamento a flor da pele.

Então se é perguntado: quais seriam as saídas para resistir a essa opressão? O que pode ser feito para mudar a realidade enquanto oprimido? A resposta é: “[...] O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos é o conteúdo do diálogo” (FREIRE, 1987 p. 33). Destarte, o diálogo é um dos instrumentos para resistir e superar a opressão, no sentido de que

os sujeitos argumentam acusações e defesas, identificando-o no discurso e na memória histórica, os fatos, motivos e estratégias para enfrentar seus problemas.

Para tanto, antecedendo o diálogo existem momentos Místicos promovidos a partir dessa construção coletiva da Educação Popular e Mística. Momentos esses guiados com base em Bogo (2008 p. 153), numa compreensão Filosófica e da Valorização Cultural, sendo necessário entender que “a mística é a própria existência. Nasce da vida, das formas de trabalhar, se organizar, conviver, lutar etc.” com isso, a Mística assume um lugar de totalidade, pois ela é subjetiva e se faz presente na realidade e na vivência, no sentido que é um processo criativo e cognitivo, envolvendo-o sentimentos, trabalho, educação e lazer.

### **3.2 Desmitificando a Mística**

De antemão, a Mística concebe parte do próprio modo de vida e se organizar dos sujeitos da Comunidade Viva Deus, seja ela presente na luta coletiva, o trabalhar na roça, a divisão de sujeitos ou grupos responsáveis por limparem a associação, fazerem o café para os presentes, escreverem pautas da reunião no quadro, orar/rezar antes de começar as atividades, ornamentar, criarem textos coletivos, escreverem a ata, se destinar a cada casa para convocar os companheiros, dentre outras atividades necessárias ao bom andamento dos encontros na comunidade.

Cada grupo social tem as suas manifestações culturais; uns são mais alegres, outros são mais contidos, mas todos vivem a memória de seus antepassados; desenvolvem valores e acreditam na continuidade da vida, por isso preservam o ambiente como o berço de todos os nascimentos. (BOGO, 2008 p. 153).

Ou seja, a *Mística* está inteiramente ligada ao processo de Constituição histórico-cultural dos sujeitos, visto que, a *Mística* evoca saberes e conhecimentos de sua história, através de músicas, poemas, letras, frases e rituais, que são adquiridos nos movimentos de luta, na igreja, com as relações entre pais e avós, ou até mesmo na escola. Desse modo, a Mística é sentida de forma diferente em cada sujeito, que segundo Bogo (2008 p. 155), “para alguns a mística é simples emoção, para outros é dedicação;

depende da convicção que se tem com a causa objetiva. Manifesta-se de forma desigual, frágil quando é individual, forte quando é coletiva”.

Seguindo essa lógica, a Mística dentro de um movimento social é vista por uma perspectiva objetificada e racional, visualizada somente como um instrumento de coação que leva sujeitos a se encontrarem num espaço para interação e fortalecimento de relações sociais coletivas, unindo-os para conquistarem um objetivo comum. Contudo, para além do que já foi posto, a Mística é um instrumento que causa sentimentos afetivos aos sujeitos participantes, evocando nesses, as memórias e alcançando intimidades na restauração e ressignificação de um sentimento ruim em algo bom, todavia, independente das perspectivas e sensações, a Mística sempre será forte por que une várias pessoas.

Pensar nessa união de pessoas nos faz lembrar que a Mística quase sempre está presente na luta dos Movimentos Sociais, principalmente na Comunidade Viva Deus, no entanto, para os sujeitos isso tudo ainda é um processo de construção e significação, em comparação ao que vivenciaram diríamos como Bogo (2008 p. 153): que “...resgataram este sentido da mística e o trouxeram para a prática política”. Para tanto, a Mística deixa de ser somente um lazer e distração, ganhando assim, um novo conceito como uma estratégia política causadora de união coletiva, por unir sujeitos diferentes dentro de uma mesma atividade e de forma objetiva e subjetiva trazendo formação, educação e conscientização da importância e força do movimento enquanto coletividade.

À vista disso, inferimos a Mística enquanto processo de construção coletiva para criá-la e realizá-la num movimento de autocrítica, no qual segundo Bogo (2008, p. 155):

(...) é um sentimento que passeia delicado e lento por dentro de nosso coração. Como se tivesse mãos, coloca o ânimo em cada pensamento. Mexe no comportamento, no jeito de andar, falar e sorrir; é a força que nos faz sentir, prazer e arrependimento.

Atentando-se a esses sentimentos, o fazer da Mística é dispor de um cuidado com os sujeitos, objetivos e intuitos, desde o fazer chorar e ao sorrir, compreendendo que elas sobrevivem na promoção de sentimentos, façam-se



de forma indireta, direta, objetiva, subjetiva, concreta, dialética e contraditória. Dessa maneira, não existe uma prática de Mística louvável se os sujeitos não a recebem de forma acolhedora e se alvitram coletivamente a participarem, sendo necessário, que se sintam à vontade para uma promoção mais aberta do diálogo e amorosidade.

### **3.3 A Mística e Educação Popular: Caminhos para Amorosidade e Dialogicidade na Superação de Situações-Problemas-Desafios**

Segundo Paulo Freire (1987 p. 107) “[...] a teoria dialógica da ação é que a denúncia do ‘regime que segrega esta injustiça e engendra esta miséria’ seja feita com suas vítimas a fim de buscar a libertação dos homens em colaboração com eles”. Destarte, a Dialogicidade proporciona aos sujeitos uma oportunidade de falar sobre suas realidades e colocar suas necessidades em questão, possibilitando-se assim, abertura para problematizá-las e dessa maneira perceberem quais situações e problemas os impedem de prosseguir, sendo capaz de construir uma estratégia de saída que venha beneficiar principalmente toda a comunidade.

Por conseguinte, entende-se que o diálogo se fortalece quando exerce uma parceria com a Amorosidade. No entanto, para que seja possível a construção de luta que busca atender as necessidades da comunidade é necessária que a amorosidade, no sentido de nosso objeto de estudo, seja compreendida a partir de Paulo Freire (1996), especialmente, quando suas reflexões abordam a relação homem-mulher-mundo, em que o diálogo se apresenta permeado pela humildade e esperança. Em vista disso, implica-se no processo de conhecimento e auto reconhecimento dos próprios sujeitos dentro dos seus espaços, proporcionando-se assim, a organização da comunidade com respeito a essa relação dos sujeitos que a compõe dentro do mundo, as quais já foram construídas antes e não devem ser modificadas.

A amorosidade contém em si a dimensão da alteridade, da questão da outra e do outro, tão diferente e tão igual, vinculado a diferentes grupos socioculturais, com diferentes identidades e dentro de contextos culturais e econômicos diferentes (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO CIDADÃ/SNAS/SG, 2014 p. 39).

Posto isto, a amorosidade com base em Paulo Freire é compreendida como um processo em que as comunidades se reconhecem enquanto sujeitos autônomos e produtores dos seus próprios conhecimentos e saberes, de modo que, possam reconhecer-se enquanto sujeitos que dispõem diferenças socioculturais, identidades e classes sociais, sendo necessário essa compreensão para formularem ações que visem resolver problemas dentro dos seus espaços, por consequência não cogitarem no outro companheiro como um objeto, mas, como um sujeito subjetivo, singular e, sobretudo humano.

Nessa continuidade a Educação Popular intenta beneficiar os sujeitos a partir da construção coletiva, em que os sujeitos passarão apresentar suas angústias, problemas, desafios e interesses, e nesse processo geram conhecimentos e aprendizagens para que consigam criar estratégias em direção a superação das situações-problemas-desafios. Pensando nisso, com base em Hilário dos Reis (2011) e Barroso (2015), as situações-problemas-desafios da Comunidade Viva Deus possibilitam compreender que a aprendizagem se processa por meio de estratégias de enfrentamentos das barreiras ou dificuldades apresentadas pelos sujeitos nos espaços que ocupam.

Com isso, a Mística perpassa vários campos, desde o nosso imaginário ao âmbito espiritual, filosófico, cultural e religioso. Nesse sentido, com base em Bogo (2008) a Mística é um espaço de resistência que alimenta, reestrutura e mantém os movimentos sociais com amor, solidariedade e, sobretudo, os encoraja para resistir na luta.

Pensarmos assim, a Mística em fusão com a Educação Popular, é chegarmos à conclusão de que é algo totalmente concreto, histórico e cultural, fazendo-se presente e intervindo na constituição dos sujeitos que a vivenciaram. No sentido de que, a Mística tem marcado a trajetória de movimentos sociais servindo-se de antemão como instrumento objetivo e subjetivo para formação política, social, identitária e cultural, dos sujeitos que a situa em prática.

Nesse momento, como nos indica Paulo Freire, a Educação Popular faz parte desse mesmo movimento, ou seja, a Mística e Educação Popular traçam relações no sentido em que ambas trabalham com a realidade do sujeito, prática e construção de saberes e conhecimentos, partindo assim, de suas culturas e identidades, objetivando recordar memórias e trajetórias desses sujeitos, no intuito de promover a superação de seus problemas e necessidades.

Compreende-se assim, a Mística e Educação Popular como elementos de fundição quando colocadas em prática, principalmente nos momentos em que se fazem presente na realidade dos sujeitos, tornando-se assim, um instrumento com o potencial para que estes consigam sua autonomia, emancipação e, sobretudo, identificação coletiva com os companheiros que estão em situações semelhantes de opressão e resistência. Para tanto, essa relação entre a Mística e Educação Popular fortalece os vínculos identitários, solidários e afetivos dos sujeitos.

Entre outras coisas, a Mística presente na Educação Popular torna-se física e palpável no momento em que a mesma é construída pelos sujeitos, na intenção de preservarem suas formas de vida, resistência e luta. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de pensar a mística como processos de experiências e vivências que presidem com base em Paulo Freire uma leitura de mundo, realizada pelos sujeitos após criarem a temática e prática da mística baseada em suas realidades.

Conseqüentemente, podemos afirmar com base em Vygotsky (2001, 2003), que essa leitura de mundo é construída pela constituição histórico-cultural dos sujeitos. Dessa forma, o sujeito depreende a sua realidade como um marco temporal e potente instrumento para criar estratégias de superação frente aos seus desafios, logo assim, na criação de estratégias de resistência ele movimenta seu corpo, mente, trajetória de vida, filosofia, fé e cultura.

Portanto, a partir dessas práticas se constroem uma significação do fazer Mística em Educação Popular, porque a significação com base em Vygotsky (2001, 2003) parte desse momento em que o sujeito através de uma

ação concreta, toca, cria, manuseia e se move gerando um produto como resultado da Mística.

Nesse sentido, esse produto pode ser subjetivo, objetivo ou físico, no entanto, ele é principalmente parte do resultado adquirido numa prática centrada pela Pedagogia do Movimento, na qual, com base em Paulo Freire conduz uma significação consciente e crítica potencializadora para uma ação de autonomia e emancipação dos sujeitos.

Semelhantes ações surgem da necessidade de resistirem as opressões sociais, nas quais, refletimos com base em Marx (2007, 2008), como os sujeitos de movimentos sociais a exemplo os que pela lutam pela terra são oprimidos, significando assim, a possibilidade de identificarmos esses processos como um movimento histórico e dialético, já advindo da construção de um sistema político e econômico feudalista, que desde antes, previamente apresentava o campo e seus sujeitos subordinados à uma lógica capitalista imposta pelos detentores dos meios de produções e capital. Sem embargo, pressagiaríamos que atualmente (século XXI) vivenciamos em meio a uma subordinação capitalista neoliberal "moderna", sustentada na base do lucro simbólico e físico (dinheiro), na qual o trabalho é o principal suporte.

Em vista disso, Engels (1898) reflete essa visão de que o homem foi se desenvolvendo enquanto sujeito ontológico através do trabalho, promovendo assim, o desenvolvimento humano de algumas partes do corpo e da mente. Ainda assim, antigamente o trabalho era um instrumento para manutenção da vida humana, mas com o avanço da industrialização e da propriedade privada na Europa no século XIX, tornou-se um instrumento para escravizar seres humanos, passando-se a ser utilizado por via da lógica capitalista apenas como objeto de lucro.

Refletindo-se acerca do capitalismo descortinamos o quanto é cruel essa lógica capitalista, visto que chegamos à conclusão de que essa visa somente manter o poder e capital nas mãos de poucos, para que esses dominem a maioria. Assim sendo, o proletário é um sujeito com base em Marx

(2007), que não domina os meios de produções e nem o capital, no entanto, é apenas possuidor de força de trabalho.

Diante de todas essas reflexões, avistamos o trabalho que levou o homem ao processo de formação de um ser ontológico se volver a um instrumento de opressão. Contudo, o trabalho ainda pode ser uma prática consciente, crítica e reflexiva que direciona os seres humanos a processos de emancipação, autonomia e igualdade.

Perante a toda essa opressão e contradição marcada pelo trabalho e capital, intentarmos a Mística e Educação Popular é considerá-la trabalho, onde a mesma possui conexão ao movimento, força, prática e realidade dos sujeitos, sendo assim, dependentes da força de produção humana, contudo, não uma força de produção capitalista, mas de sujeitos produtores do saber-amor-poder fundamentando por Renato Hilário dos Reis (2011) em suas práxis como Educador Popular.

#### 4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

“Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1984, p. 89)

Nesse contexto, com a necessidade de uma educação libertadora, essa pesquisa partiu-se da perspectiva metodológica prático com base no Materialismo Histórico Dialético de Marx (2007), nos escritos práticos de Paulo Freire (1967, 1987, 1996) e Histórico – Cultural de Vygotsky (1995, 1996, 1997, 2001, 2004, 2007). Sendo assim, necessários para compreensão da constituição do sujeito histórico-cultural e dialético dentro de um sistema capitalista, tendo em vista, como um processo de construção e desenvolvimento metodológico a abordagem da Pesquisa-ação em Thiollent (2009) e Pesquisa Qualitativa em Minayo (2001, 2007). Consequentemente, trabalhamos com as ferramentas: situação-problema-desafio com base em Hilário dos Reis (2011) e Barroso (2015), Círculo de Cultura, Palavra Geradora e Texto Coletivo com base em Paulo Freire (1987).

Diante disso, com o Materialismo Histórico Dialético de base Marxista, tornou-se possível a construção metodológica de pesquisa pautada na compreensão de um sujeito que tem suas relações sociais construídas e reconstruídas dentro de um movimento da história, que se define dialético, ou seja, em um movimento de transição envolvendo a sua relação com outros sujeitos no mundo, que são interferidas pelo sistema político econômico dominantes em seu tempo.

Com tudo isso, refletimos com base em Vygotsky (2003) a construção de noção sobre o sujeito Histórico-Cultural, que parte dessa base Materialista Histórico Dialética Marxista, compreendendo-o como um ser constituído pelas relações sociais vividas nos espaços e movimentos de sua história, família, igreja, comunidade, escola, dentre outros. Perante o exposto, é a partir dessa constituição que compreenderemos, porque o sujeito pensa e age de certas maneiras na sua relação com outros no mundo.

Para tanto, com base em Lőwy (2000), o Marxismo surge nessas raízes do historicismo, mas com uma perspectiva crítica pautada no Materialismo Histórico Dialético, que buscando ver a “objetividade científica” de uma ótica cognitiva partiu da classe proletária, mesmo tendo seus processos de construção no início da revolução dos pequenos burgueses, na qual tiveram como principais influenciadores Marx, Lukács, Lenin e Hegel. Em vista disso, os seguintes influenciadores saem numa proposta de defesa ideológica, de que deve ser assegurado uma consciência a classe dos proletários em relação ao sistema capitalista opressor, pautando-se no conhecimento do seu surgimento, bem como esse se modificou, transformou-se e desenvolveu-se, a partir de um movimento dialético, nos quais, as classes sociais são a objetividade de análise científica social.

Sendo assim, Lőwy (2000) enfatiza que diferente do positivismo e historicismo, o marxismo defende a quebra da “falsa neutralidade”, mostrando assim, que cada perspectiva metodológica da “objetividade científica-social” parte de um campo de visão ideológico que visa beneficiar determinada classe social, seja ela burguesa ou a proletária. No entanto, a diferença é que o positivismo e o historicismo estavam muito ligados na defesa das classes determinantes, existindo-se assim, uma naturalização sociológica que defende o estado natural das coisas, contudo, o marxismo propõe uma práxis que objetiva intervir por meio da criação de uma consciência de classe no proletário (minoría), para que ele (a) possa modificar as relações sociais impostas pela classe dominante (capitalista/burguesa).

Nesse contexto, Santos Filho e Gamboa (1997) ao pensar o Marxismo dentro da Pesquisa Educacional no quesito das discussões de polarização entre o paradigma quantitativo e qualitativo, relatam que os pesquisadores enfatizaram bastante no Positivismo e Fenomenologia, deixando-se de lado um terceiro aspecto que é o Materialismo Histórico. Todavia, as discussões com base em Marx proporcionam um grande avanço da perspectiva dialética no idealismo alemão, com relação ao conceito de sujeito e objeto, porque a dialética proposta resgata o caráter relacional do processo de produção do conhecimento.

Nesse movimento crescente, Santos Filho e Gamboa (1997), declaram que Hegel vem criticar o falso idealismo sujeito-objeto por conta de incentivar um objetivismo e subjetivismo. Sendo assim, em relação as categorias quantidade-qualidade, as pesquisas com enfoque dialético no que se refere às técnicas, geralmente utilizam as historiográficas tratando as dimensões quantitativas e qualitativas dentro do princípio de movimento.

Em vista disso, seremos guiados por outras perspectivas epistemológicas e metodológicas práxicas, ligadas ao Materialismo Histórico Dialético com base nos escritos de Paulo Freire: *Pedagogia do Oprimido* (1967), *Educação como Prática de Liberdade* (1987) e *Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa* (1996).

Primeiramente Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1967), mostra-nos de que forma somos oprimidos dentro de um sistema capitalista e neoliberal, na qual tenciona excluir e reter direitos do proletário pelo fato desse não dispor de capital, conseqüentemente, a sua força de trabalho é explorada pela burguesia. Com isso, Paulo Freire (1967) nos viabiliza uma reflexão sobre o lugar que o oprimido assume na luta de classes e de que forma o sujeito contrapõe-se frente a tantas mazelas causadas pelo sistema, no qual em alguns momentos pode trazer à tona a sua personalidade opressora, e assim, fazer com esse trate mal outros sujeitos que vivem na sua mesma condição social.

Devidamente quanto a isso, a obra “*Educação como Prática de Liberdade*” de Paulo Freire (1987), traz a seguinte reflexão práxica, na qual somente a Educação é libertadora no momento em se propõe a respeitar o saber epistemológico dos sujeitos, visando assim, ser construída na compreensão de suas relações com o mundo, para que o mesmo seja capaz de alcançar a conscientização e emancipação humana em suas práticas sociais de vida. Nesse sentido, a educação é libertadora no momento em que os sujeitos pelas próprias práticas de vida e resistência, procurem transformações sociais e melhorias de vida, através da superação de suas situações-problemas-desafios.



Diante desse contexto que é desafiante, dialogamos com a obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários às práticas educativas” (FREIRE, 1996), na qual, oportuniza a compreensão de autonomia como sendo um processo em que o sujeito na sua relação com o mundo, tende a respeitar saberes epistemológicos de outros sujeitos, a partir da construção de uma prática docente social e ética, que objetiva promover a curiosidade por via da dialogicidade e amorosidade. Desse modo, contribuem para que os sujeitos se unifiquem enquanto coletivo, criando assim, práticas que resolvam problemas individuais e comunitários frente ao sistema capitalista, no qual os transverte como sujeitos participantes de relações dialéticas e contraditórias.

Para tanto, pensarmos na dialética e contradição voltamo-nos a Comunidade Viva Deus (acampamento), local que o conflito é algo inerente ao processo de luta pela conquista da terra, e assim, várias políticas públicas essenciais para a vida são negadas, a exemplo, educação, água, saúde, lazer, dentre outras. Conseqüentemente, por conta de tais demandas, em 2015 a comunidade procura a Universidade Federal do Maranhão na pessoa da Professora Betânia Barroso solicitando ajuda nessa luta e resistência pela conquista da terra, adiante desponta-se o Projeto “Escola Comunidade Viva Deus” no ano de 2016, seguido de ações para alfabetização de jovens e adultos e idosos, e formação política no barracão da Associação. Isto posto, o projeto organizado pelo GEPEEP transforma-se em pesquisa-ação por conta da própria necessidade dos sujeitos e do grupo de pesquisa. Sendo assim:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativos (THIOLLENT, 2009, p. 16).

Desse modo, a pesquisa-ação realizada pelo GEPEEP e Comunidade Viva Deus entra na perspectiva de contribuir para a alfabetização, emancipação e autonomia desses sujeitos, por conta desse enfrentamento ao sistema capitalista opressor, representado pela empresa Suzano Papel

Celulose. Quanto a Suzano, suas ações são voltadas para tomadas de terras por meio da violência física, verbal ou simbólica, e transformando-se em um dos maiores problemas coletivo da comunidade, em que dificulta a legitimidade da terra e realização do Projeto de Assentamento (P.A) pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Quanto aos processos de realização da pesquisa-ação, primeiramente efetuamos um levantamento das situações-problemas-desafios com base em Hilário dos Reis (2011) e Barroso (2015), possibilitando-nos compreender de que forma a aprendizagem se processa por meio de estratégias de enfrentamentos das barreiras ou dificuldades apresentadas pelos sujeitos nos espaços que ocupam. Sendo assim, “a pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação” (THIOLLENT, 2002, p. 4). Para tamanho, em espaços de interlocução com a Comunidade Viva Deus e GEPEEP, são realizadas rodas de conversas para apresentarem os problemas e assim, criarem soluções para superá-los de forma coletiva. Conseqüentemente, nesses momentos de ação e intervenção são construídas aprendizagens e significações aos sujeitos participantes, comunidade e GEPEEP.

Ainda assim, para que seja levantado as situações-problemas-desafios, utiliza-se dos instrumentos metodológicos com base em Paulo Freire (1987), bem como o Círculo de Cultura, Palavra Geradora e a produção do Texto Coletivo. Quanto a esses procedimentos, são mediados pelos sujeitos do GEPEEP em diálogo com os participantes do Projeto Escola Comunidade Viva Deus no Barracão da Associação.

Nesses momentos de encontros, as cadeiras sempre são organizadas em forma circular e assim, acontecem as reuniões, assembleias, alfabetizações, festas, formações políticas, místicas e encontros comunitários, nos quais, geralmente os sujeitos apresentam os principais problemas que enfrentam naquele tempo presente. Diante disso, é escolhido pelos sujeitos nesses encontros uma palavra geradora, dessa maneira, a identificada como mais recorrente nas falas será base para criação de

algumas estratégias de enfrentamento e superação das situações-problemas-desafios apresentadas, contanto, que essas ações detenham objetivos e alcance de resultados coletivos.

Por conseguinte, entrevemos segundo Thiollent (2009, p. 18), que “com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. Em vista disso, pelo fato de estarem inseridos no grupo e pensando coletivamente estratégias para mudanças, os pesquisadores não são mais meros observadores, no entanto, são sujeitos que modificam e interferem na realidade por assumirem também uma voz de interlocutor e mediador nas relações e ações coletivas.

Para que seja possível compreender os contextos de educação e coletividade na Comunidade Viva Deus, desempenha-se Círculos de Cultura, que com base em Paulo Freire (1967, p. 14):

[...] O círculo se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica. Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas do grupo, mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social.

Contanto, nos Círculos de Cultura realizados na associação da comunidade os sujeitos apresentam seus problemas, necessidades, conflitos, angústias, experiências e práticas de vida, tudo isso, no intento de buscar soluções coletivas que os resolvam. Nesses processos, refletimos segundo Barroso (2015, p. 185), que “por meio da experiência ativa, dialógica e dialética de um sujeito com o outro e suas múltiplas vozes, o ser humano é impulsionado a aprender, a desenvolver-se e a enfrentar as várias situações-problemas-desafios”. Nessa compreensão, proporcionando aos sujeitos da comunidade reuniões e encontros coletivos, sejam eles para processos educativos ou formação política, incentiva-se o diálogo, troca de experiências e objetivos comuns de superação das situações-problemas-desafios.

Sendo assim, os sujeitos da comunidade por via desses encontros coletivos identificam o que está causando-lhes tamanha angústia, temperamentos fáceis de serem elevados, doenças fisiológicas e mentais.

É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. (FREIRE, 1967 p.11).

Ou seja, no Círculo de Cultura se quebra a visão de educação que têm os (as) alunos (as) como sujeitos passivos e o (a) professor (a) como sujeito ativo, de maneira que, essa desconstrução para a construção de uma outra consciência é realizada, a partir de uma educação popular em que os sujeitos junto com o (a) mediador (a) formulam suas metodologias, conteúdos e práticas visando necessariamente partirem de suas realidades e necessidades. Diante disso, no Círculo de Cultura com os sujeitos da Comunidade Viva Deus, realizamos Formação Política, Alfabetização de Jovens Adultos e Idosos, Terapia Comunitária Integrativa, produção de textos coletivos, discussões, danças, místicas, poesias, músicas, arte (pintura), saraus e outros momentos lúdicos, que provocam diálogos e amorosidades para que possam se reconhecer um no outro e desenvolver uma noção de coletividade pautada na solidariedade e união.

Nesse sentido, os temas geradores trabalhados sucederam-se com base em Paulo Freire (1967), voltados para as próprias questões da comunidade, entre elas, educação, luta pela conquista da terra, saúde mental, solidariedade, diálogo, união, trajetórias, compreensão, estratégias, reflexão, trabalho, lazer e outras. Consequente, cada tema escolhido nos encontros definira-se pelos sujeitos da comunidade e pelas suas necessidades urgentes naqueles momentos.

Esses temas geradores foram trabalhados por intermédio das místicas, uma das categorias centrais dessa pesquisa, que segundo Bogo (2008, p. 150), “[...] ela é a motivação que nos faz viver a causa até o fim. É aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não, quando nos solicitam ajuda”. Portanto, a mística engendra nesses sujeitos da comunidade a ressignificação dentro da luta, motivando-os a recriarem estratégias para conquistarem a vitória.

Neste sentido, a mística se expressa de muitas maneiras. Cada militante, homem e mulher dão de si, aquilo que possuem como carisma, talentos ou habilidades, cooperando e oferecendo-se como

elementos centrais do programa, sendo a parte física e mental da tática e da estratégia do programa. (BOGO, 2008 p. 150).

Deste jeito, a mística invoca as habilidades de cada sujeito da Comunidade Viva Deus, principalmente nos momentos em que são realizadas atividades, encontros, formações e reuniões. De modo que, os sujeitos apresentam-se construtores dos seus próprios processos de luta, sejam eles, cozinhar para os companheiros, limpar os espaços, ornamentarem, criarem músicas, cantar, dançar, recitar poesias, realizar formações ou orientar os companheiros. Assim sendo, presente a esses processos, os sujeitos experienciam bases para a construção de algo coletivo não deixando ninguém de fora.

Nesse sentido, para com os sujeitos nenhuma ação é imposta, ou seja, cada um (a) escolhe o que aprecia realizar, conduzindo sua constituição nas próprias práticas, sejam elas de trabalho, dança, canto e mística. Nesse caso, “... a mística enfim é uma força crítica que ajuda na prática política a garantir o rumo e a unidade. Mas, de nada vale querer o socialismo se não cultivarmos o companheirismo, a alegria e a afetividade” (BOGO, 2008 p. 98). Contanto, reforçamos que a Mística pôr as vezes assumir um papel de instrumento subjetivo, não necessariamente envolve como resultados apenas sentimentos e trabalho, mas é uma prática que se deve efetivar consciente e objetivamente quando se pensada na luta coletiva contra o capitalismo. Sendo assim, compreender essa força da mística como causadora de união entre sujeitos é essencial para criarmos laços de companheirismo e solidariedade, formando assim, um movimento sólido em busca por igualdade.

Diante disso, a realização do Projeto Escola Comunidade Viva Deus trabalhado desde 2015 até o presente momento, constitui-se por meio da alfabetização de Jovens Adultos e Idoso, formação política e mística. Para tanto, são realizados encontros duas vezes por semana, com a intenção de incentivar o enfretamento ao capitalismo e suas opressões, além de que, o foco central é uma construção de uma consciência e autonomia, visando-se

maior facilidade nas resoluções de situações-problemas-desafios coletivos. No entanto,

O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível, não segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada (THIOLLENT, 2009, p. 51).

Frente a isso, a dinâmica de pesquisa-ação presente na Comunidade Viva Deus é um processo flexível, no qual, muitas das vezes chegando-nos a associação para realizar as atividades de alfabetização e formação política antes planejadas com base na palavra geradora escolhida para o mês, deparamo-nos com algum problema que a comunidade esteja enfrentando e precisa resolver urgentemente, adiando-se assim, a dinâmica anterior proposta. Assim sendo, necessitamos reunirmos para discutir acerca desse problema, e com isso, buscarmos naquele momento a criação de ações rápidas que visam conter ou resolver a situação-problema-desafio, de modo que, após a superação da mesma, seja necessário reformular outras ações e estratégias para que o grupo retorne à organização anterior, reabrindo-se a caminhada em busca da vitória.

Nesses processos de continuidade deparávamos com o paradigma da pesquisa Qualitativa em Educação, no qual com base em Santos Filho e Sanchez Gamboa (1997) é discutido a metodologia quantitativa versus a qualitativa dentro das perspectivas metodológicas das Ciências Humanas e da Educação, no sentido dos processos metodológicos de mudanças e transformações desses paradigmas e dicotomias dentro do Positivismo, Pós-positivistas Fenomenologia e Materialismo Histórico e Dialético.

Sendo assim, essa discussão se encontra dentro dessas perspectivas metodológicas quanto as polarizações entre quantidade-qualidade, sujeito-objeto, explicação-compreensão e outras. Diante disso, Santos Filho e Sanchez Gamboa (1997) apresentam os contextos desses paradigmas nas pesquisas dos europeus e americanos, pela seguinte questão de ser necessário a compreensão dessa quebra das pesquisas metodológicas positivistas quantitativas e o surgimento das pesquisas qualitativas pós-

positivistas, ressaltando-se assim, que o surgimento dessas mudanças é por conta dos seguintes países estarem passando por muitos problemas sociais e econômicos, na qual a perspectiva quantitativa não conseguia mais compreender e resolver.

Refletindo sobre esses paradigmas, para Minayo (2001) é compreender que “a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza”, por exemplo:

Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2001, p. 22).

Sendo assim, com base nesses pressupostos da pesquisa qualitativa, torna-se necessário entendermos que o sujeito não será tratado como um número ou fator consciente, todavia, é compreendido como sujeito constituído por ações, sentimentos, racionalidade e relações sociais subjetivas e objetivas, nas quais precisam ser descritas e analisadas, logo então, a pesquisa é uma...:

[...] atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 2001, p. 17-18).

Para tanto, a construção dessa realidade pautada na relação dos sujeitos da Comunidade Viva Deus com o mundo, fazem parte de um processo de ação e reflexão sobre a realidade concreta que vivenciam, na qual é condicionada pelo sistema opressor/capitalista, no entanto, a mesma caracteriza-se como enfrentamento a sua própria realidade e transformação dos problemas que os afligem, de modo que percebem a Universidade (GEPEEP) como colaboradora não só em processos de pesquisa e

investigação, porém, como um grupo pautado com interesses e objetivos em comuns.

Conseqüentemente nessas relações entre GEPEEP e Viva Deus foram realizadas observações, diálogos e entrevistas, por meio de escuta de suas histórias e memórias de vida, sejam elas particulares ou vivências coletivas que tiveram nesses dezessete anos de luta, sendo assim, os seguintes instrumentos colheram resultados nas quais auxiliaram na reflexão e quebra de paradigmas hipotéticos que poderiam impedir uma Mística Popular.

Nesses processos de pesquisa temos outros instrumentos, a exemplo o diário de campo e caderno de notas, servindo assim, para descrever observações, reflexões, sentimentos, sensações, nas quais são pautadas em nossos objetivos de pesquisa e relações sociais entre pesquisadores-sujeitos, construídas dentro da Comunidade. Assim sendo, o caderno de notas é um instrumento para lembrarmos de sermos mais descritivos na construção do diário de campo, nesse sentido, é um instrumento para nos reorganizarmos e avaliarmos como estamos efetivando a pesquisa, e de que forma podemos melhorar e traçar ações futuras.

Frente a essas funcionalidades do diário de campo e caderno de notas é construído dados, no entanto, as mesmas partem de uma observação participante que na pesquisa-ação:

Definimos observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está numa relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (SCHWART & SCHWART, 1995, p. 355, apud MINAYO, 2007, p. 273-274).

Perante a isso, a observação participante é o momento em que estamos dentro da realidade da Comunidade Viva Deus vivenciando e participando das ações e das relações sociais, nas quais são construídas por sujeitos que acolhem os pesquisadores e sentem-se à vontade para falar de suas vidas e inseri-los em suas práticas de vida cotidianas. Nesse momento, as relações sociais constituíssem a partir do contato entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, num processo de partilha das constituições humanas,



com isso, seu surgimento pode ser relacionado a questões de identificação mútua ou apenas interesses distintos que necessitam de coletividade.

Em consequência desses processos, realizaram-se com os sujeitos do GEPEEP e Viva Deus entrevistas semiestruturadas e informais, nas quais foram descritos os relatos, histórias, observações e reflexões acerca do que é pensado e avaliado quanto as /místicas realizadas, e de que forma influenciaram suas vidas. Diante disso, foram registradas fotografias, áudios e imagens, na intenção de compreensão dos processos metodológicos e da produção do conhecimento sobre a Mística Popular. Esses dados foram analisados a partir das perspectivas metodológicas adotadas nessa pesquisa, nos quais, os resultados são apresentados no capítulo a seguir.

## 5. UMA MÍSTICA POPULAR MARCADA POR DIALOGICIDADE E AMORISIDADE

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. (PAULO FREIRE, 1986).

Diante dessa reflexão acerca da educação e seu dever, faz com que nos lembramos do dia 23 junho de 2019, no qual em uma das nossas experiências de pesquisa na Comunidade Viva Deus se é colocado em prática pela primeira vez a mística, momento esse marcado por vários sentimentos, entres esses o medo, arrependimento, lembrança, nostalgia, cuidado, susto, ansiedade, diálogo, amorosidade, afetividade, fuga e frustrações. Perante a isso, são alguns dos vários sentimentos que vivenciamos e colhemos antes e depois de uma prática em mística popular.

Lidar com os problemas individuais e coletivos exige ética, responsabilidade e sensibilidade, visto que seres humanos não são apenas objetos físicos, porém, são constituídos de mente, corpo, espírito e alma (para os que acreditam).

Nessas experiências com místicas perdeu-se a conta dos sentimentos de medo e ansiedade que os pesquisadores do GEPEP sentiam ao realizar ou até mesmo mediar uma prática em mística, pela seguinte questão dessa proposta ainda ser um desafio que exigia bastante responsabilidade de quem a propôs. Diante disso, perguntava-me sempre: “e se as místicas mediadas por eu causarem danos permanentes a esses sujeitos? E se eu me frustrar por não alcançar os objetivos propostos? Se me verem como um sonhador? Quais os riscos de gerar sentimentos nesses sujeitos, que nunca deveriam, mas que poderiam vim à tona? ”

Nesse sentido, para que alguns erros fossem evitados, encontramos a solução com base na amorosidade, dialogicidade e círculo de cultura defendida por Paulo Freire (1986). Primeiramente, necessitávamos conhecer os sujeitos da comunidade de uma forma profunda e o diálogo foi extremamente importante, pois a dedicação em ouvir o outro num processo de alteridade, possibilitou-se conhecer suas histórias, trajetórias, memórias,

medos, anseios, problemas biopsicossociais, objetivos de vida, sonhos, lutas e perspectivas de futuro.

Diante disso, a seguinte proposta de pesquisa em mística se torna viável pelo fato de que o projeto Escola Comunidade Viva Deus desde 2015 já vinha desenvolvendo processos de amorosidade e dialogicidade para com os sujeitos. Para tanto, essa anterior inserção do GEPEEP na comunidade possibilitou as várias produções acadêmicas sobre as situações-problemas-desafios enfrentadas pelos sujeitos, trazendo suas lutas e conquistas por meio da produção de artigos, relatorias, textos coletivos, artes plásticas, processos judiciais, fotos e vídeos, dentre outras produções.

Conseqüentemente ao chegar na comunidade no ano de 2018, tive assim, uma noção prévia das principais situações-problemas-desafios da comunidade, nas quais são, a luta pela terra, alfabetização de jovens adultos e idosos, falta de assistência em saúde, lazer, educação, água, violência simbólica, assédio moral, assim como, a violência física causada principalmente por sujeitos e instituições externas, que em muitas vezes gerava a desunião e conflitos internos entre os próprios sujeitos da comunidade.

Logo em consequência disso, se é colocado em prática uma mística e educação popular guiada para resolver as principais situações-problemas-desafios da comunidade, de modo que fosse coletiva. Nesse sentido, recordamos nitidamente a primeira fala ainda de forma subjetiva para com a comunidade cogitando o início de atividades artísticas nos momentos de encontros, ou seja, não foi declarado objetivamente que seriam místicas, mas ficou sobre o ar a possibilidade da existência de momentos musicais, poesias, artesanato, dança, atividades físicas, desenho, banhos em rios, entretenimento, festas e lazeres.

Para tanto, o anúncio ocorreu quando todos/as estavam no micro-ônibus da UFMA em deslocamento da comunidade para a cidade, e ao ser colocado em questão a mística de forma ainda informal aos sujeitos, **Dna. Zizi** pediu um momento de fala para se expressar:

Oh meu filho, vai ser bom demais, porque ali não temos isso, estamos precisando de momentos assim, distração, diversão,

momentos para conversarmos e se reunir, fazer um artesanato e cultura da comunidade, porque passamos tanto apherio ali, um momento de distração é bom, se tivesse uma dança para nos exercitar seria tão bom, pra nossa saúde.

Diante de sua fala, outros sujeitos também quiseram expressar o que pensavam a respeito, logo, **Dna. Eunice** entra na conversa e relata que: “seria tão bom um fitdance e momentos para unir a comunidade”. Dando assim continuidade aos momentos de fala, **Dna. Zenilde** relata que o “exercício para nós velho seria muito bom, e música para o Silvio ele ia gostar demais”. Posto isto, naquele momento de diálogo dentro do ônibus se é despertado uma percepção de que apesar de os sujeitos não saberem exatamente que tudo isso que desejavam se conceituava em mística, no entanto, havia-se já uma noção de que essas atividades são extremamente importantes para suas vidas, em detrimento do seu lazer, saúde, união e diversão.

Quanto a essa experiência, é perceptível que os outros membros da comunidade despertaram curiosidades e se mostraram dispostos a essa *aventura*, mostrando assim, o desejo do acolhimento para a mística, que logo após conheceriam e se apropriariam como mais um instrumento de luta.

Entretanto, antes do início de tudo precisávamos ser mais claros e objetivos com a comunidade, com qual a cumplicidade e sinceridade sempre estiveram presentes em nossa relação GEPEEP - Comunidade Viva Deus, surgindo-se assim, nos momentos de encontros e formações políticas dentro do barracão uma apresentação do projeto de pesquisa sobre a mística.

Perante a esse momento, os sujeitos ficaram apaixonados e compreenderam a mística como algo já existente e praticado há muito tempo. Para tanto, a mística a partir disso se tornou algo comum em boa parte das atividades realizadas com a comunidade, sendo assim, um instrumento objetivo e necessário para fortalecimento dos sujeitos na luta, despertando-se processos criativos e discutindo suas situações-problemas-desafios, criando-se assim, alternativas e soluções para os mesmos. Nesse propósito, eram mais presentes as formações políticas e alfabetização na escola Comunidade Viva Deus, no entanto, com a chegada da mística a partir de

outra perspectiva, torna-se assim, um instrumento com grande potência de contribuição nos processos de Educação/formação que visam a liberdade dos sujeitos.

Em visto disso, é necessário reforçar que a mística ocorre em todos os momentos, seja de forma objetiva, subjetiva, irracional, racional, concreta e abstrata, assim sendo, a mesma pode manifestar-se da casualidade, organização e sistematização. Conseqüentemente, a mística cria objetos materializados através de suas atividades, assim como sentimentos e coisas não palpáveis, entres esses, as significações, conhecimentos, memórias, histórias e trajetórias.

Quanto a esse assunto das atividades, a mística causa nos sujeitos um processo de significação, no qual com base em Bakhtin (1989), é gerado por meio do movimento no interior do sujeito ao vivenciar essa atividade, seja ela de cantar, escrever ou dançar. Logo, o conceito que o sujeito levará sobre esses momentos é dirigido ao seu próprio organismo, ou seja, seu individualismo, determinando-se antes de tudo, no contexto de sua individualidade, do *eu*.

Perante a essas reflexões, Hilário dos Reis (2011, p. 97) exemplifica a compreensão desse desenvolvimento individual, na qual a “individualidade humana se dá em um processo histórico, segundo condições específicas de um determinado momento histórico das forças produtivas e das relações sociais características destas”. Nesse sentido, toda atividade que exercemos possibilita o aprendizado acerca de algo, mesmo que seja somente sentimentos, diante disso, a exemplo o fato do sujeito desenvolver a criação de um poema, pois ele quer declarar algo, falar sobre um sentimento ou somente contar uma história, e no momento de termino dessa construção poética, objetivamente a pessoa cria um produto, sendo esse, a poesia escrita no papel. Conseqüentemente a criação desse produto ganhou-lhe um sentido, ou seja, gerou a significação, seja a de libertação, desabafo, exposição, tarefa concluída e conquista.

## 5.1 Processo Histórico-Cultural da Mística na Comunidade Viva Deus

Pensarmos no processo Histórico-Cultural da mística na Comunidade Viva Deus é compreender a ontogênese humana conceituada em Vygotsky (2001, 2007), sendo-a como um processo de formação do sujeito a partir de sua realidade, história, memória e espaços de convivência, ou seja, a mística é um ser vivo que se modifica dialeticamente na história e quando formada por sujeitos atua também na formação de outros, sendo assim, um processo vivo e inerente a constituição humana.

Ante o exposto, a mística na Comunidade Viva Deus é um processo ontogenético não somente físico, no entanto, é abstrato, objetivo e subjetivo, que está presente nos processos do desenvolvimento humano, assimilando-se a uma árvore no momento em que o vento bate em seus galhos e é derrubado os frutos ao chão, esses com o tempo se decompõe e espalham as sementes pela terra, na quais com o tempo iram germinar e transformarem-se em outras árvores frutíferas.

Lembramo-nos como fosse hoje, a primeira mística guiada com intuito de resolver o problema de desunião entre a maioria dos sujeitos da comunidade, o mesmo é resultado de histórias que surgiram, na quais relatavam que alguns membros da comunidade estavam vendendo pedaços de terra dentro da área de reserva amazônica.

Diante disso, **Dna. Eunice** (2019) relata a seguinte suposição em um trecho de fala na reunião com a comunidade: “Chegaram-se boatos que aqui na comunidade fulano está vendendo lote dentro das suas terras por 2 mil reais, e uma das compradoras é nossa conhecida, a fulana”, perante ao exposto, concluímos em reunião que esses boatos foram espalhados por agentes externos à comunidade, chegando aos moradores para desmobilizá-los e espalhar o caos.

Continuando-se o diálogo para buscar soluções, o presidente da Associação **Silvio** (2019) relata que: “Tive que convocar uma reunião pra verificar a situação e saber a verdade”. Nessa situação, o encontro com os moradores é marcado pela exaltação de ânimo dos sujeitos presentes e brigas, passando-se assim, um clima de tensão por vários dias na

comunidade, causando-se o afastamento de alguns sujeitos quanto as atividades coletivas na associação.

Por conta dessa situação alguns moradores como Dna. Zenilde, Gato Félix, Barbosa, Zizi, Ceará, Eunice e Sílvio, relataram o problema para o GEPEEP e solicitaram que criássemos um meio de reaproximar e quebrar essa tensão entre os moradores, perante a isso, nesse momento tivemos a ideia de colocar em prática o instrumento da *mística* como forma de intervenção, em vista de que se havia discutido e compreendido a problemática anteriormente.

Posteriormente no dia 26 de julho de 2019, era mais um encontro da Escola da Comunidade Viva Deus, no qual nesse dia não realizaríamos alfabetização, pois tínhamos algumas pautas importantes que deveriam ser resolvidas naquele momento. Portanto, ao chegarmos na Comunidade encontramos os moradores de forma coletiva terminando a nova cobertura do barracão da associação, logo então, deslocamos a reunião para o quintal de Dna. Zizi. Diante disso, nossa chegada a sua residência foi marcada por um acolhimento caloroso e um convite para almoçar, a Dona Zizi tinha nos preparado melancia e milho cozido, e como sempre junto ao Ceará foram amorosos com os “seus professores” (forma de se referirem aos integrantes do GEPEEP).

Antes de iniciarmos a reunião, realizamos a *mística do corredor do abraço* com os sujeitos presentes, assim como observamos na Ilustração III.

Ilustração III – Corredor do Abraço



Fonte: GEPEEP, 2019.

Relacionado a mística do corredor do abraço, é uma atividade em que os sujeitos em duas fileiras formam um corredor humano, distanciando-se frente a frente na medida de um braço. Nesse momento, aqueles (as) que estavam na ponta das fileiras, foram entrando de forma individual no corredor de olhos fechados para que não identificassem os companheiros que estavam ao seu redor.

Dessa maneira, os (as) companheiros (as) como observamos na Ilustração III, expressaram uma ação de carinho para com seu colega que passava pelo corredor de forma que se sentiu à vontade, respeitando-se o espaço de cada sujeito participante. Em consequência, houveram beijos nos rostos, abraços, palavras carinhosas e motivacionais entre estes. Perante a isso, enquanto mediador orientei aos sujeitos que nesses momentos aproveitassem para dizer algo que queriam expressar ao colega ou até mesmo uma atitude de afeto, portanto, continuei relatando que em certos momentos do dia-a-dia, falamos um bom dia, expressar um beijo no rosto ou abraço, promove em algumas pessoas o desarmamento de qualquer sentimento ruim que eles/as vêm trazendo de outros espaços ou vivências, com isso, necessitamos aprender a expressar os sentimentos e colocar o afeto e respeito como práticas rotineiras. Assim sendo relacionado a essa experiência da mística do corredor do abraço, eram perceptíveis os olhares e a atenção que os sujeitos demonstravam para com essas orientações, olhares esses que possuíam características de sentimentos de esperança.

Desse modo, a mística com base em Bogo (2008) e a amorosidade em Paulo Freire (1980) tem o intuito de despertar nos participantes uma afetividade, visando-se fortalecer a união e convertê-los mais íntimos, contato que pratiquem formas de afetos que se sentem à vontade, mesmo não tendo anteriormente a coragem de expressar, visto que, alguns espaços de encontro ainda se configuram formalizados e fazem com que as pessoas se sintam inibidas em demonstrar afeto pelo outro. Além disso, a mística proporciona apresentarem um lado bom das coisas, uma vez que orientamos que façam carinho e digam coisas boas a seus companheiros, no sentido, de que essa abertura ameniza quaisquer conflitos entre os sujeitos.



Nesses momentos em coletivo, desperta-se os sentimentos desses sujeitos pela situação de serem colocados como participantes de uma atividade que os intenciona a serem afetuosos, causando-lhes a ressignificação pelas suas próprias práticas de forma que comece a perceber esse processo da mística como algo comum e necessário.

Quando lhes foi apresentado a ideia de realizarmos uma mística se mostraram felizes, embora não disporem ante ao momento de uma real noção da sua objetividade, os mesmos expressaram que precisavam de uma atividade para diversão. Para tanto, os outros sujeitos presentes observavam a tudo com um olhar de inquietude e curiosidade, no entanto, estavam bastante empolgados (as).

Perante o exposto, recordamos de forma clara algumas falas expressadas na realização da mística, a exemplo **Dna. Zenilde** (2019) declarava aos seus companheiros (as): “Você é uma pessoa forte, você têm uma alma bonita, seja sempre essa pessoa do coração bom, não pode desistir”. Em vista disso, ouvimos também **Dna. Zizi** (2019) falando frases que já eram características de sua amorosidade por exemplo: “Você é uma pessoa linda querida, um menino bom” ... “não pode desistir não viu mia fia ... estamos junto contigo”. Por conseguinte, **Gato Félix** (2019) dizia sempre ao abraça-los: “me dá aqui um abraço companheiro (a) véio, companheiro (a) da luta”.

Diante desse momento de falas e ações afetuosas, era nítido que todos estavam ansiosos, sorrindo ao passar pelo corredor, observando uns aos outros, inquietos e atentos para com o mediador e suas orientações, dado que esse momento era inovador e há tempos esperado. Nessa situação, pegamos o celular do João (GEPEEP), nosso companheiro do GEPEEP e colocamos a música “Não me Deixe Só” da Vanessa da Mata (2002):

Não me deixe só  
Eu tenho medo do escuro  
Eu tenho medo do inseguro  
Dos fantasmas da minha voz  
Não me deixe só  
Tenho desejos maiores  
Eu quero beijos intermináveis

Até que os olhos mudem de cor  
 Não me deixe só  
 Eu tenho medo do escuro  
 Eu tenho medo do inseguro  
 Dos fantasmas da minha voz  
 Não me deixe só  
 Que o meu destino é raro  
 Eu não preciso que seja caro  
 Quero gosto sincero de amor  
 Fique mais  
 Que eu gostei de ter você  
 Não vou mais querer ninguém  
 Agora que sei quem me faz bem  
 Não me deixe só  
 Que eu saio na capoeira  
 Sou perigosa, sou macumbeira  
 Eu sou de paz, eu sou de bem, mas  
 Não me deixe só  
 Eu tenho medo do escuro  
 Eu tenho medo do inseguro  
 Dos fantasmas da minha voz

Enquanto a música tocava expliquei aos sujeitos sobre o que é afeto e assim entrava de olhos fechados no corredor humano, diante disso, me abraçavam, beijaram meu rosto e falaram-me coisas lindas próximo a orelha, logo então, a emotividade tomou-me conta, no entanto, precisava demonstrar total controle por conta de estar mediando aquele momento. Ante o exposto, os sujeitos foram entrando no corredor, ocorrendo-se várias trocas de afetos, palavras positivas, carinho, abraços, beijos nos rostos e muitos (as) acabaram chorando. Nessa experiência, a timidez não estava presente.

Consequente, os companheiros do GEPEEP ficaram emocionados com a mística, dado que era muita energia afetiva circulando nessa vivência. Quando terminou a mística do “corredor”, realizamos uma ciranda, na qual cantamos a música “Companheiro me ajude, eu não posso andar só. Eu sozinho ando bem, mas, com você eu ando bem melhor”. Nesse momento, todos (as) cantaram a música alternando entre um tom de voz baixo e alto, sendo possível visualizar em seus sorrisos o sentimento de surpresa e felicidade com aquela atividade.

Observando a passagem dos sujeitos pelo corredor visualizamos que anteriormente estavam tímidos quanto ao contato com seus companheiros, no entanto, após o início já estavam conversando e sorrindo, numa troca de

olhares choravam felizes naquele momento, com isso, os mesmos após a conclusão da mística afastaram-se a outros espaços para conversarem e pedirem desculpas aos seus companheiros (as). Em vista disso, o silêncio entre alguns havia se rompido e as aquelas falas que não esperavam ouvir de seus colegas os deixaram surpresos e felizes.

Em face do exposto, **Dna. Zenilde** (2019) declara que: “eu não esperava ouvir coisas tão bonitas dos meus colegas, até que não tínhamos momentos que nem esse é raro, e ouvir isso dos colegas nos dá força e união”. Consequente a essas declarações **Dna. Eunice** (2019) complementa: “aqui é que nem irmãos, nós briga, mas gostamos uns dos outros, é nossa família, por isso sempre defendi a união, só juntos conseguimos vencer”.

Sendo assim, perante as declarações de surpresa e que denotam o sentimento de fortalecimento da união e coletividade, ainda na ciranda reforcei a importância do corredor do abraço e porque deveríamos assumir como prática rotineira as formas expressivas de afeto e carinho, visto que o companheirismo e amorosidade são pilares para o fortalecimento da resistência, saúde, luta e conquista da terra.

Encerrando-se a ciranda, perguntei a cada sujeito presente que palavra geradora colheram desse momento e como sempre de costume essas denotavam seus sentimentos. Diante disso, as falas debruçavam-se sobre as místicas realizadas e como eram necessárias para esse momento que estavam passando, visto que se sentiram felizes e leves, contato, entre as declarações ressaltavam que esses momentos anteriormente eram raro e deixaram claro o desejo de que fosse realizado mais místicas nos próximos encontros. Chegando-se ao fim desse encontro, Dna. Zenilde, Sr. Gato Félix, Dna. Zizi e Dna. Eunice deixaram conselhos aos companheiros (as) que se mantivessem unidos, desta maneira, conseguiriam vencer a luta.

Em vista disso, devemos destacar a Mística Corredor do Abraço, uma atividade que consistiu na estimulação do sentimento de corresponsabilidade na vida do outro através da afetuosidade. Dessa maneira, os participantes nesse momento tiveram a oportunidade de expressar suas considerações de

afeto para com os seus companheiros e companheiras, amigos, cônjuges e integrantes do GEPEEP.

Posto isto, outro fenômeno presente é a construção de vínculos solidários que partiram da ideia de minimizar os conflitos entre os moradores da comunidade, para tanto, nesse momento da mística e contato entre os participantes manifestaram-se a necessidade dessa atividade.

Durante todo esse processo as falas e expressões dos sujeitos transpassavam sentimentos de emoção, bem-estar comunitário, sobretudo no tocante ao processo de auto reconhecimento e pertencimento dos mesmos uns com os outros e para com os ideais da comunidade. Finalizando esse momento, ao final da mística todos cantaram músicas com conotação de companheirismo e resistência, levando-se assim, ao ponto clímax. Diante disso, a mística encerra-se por uma fala de significação positiva declarada pelos sujeitos, causando-lhes grande emotividade e expressão de afetos ao falar e escutar, conseguinte, as palavras geradoras mais faladas foram “amizade”, “amor” e “união”, não havendo assim, nenhuma palavra de conotação negativa.

Diante dessas três palavras afirmamos com base em Vygotsky (2001) e Bakhtin (1989), que essas são as significações advindas da mística do corredor do abraço e ciranda, momentos esses construídos pelos sujeitos em suas dedicações físicas e emocionais, tendo assim, para os mesmos um significado positivo na reafirmação de que a união é possível quando formada por meio de diálogo e amorosidade.

Entretanto, ao decorrer das místicas tinha-se um sentimento de medo e preocupação, no sentido de que esse momento fosse a famosa “lavagem de roupa suja”, e com isso despertar nos sujeitos ainda mais tensões e conflitos. Porém, a situação se contornou de uma forma tranquila por conta do diálogo anterior realizado em círculo de cultura com base em Paulo Freire (1986), na qual trouxe a possibilidade de levantarmos as situações-problemas-desafios mais emblemática no contexto vivido, e quando colocadas na mesa os próprios moradores da comunidade junto ao GEPEEP

conseguiram criar uma alternativa de intervenção guiada para resolução desses problemas.

Em visto disso, o planejamento que o educador cria antes de desenvolver qualquer instrumento de intervenção pedagógico, a exemplo da mística popular, guiou a possibilidade de desenvolver esse momento. Para tanto, havia uma percepção mútua entre a comunidade e pesquisadores de que assumíamos um papel de sujeitos oprimidos por um sistema maior, na qual era nexos de casualidade nos processos de desunião dentro do espaço e território, no entanto, com o diálogo dessas situações-problemas-desafios identificamos as causas e classificamos quais tinham a relevância de serem resolvidas imediatamente.

Posteriormente em outros encontros com a comunidade nos deparamos com relatos das significações e os resultados positivos relacionada ainda mística do corredor do abraço, ou seja, a experiência se estendeu e alcançou outros níveis dos quais não esperávamos, revelando-se assim, que a mística é marcada por uma potência e significação nesses sujeitos que não pode ser medida e nem encaixada em metodologias prontas.

Diante disso, ainda como resultado desse encontro no qual ocorreram-se as primeiras místicas, foram discutidas a elaboração da II Festa da Colheita na Comunidade Viva Deus, ideia essa possibilitada por conta das místicas, por que antes alguns moradores demonstravam desinteresse e o sentimento de que fosse adiada, em vista do clima antes instaurado que dificultava qualquer atividade coletiva, contudo, o momento de reconciliação foi essencial para que repensassem sobre ações coletivas, logo, a confraternização é marcada por declarações dos sujeitos de que a partir desse dia seria o indicio do fortalecimento da união e lazer da comunidade.

**Tanto que Sr. Silvio** (2019) afirma que: “a festa da colheita é um momento bom para união né, conseguir mais gente pra luta e trazer aqueles companheiros que tão mais afastados das atividades da escola e reunião no barracão”. Nesse contexto, **Dna. Zenilde** (2019) nos apresenta os requisitos para a realização, nos quais: “precisa ser uma coisa bem bonita e que todo mundo possa ajudar né, eu já vou cozinhar um feijão pra todo mundo e levar

no dia”. Contribuindo nesse processo de sistematização, **Dna Zizi** (2019) encerra o diálogo com a seguinte colocação: “vou fazer uns artesanatos para vender pro povo que vier, uns cordões e uns tecidos para eles ver o que nós tanto faz aqui”.

Posto isto, a reunião é encerrada com as proposições de **Dna. Zenilde** e **Dna. Eunice**, reforçando que nas próximas viagens para eventos de articulações da luta da comunidade, andarem todas juntas para não se sentirem solitários, para tanto, é necessário uma cumplicidade e companheirismo convertendo-os mais fortes. Frente a essa questão, não foi algo que ficou somente no campo da discussão, todavia, após essa longa conversa acerca de união, muitos companheiros (as) começaram a viajar coletivamente para os eventos, intercâmbios com outras comunidades, movimentos sociais e congressos, sendo assim, os sujeitos não mais se deslocam sozinhos e a comunidade entra numa busca de mais parceria com outros movimentos sociais.

## **5.2 II Festa da Colheita: A Mística como instrumento de Resistência e Formação Política.**

Aqui a mística é a própria existência. Nasce da vida, das formas de trabalhar, se organizar, conviver e lutar (BOGO, 2008, p. 53)

Portanto frente a essa reflexão que Bogo (2008) nos proporciona, a mística está entrelaçada na vida da comunidade Viva Deus, em vista de que, vivenciaram-se momentos marcantes que a definiram como um dos principais instrumentos de lutas para os sujeitos acampados, colocando-se como parte de seus modos de vida, trabalhar, plantar, colher, formação política, alfabetização, festas e bem viver.

Nesse sentido, quanto aos momentos proporcionados pela mística voltamos ao encontro ocorrido no dia 26 de julho de 2019, no qual foram encaminhadas ações para a construção da II Festa da Colheita da Comunidade Viva Deus. Diante disso, os envolvidos no processo criativo da festa foram estudantes, acampados, professores, movimentos sociais e diferentes sujeitos que apoiam a luta da comunidade. Sendo assim, de certo modo é dado uma centralidade na II festa da colheita como ponto marcante

e indicador de uma mística popular, onde a mesma é criada por diferentes sujeitos e suas realidades, mantendo-se assim, centrada em objetivos coletivos que promoveram formações políticas e processos educativos.

Antes de adentrar nesse momento marcante que foi a II Festa da Colheita, é necessário explicar o contexto do seu surgimento, o mesmo está relacionado a primeira festa da colheita realizada no mês de julho de 2018, na qual é representado pela colheita dos primeiros frutos gerados na comunidade após perderem o medo de plantar em suas terras, uma vez que existia a repressão causada pela empresa Suzano Papel e Celulose atacando as suas roças com fogo e veneno, destruindo assim, suas plantações. Portanto, frente a essa repressão instaurou-se o medo na comunidade quanto a exploração de suas terras para o plantio e geração de alimentos para subsistência.

Diante disso, com a chegada do Projeto Escola Comunidade Viva Deus organizada pelos moradores e GEPEEP/UFMA em 2015, a frente de organização e sistematização da luta é marcada pelo trabalho de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos e formação política, nos quais a palavra geradora plantação foi definida nos círculos de cultura como sendo uma das principais situações-problemas-desafios da Comunidade.

Conseqüentemente depois de um tempo sendo trabalhada a palavra geradora plantação pelo período de 2016 à 2018, era notável nos sujeitos a perca do medo em explorarem seus territórios e as variadas formas de plantações de diferentes alimentos, os quais foram colhidos e apresentados na primeira festa da colheita como observarmos na **Ilustração IV**, sendo realizada no dia 07 de julho de 2018 é marcada pela partilha de sementes e frutos entre os companheiros (as), no intuito de incentivar a diversidade de frutos plantados. Nesse mesmo dia com a experiência vivenciada, resolvo então entrar no GEPEEP e somar na luta pela fixação da terra com a comunidade Viva Deus.

Ilustração IV – I Festa da Colheita



Fonte: GEPEEP, 2018.

Em vista de toda essa experiência vivida na I Festa da Colheita, um ano após é dado início a II Festa da Colheita da Comunidade Viva Deus realizada nos dias 13 e 14 de julho de 2019. Quanto a sua efetividade, foi totalmente vivenciada no acampamento e com atividades em tempo integral. Estiveram presentes trinta e cinco colaboradores externos que não faziam parte do GEPEEP e que não viviam na Comunidade, entre os viventes havia estudantes do ensino básico, universitários da UFMA, UEMASUL e IFMA, militante do Movimento Sem-terra/MST, Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB, Movimento dos Povos do Cerrado, líderes sindicais, professores da UEMASUL, UFMA e vários representantes atuantes no movimento estudantil. Quanto aos viventes que já estavam presentes em outras atividades anteriormente na comunidade, dispusemos da presença interina dos companheiros (as) do GEPEEP, Comunidade Viva Deus I e Viva Deus II, além dos familiares que vieram de cidades próximas como Imperatriz, Petrolina, Coquelândia e Cidelândia.

Relembrando-se dessa festa à conceituamos como um dos momentos mais marcantes vivenciados na comunidade, no qual mostrou-se a potência da mística frente a luta pela conquista da terra, em vista de que o momento que foi desafiador e marcado por várias místicas, nas quais foram construídas



e realizadas pelos sujeitos presentes de uma forma meio que espontânea, no entanto, debruçavam-se sobre os objetivos e temas da vivência na comunidade (Anexo I).

Diante disso, necessitamos recordar que a mística era vivenciada pela comunidade antes mesmo de sujeitos externos chegaram para contribuir na luta, logo, antes da chegada dos visitantes para observarem e vivenciarem um pouco daquela realidade era necessário mostrá-los um pouco do contexto relacionada a luta desses sujeitos, sendo assim, prepará-los para a rede de acolhimento da comunidade. Posto isto, a necessidade baseou-se nas questões de que a mística é um processo marcado por redes de preparo, quando se pensou no deslocamento de sujeitos para territórios e espaços não antes vivenciados, sendo assim, o contato prévio lhes dá subsídio para adentrar com o coração e mente aberta em outras realidades.

Perante a isso, antes do deslocamento da Cidade até a comunidade, encontramos-nos previamente na UFMA para que fosse realizado a mística de acolhimento. Esse encontro ocorreu-se por volta das 08h:30min da manhã no meio do estacionamento da universidade como visualizamos na **Ilustração V**, no local os sujeitos organizaram-se em um círculo para se apresentarem aos companheiros ali presente. Diante dessa atividade dialógica, identificamos pessoas de muitos lugares, a exemplo da cidade de São Luís/MA, Pinheiro/MA, Açailândia/MA, Davinópolis/MA, Porto Franco/MA, Grajaú/MA, Amapá/PN e Imperatriz/MA.

Ilustração V – Roda de Acolhimento



Fonte: GEPEEP, 2015.

Em vista desse momento a imagem acima retrata faces de sujeitos marcados por expressões de curiosidade e ansiedade, uma vez que a mística causa esse sentimento nos sujeitos, intensificando-se a vontade de vivenciar o momento. Nesse processo de acolhimento contávamos com a presença de vinte viventes, dentre estes eram professores, alunos e militantes das causas sociais. Essa atividade foi realizada por meio de três instrumentos, sendo esses, o círculo de cultura, música e dança. Para tanto, as místicas realizadas foram a dinâmica da música “Trepa no Coqueiro”, dança da Ciranda e os Movimentos corporais com base na Psicomotricidade.

Quanto a esses instrumentos apresentamos-lhes detalhadamente cada mística realizada nesse encontro, no tocante a sua descrição, metodologia, objetivos, adesão e resultados negativos ou positivos, por conseguinte, é o exercício necessário para compreendermos a dinâmica e posteriormente buscar corrigir problemas que teriam potencial para serem evitados.

Descrevendo-se a mística do “Trepa no Coqueiro”, considera-se uma atividade engraçada que está presente nos movimentos sociais desde 1960,

sendo assim, há uma primeira versão original surgida nos blocos de Carnavais que após um longo tempo foi readapta pelo MST. Por conseguinte, a mística foi realizada da seguinte forma, na qual todos participantes organizaram-se em círculo e Marcos Lira responsabilizou-se por mediar a atividade, iniciando-se o desafio com a convocação dos presentes por nome, cidade, Estado ou Comunidade, para estarem no meio do círculo

Diante disso, veremos o exemplo de como eram convocados para cumprir o desafio de trava língua: “Agora é o Marcos! O Marcos vai ter que cantar, se ele não cantar direito, sarro dele eu vou tirar...Hey... *Trepa no coqueiro, tira coco, tico, nheco, no coqueiro a beira mar, hey*”. Perante o exposto, o desafio era bastante engraçado pela seguinte questão de que a maioria errava a frase, *travava a língua* e embolava as palavras.

Por conseguinte, outras atividades foram coordenadas pelos professores Ronaldo e Lúcio da UFMA, sendo a dinâmica de psicomotricidade conforme a **Ilustração VI**, na qual envolvia raciocínio lógico, dança e movimentos gestuais. Nessa experiência os viventes organizaram-se em duplas e realizaram movimentos corporais conforme os números orientados pelos professores, e assim movimentariam suas mãos, braços e faces, no sentido de que motivasse a compreensão de um corpo que não é só físico, mas mente, espírito e social. Frente a esse desafio, era uma experiência aparentemente engraçada, no entanto, reflexiva por mostrar-nos que precisamos melhorar a nossa psicomotricidade.

Ilustração VI – Atividade de Psicomotricidade



Fonte: GEPEEP, 2019.

Quanto aos objetivos das atividades eram de integralizar todos (as) a partir de um círculo de cultura e cantos, e nesse aspecto foi um sucesso, pois despertou-se a curiosidade, desafiando-se o canto e movimentos dos participantes que erravam ao dançar e cantar, tornando-se o momento extremamente engraçado, divertido e lúdico, com as atividades do canto, trava língua e exercícios psicomotores. Nessas atividades de ludicidade quebraram-se distanciamentos e as pessoas dispuseram a possibilidade de se comunicarem uns com os outros. Para tanto, o foco dessas ações de integração é trazer esse adiantamento da interação entre os viventes/participantes, de uma forma que se conheçam e se reconheçam.

No que concerne a Adesão<sup>3</sup> desse momento observamos uma grande aceitação e dedicação em participar, assim como, despertou-se também

---

<sup>3</sup> Outro ponto que preciso mostrar é que isso também tem um lado negativo, não de modo geral e nem se torna relevância superior comparado aos resultados, a questão é que no momento eu era o moderador e estava cansado e estressado por motivos pessoais e demandas da vida, logo, muitos dos sentimentos do moderador refletem na efetivação da mística, no sentido de que a mesma exige forças e sentimentos de quem a faz e se você não está bem fisicamente ou mentalmente corre o risco de perder o controle e desequilibrar a metodologia em prática, no entanto, no momento não ocorreu isso porque tinha colegas do GEPEEP em auxílio na atividade fazendo com que aquele momento prazeroso não fosse um

curiosidades com os desafios propostos e todos se dedicaram a brincadeira e interação.

Relacionado a tudo vivenciado os resultados foram bem visíveis, no tocante ao sentido de que antes do acolhimento nem todos se conheciam e assim havia aqueles olhares de estranhamento, no entanto, após se apresentarem no círculo de cultura e participarem das místicas quando já dentro do ônibus em deslocamento à comunidade Viva Deus, muitos conversavam, dançavam, ouviam músicas e compartilhavam alimentos entre si.

Deste modo, a palavra geradora advinda da significação desse momento são a integralização, afeto, calor e ânimo, em vista disto, venho em memória uma afirmação e conceptualização importante de Bogo (2008) acerca do que é vivenciar a mística:

De qualquer forma, a mística é esta força calorosa que temos dentro de nós. Assim, como o corpo precisa de uma certa temperatura para permanecer vivo, os sentimentos precisam de vigor, energia, para continuarem quentes. Quando alguém morre, sabemos que muda sua identidade porque seu corpo esfria. A mística é o calor que o ânimo precisa para continuar quente (p. 54).

Diante dessa reflexão existe uma compreensão marcada por uma sensação de missão cumprida, no sentido de que foram necessários as atividades e instrumentos realizados nesse primeiro encontro, para que os viventes despertassem em suas memórias sentimentos e experiências acerca da luta que iríamos vivenciar, ou seja, luta essa que cobra animação, abertura ao diálogo, sensibilidade e o contato físico. Nesse sentido, as atividades realizadas despertaram a curiosidade e animação, na qual foi possível perceber que não estávamos participando de uma vivência somente para estudar, observar ou descrever o que era visto, mas era um momento que precisava ser vivenciado com ações, movimentos corporais e sensoriais.

---

peso maior e nem causasse exaustão, ou seja, uma mística colocada em prática de forma coletiva facilita a prática do moderador e possibilita uma construção popular ativa.

### 5.3 A Mística e suas Raízes na Comunidade Viva Deus.

Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor. Veio  
a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor  
(Cora Carolina, **O cântico da terra**)

Com esse cântico de Cora Carolina compreendemos que a árvore para nascer necessita da terra e para se manter precisa de suas raízes, no sentido de que sem a terra uma árvore não consegue gerar frutos e não existiria vida. Conseqüentemente, a mística na Comunidade Viva Deus é metaforicamente uma árvore, porque ela precisou de um objetivo maior para se tornar instrumento de luta na comunidade, sendo esse a luta pela terra para que a vida perpetue naquela estrada e assim, as raízes que a sustenta são os sujeitos da comunidade, pois sem a terra os sujeitos não colheriam frutos da mística.

Diante disso, a festa da colheita não somente resume-se a comemorar os frutos obtidos pelas plantações na Comunidade Viva Deus, mas as suas memórias, trajetórias, sentimentos, objetivos, planejamentos, resistências e conquistas nesses 17 anos de luta, sendo esse um momento de reflexão, diálogo, união e reconhecimento de suas particularidades, singularidades e subjetividades.

Em vista disso, as raízes de uma árvore possuem uma estrutura para sustentá-la em pé e assim, levarem também a água e sais minerais necessários até o caule para mantê-la viva. Portanto, a festa da colheita é um fruto gerado pela luta da Comunidade Viva Deus, na qual necessita de uma estrutura e organização pelos sujeitos da comunidade e assim sendo, possa ser realizada com objetividade e tranquilidade.

Por conseguinte, a vivência teve uma duração de dois dias, sendo assim, realizada nos dias 13 e 14 de julho de 2019 (sábado-domingo). No entanto, antes de tudo acontecer foram realizadas reuniões com a comunidade e GEPEEP, nas quais definiram-se um cronograma de

atividades, divisão de tarefas, metodologias, objetivos e temas a serem desenvolvidos nesses dias.

Como observamos nos Anexos I a festa foi organizada por um cronograma que apresentava o nome das atividades, horários, objetivos, descrição, materiais necessários para fazê-la, possíveis responsáveis pela logística ou mediação, participantes e observações de possíveis dificuldades que teríamos.

Quanto a isso, um dos principais pontos apresentados nos diálogos realizados anteriormente entre GEPEEP e Comunidade Viva Deus, eram a de que com toda a vivência esperada, não sobrecarregássemos os sujeitos com atividades laborais e logísticas, sendo assim, foram criados os Núcleos de Base (NB's) como pode ser observado na **Tabela III**, onde todos os viventes (GEPEEP, participantes de outras instituições e da Comunidade) foram divididos em grupos para realização das atividades, para que o momento fosse de vivência real e coletiva e não somente de observação.

Tabela III – Núcleos de Base

<b>NB1</b>	<b>NB2</b>	<b>NB3</b>	<b>NB4</b>
Betânia	Marcos	Jullyana	Mônica
Aline	Carlos	João	Rosa
Jean	Bruno	Luan	Mayra
Verônica	Bia	Simone	Camila
Erika	Murilo	Ermosina	Mônica Mourão
Lucio	Maria	Ronaldo	Regilma
Eunice	Luzeny	Raimunda	Bezerra
Maria de Jesus	Maria de Fátima	Juliana Funari	Yndara
Loenara	Gabi		Roseane

Fonte: Lira, 2019.

Perante o exposto, a presente Tabela acima é um demonstrativo da organização prévia dos NB's, nos quais no dia da vivência ocorreram-se algumas modificações, sendo essas, o acréscimo de mais pessoas nesses núcleos de bases. Conseqüentemente, nesses NB's contamos com a presença de viventes, GEPEEP e membros da Viva Deus, e assim sendo,



posteriormente com os NB's formados, definiram-se atividades de forma alternada a serem efetivadas por esses como observamos na **Tabela IV**.

Tabela IV– Núcleos de Base

ATIVIDADES	13/07	14/07
Alimentação	NB1	NB4
Ornamentação	NB2	NB3
Limpeza	NB3	NB2
Segurança	TODOS	TODOS
Mística	NB4	NB1
Relatoria	NB2 (MANHÃ) e NB3 (TARDE E NOITE)	NB1 (M) e NB4 (T e N)

Fonte: Lira, 2019.

Em análise a tabela acima, com base em Bogó (2008) chegamos a uma noção de que a mística é todo processo de organização e divisão de tarefas, mostrando-se presente nos momentos das atividades pelo fato da mesma, ser um processo de criação, ação e intervenção. Para tanto, a mística encontra-se nos mais comuns trabalhos laborais, seja esses os de limpar, passar, cozinhar, ornamentar, dançar, cantar, pintar, organizar e planejar.

Nesse momento, frente ao exposto dessa organização relatamos assim, uma parte desse momento da II Festa da Colheita. Era o dia 13 de julho de 2019 quando chegamos na comunidade por volta das 10h:40min e ao saímos do micro-ônibus da UFMA encontramos a comunidade terminando de ornamentar e limpar o galpão, atividade essa iniciada a um dia anterior com GEPEEP e MIQCB. Desse modo, nessa chegada presenciamos os sujeitos colocando fotos de encontros anteriores no teto do barracão penduradas com barbantes e assim, ao descermos e nos aconchegar nos alojamentos as primeiras ações foram beber água e ir ao banheiro.

Em consideração a isso, após todo esse processo de alocação foi dado início a orientação aos viventes, no tocante a manutenção e limpeza dos alojamentos, regras de convivência e distribuição dos Núcleos de Bases (NB's). Consequente, foram criados quatro NB's, coordenados cada um por dois integrantes do GEPEEP. Em visto disso, já organizado o NB1 foram dados o início ao preparo do almoço na casa de Dna. Eunice, como



observamos na **Ilustração VII**, sendo assim, boa parte dos alimentos utilizados foram contribuições dos parceiros e viventes.

Ilustração VII – Preparo das Refeições



Fonte: GEPEEP, 2019.

Dessa maneira, ao chegarmos na casa de Dna. Eunice (2019), ela nos recepciona com as seguintes instruções: “fiquem à vontade, aqui é a casa de vocês tudim, fiz uns bolos de puba pra nós comer antes do almoço e tem chá de burro aqui para minhas crianças (meus professores da UFMA), podem usar aí as panelas...já fiz uns arroz também e carne de porco antes de chegarem”.

Portanto, ao observar sua feição enquanto orientava-nos era nítido que a **Dna. Eunice** estava contente com a festa da colheita, principalmente pelo fato da mesma sempre foi uma defensora da agricultura familiar e agroecologia.

Quanto ao NB2 conforme vemos na **Ilustração VIII** e **IX**, os mesmos estavam responsáveis pela ornamentação, na qual junto à comunidade colocaram chitas, fotos, artesanatos de coco babaçu e bisqui feitos pela companheira Índia no espaço do barracão da escola.

Ilustração VIII – Ornamentação com Flores e Artesanatos da Palha de Babaçu



Fonte: Lira, 2019.

Ilustração IX – Ornamentação com Chitas e Fotografias



Fonte: Lira, 2019.

Sendo assim, verifica-se nas **Imagens VII, VIII, IX** os momentos exatos em que os viventes interagem com a comunidade num processo de construção coletiva do espaço e da vivência, em vista disso, foram desenvolvidas outras atividades coletivas como encher os barris, vasilhas e baldes com a água do poço da comunidade, dando assim, apoio sempre que necessário na logística do espaço e do momento.

No tocante ao NB3, a atividade realizada por esses era a limpeza do local de encontro, que antes encontrava-se bastante sujo, no entanto, em menos de 20min já estava limpo e ornamentado, graça à distribuição de tarefas que todos se dedicaram a cumprir.

Enquanto todas essas atividades eram realizadas o NB4 reunia-se com o objetivo de construir a mística para abertura das atividades no início da Tarde. Para tanto, visto que toda atividade inicial estava cumprida os viventes por volta do meio dia encontravam-se montando barracas e redes, para mais tarde alojarem-se. Nesse momento, após às 12h do dia alguns estavam deitados e outros conversando, enquanto o NB4 continuava montando a mística de abertura e o NB1 cuidava da alimentação.

Em continuação aos trabalhos conforme vemos na **Ilustração X**, vivencia-se o almoço coletivo, momento esse organizado pelo NB1, contando assim, com a presença da alimentação produzida pelos mesmos e outras comidas presenteadas por alguns membros da comunidade. Ainda nesse momento, ocorreu-se que a maioria dos sujeitos da comunidade não haviam trazido seus pratos e talheres, logo então, Silvio (presidente da comunidade) e viventes emprestaram seus pratos e talhares.

Ilustração X – Almoço Coletivo



Fonte: GEPEEP, 2019.



Em relação aos alimentos utilizados boa parte foram produzidos nas terras da comunidade, sendo esses, o arroz, feijão orgânico, macaxeira, frango, carnes e farinha, e o restante foram levados pelos viventes, a exemplo carnes, calabresas e macarrões. Ainda em celebração do almoço, o mesmo encerra-se com o famoso caldo de cana presenteado pela Ana Lina. Posteriormente a todo esse momento, o NB3 realiza a limpeza do local enquanto o NB2 reorganiza a ornamentação, para assim, darmos início as atividades pelo período da tarde.

Todo esse processo em relato é parte de toda uma construção inicial do primeiro dia da II Festa da Colheita, demonstrando-se a concretização dos resultados de uma organização coletiva construída em diálogo com a comunidade. Nesse sentido, nessa vivência a Educação Popular proporcionou a Comunidade Viva Deus um processo de sistematização e acolhimento, antes configurado como algo histórico e comum da comunidade, mostrando-se parte de suas vidas e trajetórias.

Outras pessoas externas para que pudessem vivenciar essa realidade tornou-se necessário um processo de cumplicidade e abertura dos sujeitos que já viviam nela. Portanto, a comunidade proporcionou essa abertura identificando esse momento de intercâmbio como necessário para o fortalecimento da luta pela terra, e assim como expressão do entendimento dessa necessidade vemos uma fala realizada na recepção dos viventes pelo presidente da comunidade Sílvio (2019), em que o mesmo declarava: “fico feliz de ver tanta gente da universidade aqui e as quebradeiras de coco apoiando a comunidade, essa união de tanta gente, ajuda demais a comunidade, fiquem a vontade que esse barracão é nosso”.

Diante disso, retomando o caráter de nossa vivência, o período da tarde nesse primeiro dia é marcado por relatos, místicas, atividades artísticas, estruturação e criação de laços de amorosidade e solidariedade com outras lutas. Iniciando-se assim, esse período vespertino com uma mística proposta pelo NB4 que se relacionava à luta pela fixação da terra. Dessa maneira, nessa mística eles (as) utilizaram uma poesia que trazia elementos como a

bandeira vermelha, plantas e sujeitos da comunidade, assim como observamos na **Ilustração XI**.

Ilustração XI – Mística da Luta pela Fixação da Terra



Fonte: GEPEEP, 2019.

Perante ao exposto, a bandeira vermelha representava a luta histórica dos movimentos sociais, principalmente dos povos do campo na luta pela terra a exemplo da realidade do MST. Deste modo, segundo Francisco (2019) que faz parte há mais de 30 anos da luta sindical dos trabalhadores rurais e Mônica (2019) que é estudante universitária e desde criança foi criada dentro da luta pela terra, relatam assim, a cor vermelha como resistência marcada pelo sangue de vários camponeses que morreram lutando pela terra, sendo essa um símbolo de resistência que representa o sangue e ideologia de um mundo igual para todos.

Posteriormente ao poema, a reflexão é direcionada pelos representantes do NB4 na qual trouxeram relatos sensibilizadores quanto a luta da terra. Nesse momento, **Dna. Zenilde** (2019) propôs que todos fizessem um círculo em celebração da união e assim, todos organizados num formato de caracol cantaram alternando entre o tom baixo e alto a seguinte música: “Companheiro me ajuda, eu não posso andar só, eu sozinho ando

bem, mas, com você ando melhor”. Sendo assim, em encerramento daquele momento todos os sujeitos de mãos dadas puxaram 2 frases de ordem, “Plantar, colher, resistir e permanecer” e “Plantar, trabalhar, e a terra conquistar”. Para tanto, essas palavras de ordem foram criadas pela comunidade e GEPEEP em vivências anteriores, sendo essas um processo de significação gerado por todo o período (2017-2019) de alfabetização e formação política com base na palavra geradora plantaço. Ainda assim, o encerramento final do momento se deu por uma fala puxada pelo Silvio (2019), no qual exclamava um momento de situação-problema-desafio do Brasil sendo o “Fora Bolsonaro” e todos juntos na comunidade terminaram falando juntos: “Fora Bolsonaro”.

Finalizando-se a mística alguns membros da comunidade relataram um pouco de suas trajetórias de vida, entre os relatores (as) Antonio Vaz (2019) foi um dos primeiros, o mesmo destrinchou acerca do início do surgimento da comunidade e o problema enfrentado contra a Suzano e suas estratégias de desmobilização ao tentar comprar alguns companheiros de luta, para além disso tudo, as opressões causadas pelas ações da Suzano Papel e Celulose já perduram por um período de 16 anos, na qual a comunidade vem suportando e resistindo para não desistir de suas terras.

Em continuidade, o Silvio (2019) relata como iniciou-se o acampamento e a luta enfrentada nesses dezesseis anos, tendo essa o objetivo de realizar a Reforma Agrária na comunidade. Entre suas indignações, Silvio (2019) descreve o que a Suzano havia feito e continuando fazendo para oprimi-los, entre ações como a derrubada dos barracões, envenenamento das roças e provocação de queimadas das florestas. Havia alguns momentos que era perceptível sua angústia e ódio contra a Suzano, no tocante a sua forma de relatar com um tom de voz alto os acontecimentos, demonstrando raiva e um rosto marcado pelo choro, transbordando assim, um sentimento de indignação.

Prosseguindo esse diálogo, **Dna. Zizi** (2019) encerrou as falas dos participantes da comunidade relatando:

...quando eu vim pra cá, não tínhamos nada, sabe, era eu e meu esposo Ceará e encontramos alguns moradores já aqui. Tinha o

Silvio, sua mãe, Zenilde e Barbosa, então resolvemos se juntar a essa luta desde 2003, aqui está sendo sofrido sabe, não sei o que seria de mim sem os companheiros aqui, sofremos muito com essa empresa reia, a perseguição, não precisávamos passar por isso, por isso queremos pedir ajuda de vocês, a escola ajudou muito e os professores da UFMA, MIQCB, e eu tenho fé que vamos conseguir o papel da nossa terrinha, porque não é fácil (13/07/2021).

Ante o exposto, a fala de **Dna. Zizi** demonstra a importância que a comunidade dá aos processos de redes e intercâmbios com outros movimentos sociais, nos quais, nesse presente momento de partilha de trajetórias dos sujeitos da comunidade contávamos com a presença de alguns parceiros da luta, que apoiam de forma mútua a comunidade, esses mesmos na vivência compartilharam também suas realidades e desejos, nos quais em muitos momentos conectava-se aos sentimentos e esperanças da Viva Deus.

Em sequência, **Dna. Eunice** (2019) representante do MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu) concebe uma fala sobre a sua luta contra a Suzano que a fez ser despejada da comunidade em que morava, por conta de seus próprios companheiros venderem as terras para a Suzano plantar eucalipto. Desse modo, a mesma vem numa luta histórica pela preservação dos Babaçuais e em defesa dos sujeitos da Comunidade Viva Deus e suas reservas florestais. Ainda assim, em continuidade de sua fala, **Dna. Eunice** (2019) descreve as inúmeras tentativas da Suzano para desmobilizá-la e até mesmo assassiná-la, a mesma aparentava em seu rosto guardar muito rancor e angústia contra a empresa, pois razões não lhe faltava. Por tanto, finalizou sua fala em defesa dos babaçuais e contra os retrocessos causados pelo Governo Bolsonaro.

Esses momentos de fala foram marcados pela descrição dessa trajetória que perdura 16 anos de luta da Comunidade Viva Deus e seu processo de criação orientado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Imperatriz. No entanto, quanto a opressão da Suzano se pauta em terrorismo, cooptação e desmobilização da comunidade, para assim, causar a desunião, tentando comprar um (a) por um (a) dos companheiros (as) da

luta, contudo, a associação busca sempre manter um posicionamento coletivo na contramão dessas ações.

Em retomada ao relato da II Festa da Colheita, a mesma contou com a presença do Tribunal dos Povos representado por meio de Juliana e Yndara (representantes da organização do MIQCB) e Maria representando a comunidade quilombola Cocalinho. Juliana (2019) e Yndara (2019) apresentaram o contexto de luta e posicionamento do Tribunal dos Povos descrevendo-o como um movimento político, com poder de justiça social, e que a Comunidade Viva Deus entrará no livro de Dossiê de casos a serem julgados assumindo uma posição como caso suplente. Diante disso, a comunidade precisava colher o máximo de documentos que comprovassem as denúncias contra a Suzano, para assim, montar um inquérito e o movimento possuir a oportunidade de ajudar trazendo visibilidade internacional para o caso da Comunidade Viva Deus e quem sabe, conseguirem uma ajuda jurídica em defesa da fixação da terra.

Maria (2019) em seguimento fala sobre Cocalinho e o processo de enfrentamento dos sujeitos contra a desintegração de terra de três quilombos que fazem parte da Comunidade, para assim, empresas industriais tentarem explorar petróleo e outros recursos minerais. Sendo assim, Maria (2019) expôs as ameaças e ataques realizados pela Suzano com objetivo de plantar eucalipto, entre essas ações opressoras há caso de mortes por doenças geradas pelas plantações dessa árvore, para além disso, a casos de jagunços atacando a localidade e pressionando moradores.

Quanto ao TPP a comunidade e GEPEEP fizeram várias perguntas para entender a proposta e compreender as estratégias de luta e organização do Tribunal dos Povos, diante disso, encaminhou-se uma reunião para o dia 23 de julho de 2019 em São Luís/MA. Encerrando-se esse período vespertino de atividades, Silvio (2019) trouxe falas sobre outras realidades da Comunidade Viva Deus que precisavam também de ajuda.

Esses momentos místicos de restaurar e relatar suas trajetórias são de extrema importância para o reencontro do sujeito consigo mesmo. Nesse momento alguns dessas pessoas presentes da comunidade relataram que



não detinham tanta dimensão de outros tantos sujeitos do campo que são afetados pela mesma empresa. Desse modo, em relação a esse auto identificação como vítimas de um mesmo sistema opressor **Dna. Zizi** (2019) reforçou: “precisamos nos unir né, temos inimigos em comum e somos do campo, vivemos disso, por isso tamos juntos com vocês, cocalinho e as quebradeiras de coco”. Após a fala da companheira todos juntos gritaram palavras confirmando estarem juntos/as, também.

Esse é o processo de amorosidade que tanto Paulo Freire (1980) nos conceitua, o de que há sujeitos que se auto percebem enquanto oprimidos dentro de um sistema para além desses, contudo, mesmo frente a esse problema no decorrer de suas trajetórias e memórias se reencontram e quando percebem que são afetados por algo em comum, unem-se para derrubar esse opressor em comum.

Sendo assim, com a Mística na comunidade através de instrumentos como poesia, música e dança, trouxe uma visibilidade a muitos talentos ocultos que assim, começaram a se tornar visíveis e enaltecidos como arte e resistência, a exemplo disso é que na vivência fomos surpreendidos com uma música criada pelo Silvio (2019) e Manoel (2019), como podemos observar na **Ilustração XII**.

Ilustração XII – Apresentação Musical de Manoel e Silvio



Fonte: GEPEEP, 2019.

Nesse momento, eles estavam personalizados com roupas de cowboy e acompanhados pela banda instrumental do “Peleja Mais Não Vai” e toda a Comunidade previamente já conhecia a letra música e assim cantavam juntos. Em vista disso, a comunidade tinha um brilho nos olhos ao observá-los cantar, no tocante em que a música retratava a realidade desses. Para tanto, **Dna. Zenilde** (2019) ainda bem emotiva chegou-me perto nesse momento e relatou-me: “que música bonita e fala sobre o que nós passamos né! Vocês chegaram aqui e muitos talentos aí se mostrando, a música é muito bonita e faz lembrar quem somos nós”.

Desse modo, observando a Silvio e Manoel, assim como outros sujeitos da comunidade e as habilidades que estes possuem, recordamos de uma afirmativa citada por Bogo:

Neste sentido, a mística se expressa de muitas maneiras. Cada militante, homem e mulher dão de si, aquilo que possuem como carisma, talentos ou habilidades, cooperando e oferecendo-se como elementos centrais do programa, sendo a parte física e mental da tática e da estratégia do programa (p. 150, 2008).

Diante dessa afirmativa, a mística não cobra do sujeito alguma ação que ele (a) não saiba executar e nem se quer obriga-o fazer, sendo assim, ela desperta nos sujeitos suas melhores habilidades, desde o cantar, dançar, falar, organizar, compor, escrever ou desenhar, e nesse processo a partir do momento em que os sujeitos a compreenderam como uma estratégia de luta e resistência, a comunidade começou a dar foco nessas habilidades que possuíam e tornaram-nas visíveis tanto como um processo de sua subjetividade, assim como forma de lutar contra as opressões que viviam, não sendo só resultado de uma ação de estratégia, mas em boa parte resultado de suas significações, amorosidades e dialogicidades, nas quais foram geradas pelos seus processos criativos e interventivos.

Observar a comunidade criando e colocando em prática todas essas místicas citadas até o presente momento, reforça o poder de intervenção do sujeito na sua realidade e a totalidade de um resultado gerado com isso, que é de auto reconhecimento, união e coletividade por meio de uma realidade em comum a outros companheiros (as) que com base em Hilário dos Reis (2011):

Esta possibilidade de intervenção do ser humano em sua própria realidade micro e macro sinaliza com a possibilidade da transformação da sociedade então vigente. Transformação da natureza e finalidade da ciência (saber). Transformação da natureza e do exercício do poder. Transformação da ética e da natureza das relações do sistema produtivo. Edificar a centralidade das relações sociais no trabalho como produção social da vida em que os seres humanos criam. Transformam-se e se constituem mutuamente. Acolhem e são acolhidos. Amam e são amados (p. 110).

Sendo assim, os sujeitos da comunidade ao demonstrarem suas realidades através do próprio plantar e organização de atividades em busca de estratégia e resistência pela luta da terra, coloca em prova como a união e objetivos comum podem sim modificar suas realidades. Desse modo, chegamos a compreensão de que tudo isso é trabalho, na qual em coletividade os transforma e os constituem, e com isso a vivência sinaliza um processo de acolhimento marcado por relações sociais de trabalho, no sentido de que a mística também é trabalho pelo fato de fazer parte de ações humanas cientes, nas quais geraram resultados de amorosidade por meio da afetividade, arte, práticas em educação popular, formação política, poemas, relatos e escrita.

Retomando ao contexto da II Festa da Colheita, o sentimento de acolhimento e esperança durante toda essa vivência era algo bastante presente e um dos resultados disso é que Índia (2019), uma das membras da comunidade solicitou um momento para intervir no fim das atividades daquela tarde do dia 13 de julho de 2019, para assim, demonstrar uma arte que ela construiu durante o dia, sendo uns bonequinhos de bisquí conforme é retratado na **Ilustração XIII**.

Ilustração XIII – Arte como Representação da União



Fonte: GEPEEP, 2019

Desse modo, Índia nesse momento de intervenção descreve-nos o que sua arte lhe representa:

Passei o dia inteiro criando esse bisqui, isso é meu artesanato que sei fazer, aqui vemos dois homizinho e uma mulherzinha, o chapéu mostra que eles são do campo, agricultores rurais, representa uma família, porque aqui sabe somos uma família, pode haver briga, um no se fala com o outros, mas sempre precisamos ficar unidos, se verem as mãos tão pegadas umas nas outras, porque representa a união e a comunidade precisa ficar junto pra vencermos e conquistar a terra, venho pensando isso desde aquela reunião na casa de Zizi (13/07/2019).

Em vista disso, esse seu trecho de fala refere-se a nossa primeira experiência com a mística do corredor do abraço no dia 26 de junho de 2019, no qual ainda em continuação ela complementa: “ali ficamos felizes e juntos, depois reformamos o barracão da associação juntos e estamos fazendo essa linda festa. Foi preciso a união de todos, por isso o que aprendi com a escola e na comunidade é união” (Índia, 13/07/2019).

Em face do exposto, essa fala da Índia nos mostra com base em Paulo Freire (1980) a amorosidade e dialogicidade como parte operante na vida dessa mulher de resistência, ou seja, o auto reconhecimento dos sujeitos da comunidade como parte de agricultores do campo e como parte de sua família, no sentido de que ela se constitui e é constituída na vida destes, sabendo ela que somente junto a eles conseguirão alcançar a vitória na luta pela terra, sendo esse processo marcado por conversas, atividades e interações com seus companheiros, pois tudo isso é parte de uma dialogicidade que esses sujeitos se propuseram a realizar e buscar alternativas de superação para a desunião, na qual um dos maiores instrumentos foi a própria festa da colheita.

Diante dessa reflexão a significação de toda essa trajetória desde a primeira mística no dia 26 de junho de 2019 é representada por sua fala, ou seja, o resultado que ela colheu de um processo de criação que esteve presente e que a fez perceber quais alternativas são necessárias para eles superarem a desunião, mostra-nos o significado que essa colheu, que não ficou só em memória, mas serviu-lhe como incentivo para criar outras práticas de intervenção na realidade, e uma delas foi a visibilização do artesanato de bisqui, algo que a comunidade e GEPEEP antes nem imaginava que a mesma desenvolvia.

Mas uma vez a mística popular faz com que os sujeitos da comunidade sejam parte do processo criativo e interativo das ações, revelando talentos antes invisíveis, e nos demonstrando a arte do bisqui como um instrumento que pode apresentar realidades e servir de estratégia e resistência pela luta da terra.

Retomando a programação da vivência, o dia foi dado continuidade com uma atividade de lazer, no final da tarde, onde todos os viventes juntos aos sujeitos da comunidade foram para um banho no Riacho Bom Jesus a 5km da comunidade próximo a cidade de Petrolina/MA. Era umas 17h:30min quando saímos para o banho e antes orientamos os viventes a pegar roupas, sabonetes e toalhas. Diante disso, ao chegarmos ao Riacho era perceptível o quanto o banho era lindo e maravilhoso, todos ao virem ficaram bastante

empolgados e felizes, desse modo, em algumas partes da fluente o riacho chegava a cobrir nossos corpos totalmente. Ficamos assim, nesse fim de tarde nadando e brincando por alguns poucos minutos, era perceptível nos olhares de todos (as) muita felicidade e união, parecia que o cansaço do dia havia ido embora. Em seguida, ainda no espaço do banho trocamos de roupa por lá mesmo para assim dar continuidade com as atividades pelo turno da noite.

Ainda em vivência, ao todo momento lembramo-nos de uma afirmação de Bogo (2008) na qual relata-nos:

...quem tem mística está sempre crescendo. A cada dia sente-se renascendo nas coisas que vai realizando. Seja na base ou no comando, a mesma energia se manifesta, como a alegria em uma festa, instiga quem está participando (p. 155).

Ou seja, a mística na comunidade se torna popular porque ela não é proposta e realizada por um sujeito, mas sim por muitos, a experiência que vivenciamos na festa da colheita é de uma mística que partiu de todos e experimentada por todos os presentes, logo, a significação não só é gerada no NB1 ou NB2 que propôs uma atividade ou no grupo que coordenou a ida até o banho, mas ela é coletiva porque todos participaram e se fizeram presentes de corpo e alma nesses momentos, colaborando sempre com algo. Destarte, mesmo aquele (a) que parece ou demonstra-se afastado de tudo e até mesmo oponha-se, acaba orientando-se naturalmente a um processo de instigação e curiosidade, sendo isso também resultado de uma reflexão de toda mística vivida.

Deste modo, o dia encerra com algumas atividades pelo turno da noite, onde primeiramente pela falta energia elétrica na comunidade o Silvio acendeu uma enorme fogueira perto do barracão e um fogão de cimento a lenha, para que assim pudéssemos realizar a oficina de “Práticas Corporais Rítmicas e Expressivas coordenada pelo Professor Ms. Lúcio Costa da UFMA de Pinheiro/MA.

Quanto a isso, os objetivos dessa atividade final eram a integração, exercícios físicos e diversão, para tanto com o foco do desenvolvimento da psicomotricidade e resgate de danças e músicas culturais nordestinas. Frente



ao exposto, Lúcio trouxe cantorias maranhenses, originárias camponesas, indígenas e quilombolas, ensinando-nos também danças circulares como Bumba meu Boi, Coco Alagoano, Cacuriá, etc... Assim sendo, as pessoas estavam em círculos dançando, todos num ambiente iluminado pelas fogueiras, velas e lanternas, durando essas atividades por mais de 2h:00min, com isso viventes e comunidade aprenderam várias cantorias, passos e contextos de danças culturais do Nordeste. Por conseguinte, maioria participou da roda, na qual estavam presentes adultos, jovens e crianças seguindo um mesmo ritmo.

Todos gastaram bastante energia, brincaram, sorriram dos passos e cantos às vezes entoados “errados”. Quem não participou ficou observando fixamente e sorrindo daquele momento. Diante disso, a comunidade suave e não saía da roda, mantendo-se na atividade do início ao fim. **Dna. Zizi** (2019) em relação ao que observava comentou: “ah coisa boa demais meu fi, uuulalaaa, aqui é um exercício e diversão para nós, nossa cultura do Nordeste né, fazia tempo que eu não dançava essas coisas”.

Em conversa também com **Dna. Zenilde** (2019) em meio a um momento em que dançávamos ela comenta: “coisa engraçada esse monte de véi dançando hahahah, é um exercício pra nós, traz alegria pra nós veinho”. Ou seja, percebemos falas de resgate cultural e sentimento de pertencimento a uma cultura que faz parte de suas trajetórias e memórias, o momento de atividade foi gratificante e proporcionou mais integralização entre viventes e comunidade, além do sentimento de alegria e desenvolvimento de uma psicomotricidade bastante defendida pelo professor Lúcio.

Lúcio (2019) reforçou no momento que a psicomotricidade é um processo de atividade que considera o corpo, mente e sentimentos dos sujeitos, na qual se relaciona com a sua realidade e assim objetiva estar contribuindo para a melhoria de sua vida física, mental e social, no quesito de resolver problemas estruturais e liberar potências motoras dos sujeitos.

Isso reforça a afirmativa de que, a amorosidade com base em Paulo Freire (1980) é um processo que leva em consideração não só a realidade e

subjetividade do sujeito, mas, os sentimentos, a mente e corpo, na qual a dialogicidade é essa prática, que envolve as ações da escuta sobre a realidade num movimento de ação-reflexão-ação; que por meio de atividades psicomotoras resgatou uma trajetória e memória desses sujeitos, e gerou uma significação, no sentido de que os faz compreender de onde partiu sua constituição histórico e cultural, e como ela se entrelaça com a do seu companheiro (VYGOTSKY, 2001), sendo esse momento de atividade coordenada por Lúcio uma mística de celebração, intervenção corporal, mental e afetiva que parte de realidades concretas e subjetivas dos sujeitos ali presentes.

Para fechar o dia “com chave de ouro”, por volta de 21h iniciou o palco livre, uma atividade proposta pela comunidade para que mostrassem seus talentos, músicas e culturas locais. Sílvio iniciou esse momento enfatizando uma fala de agradecimento a todos que estavam em desenvolvimento dessa vivência.

Em vista disso, o momento foi aberto para o compartilhamento de declarações e cartinhas, na qual **Dna. Zizi** fez uma declaração amorosa ao seu esposo Ceará e a comunidade continuou cantando músicas de carimbo, e Marcos Lira recitou uma poesia em forma de carta a Comunidade Viva Deus, na qual arrancou olhares, suspiros, reflexões e emoções dos presentes no local, sendo uma representação de um ouvinte e participante da resistência com a comunidade.

#### **Segunda Carta a Viva Deus**

Olá Viva Deus!

Que na vida e na luta são companheiros e companheiras, meus.  
Ano passado fiz uma poesia em carta a todos e todas, porém, faltou algumas coisas.

Hoje aqui venho lhes dizer,  
Que participar da vida de vocês me dá muito prazer.  
Viver é uma luta e têm seus processos,  
Mas, isso não impediu nossos progressos.

Companheiros e companheiras da resistência e do campo,  
Não deixem que o ódio e a opressão os separem,  
Pois vocês tendo união, ela pesarás tanto, é e preciso primeiramente se amarem.

Somos filhos do mato e da dor,  
Lutando sempre contra o capital,  
Em busca de derrubar o opressor,



Para podermos aproveitar o bem viver e derrubar o mal.

Haaaaa... Viva Deus, terra de pessoas da luta e resistência,  
Lutando pela fixação da terra,  
E pelo direito da existência, A Vitória chegará quando menos se espera.

Meus queridos companheiras e companheiros,  
Em suas peles e alma carregam suas cicatrizes,  
Peço que se olhe em todos os espelhos,  
E percebam que vocês têm uma ao outro e isso lhes fará felizes.

Nem todos são iguais,  
A diferença é expressiva,  
Porém, todos vocês têm digitais, E possuem os mesmos objetivos de vida.

Amar sem temer e sem se conter, Jamais deixar o companheiro no sofrer.  
Resistir e seu amigo levantar,  
Pois, somente os dois em pé, poderão melhor lutar.

Vocês são orgulho e carinho,  
Nos acolhem como filhotes de passarinho no ninho,  
São pais, mães, avós e avôs lindas e lindos, estamos eternamente agradecidos.

Continuem nessa resistência,  
Por que ela não é só aparência,  
São 16 anos de sobrevivência e dor, Mas, não estariam aqui hoje se não tivessem  
amor.

Amor pela terra e pelo companheiro e companheira,  
Lutando juntos e unidos,  
Animados e quentes como uma fogueira, Fortes e resistentes, juntos jamais serão  
vencidos.

Aqui venho Citar de Forma Alterada um trecho da música de Belchior:  
Presentemente podemos nós considerar sujeitos de sorte  
Porque apesar de sermos muito jovens, nos sentimos sãos, salvos e fortes  
E tenho comigo pensado: Deus é brasileiro e anda do nosso lado  
E assim já não podemos sofrer no ano passado  
Temos sangrado demais  
Temos chorado pra cachorro  
Ano passado não morremos  
E esse ano não vamos

E outro trecho de Emicida (2019) que muito meche comigo:  
Permita que nós fale, não as nossas cicatrizes  
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes  
Que nem devia tá aqui

Permita que nos fale, não as nossas cicatrizes  
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?  
Alvos passeando por aí

Permita que nós fale, não as nossas cicatrizes  
Se isso é sobre vivência, nós resumir à sobrevivência  
É roubar o pouco de bom que vivemos

Por fim, permita que nos fale, não as nossas cicatrizes  
Achar que essas mazelas nos definem é o pior dos crimes É dar o troféu pro nosso algoz e  
fazer nós sumir.

Fonte: Marcos Lira, 12/07/2019.

Diante do poema, refletimos com base em Bogo (2008), que a mística arranca sentimentos dos sujeitos e essa poesia é um instrumento que utilizei como mística, e os resultados foram que muitos da comunidade choraram e outros ficaram reflexivos, como prova disso Dna. Zenilde (2019), não conseguiu ficar apenas presa a um sentimento de emoção e pediu fala, dizendo: “essa poesia bonita do menino marquim fala tudo sobre nós, aí tem nossa história e o que nós sentimos”. Sendo assim, **Dna. Zizi** (2019) complementa: “ô coisinha linda meus Deus, eu tô emocionada, que isso é muito do que nós veve aqui meu fio, obrigado pela mensagem linda, nos dá força pra continuar”.

Uma prova de que a significação da amorosidade gerada pelo poema foi possível é o fato dessa em dialogicidade com a realidade dos sujeitos, sendo assim, os mesmos se reconheceram no descritivo da poesia, servindo essa como mola inspiradora para a superação de sentimentos ruins e assim trazer-nos a percepção de que podemos sim nos opor e transformar o que era ruim num processo de conquista e amor. Para tanto, Bogo (2008) conceitua-nos o momento em que a mística possa causar mudanças no sujeito:

A mística empurra quem procura. Não deixa desanimar. Mesmo na exaustão de procurar ela incentiva a tentar mais uma vez. Até na hora que estamos desistindo, aparece e como a flor se abrindo, nos traz um sentimento de honradez. Com sua energia plena, nos diz que tudo vale a pena (p.155).

No entanto, para que a poesia seja um incentivo e não um desânimo, Bogo (2008, p. 158) declara que: “a mística precisa da causa e da consciência. Sem elas não há compromissos. Não há razão de lutar. Não há permanência de projeto. Não há persistência das práticas. Também não haverá coerência nos comportamentos”. Ou seja, a mística precisa estar sempre entrelaçada nas realidades e nos objetivos dos sujeitos, residindo assim nos alvos que a criam e que a realizam.

Quanto a poesia apresentada no palco livre não foi só destinada a entretenimento ou apresentação artística para o auto ego dos autores, mas é destinada a reflexão coletiva por envolver sujeitos e suas realidades de resistência e o próprio fato de sujeitos intervirem com falas ao final, mostra o processo de causa e consciência que são coerentes a proposta. Posto esses momentos, encerram-se as ações do dia 13 de julho de 2019 com músicas e todos dançando um forró bem clássico (pé de serra).

Nosso último dia de vivência realizado no dia 14 de julho de 2019 foi marcado por emoções, sentimentos de gratidão, saudades e despedidas. Posteriormente no dia seguinte foi a mesma logística de organização como no primeiro, porém com atividades diferentes como relatada no Anexo I. Iniciamos o segundo dia de vivência com uma visita a casa de moradores da comunidade e suas plantações, conseguinte o segundo momento de encontro foi no barracão, para que assim, os viventes e moradores falassem como foram as visitas, sendo assim, finalizamos o dia com a criação da mandala e apresentação musical do Sívio.

Cada NB foi destinado a visitar as residenciais dos moradores e entre as visitadas, foram a de Dna. Eunice, Dna. Zenilde, Dna. Zizi, Dna. Eliane, Dna. Índia, Sr. Zé Carlos, Sr. Antônio Vaz, Sr. Gato Félix e Dna. Ana Lina. Diante disso, os viventes tiveram a oportunidade de sentar juntos a estes/as moradores/as da Comunidade em suas casas e escutar sobre suas vidas, trajetórias e memórias, além de ter contato com as plantações e alimentos produzidos em suas roças.

Após tudo isso, nos juntamos no barracão para escutar as observações e sensações que os viventes e a comunidade tiveram. Desse modo, **Dna. Zenilde** disse que gostou e seu Barbosa ressaltou a importância de conhecer a comunidade, complementando o diálogo **Sr. Baixinho** disse ter gostado, e **Sr. Ceará** também. Enquanto, **Sr. Barbosa** (2019) relata: “isso é bom, conhecerem nossa realidade e vida aqui na roça, saberem de nossa luta, porque ai mostra ao povo lá fora, e traz mais pessoas para ajudar nós aqui e batalhar pela terra”.

Portanto, após os sujeitos da comunidade relatarem suas sensações, os viventes também tiveram oportunidade de fala, logo Luan (2019) no papel de representante dos viventes da UEMASUL relata: “gostando muito de conhecer a luta de vocês, me senti em casa porque venho de um local parecido e desde já desejo participar do GEPEEP para contribuir nessa luta”. Dessa maneira, observar as falas dos sujeitos denotam o resultado das experiências que tiveram com essas relações de vivência, no qual tanto o vivente Luan como Sr. Barbosa demonstram o sentimento mútuo de colaborarem juntos para uma causa maior.

Por conseguinte, a fala de Luan também ressalta o que é amorosidade pelo próprio fato de auto reconhecer-se nos sujeitos da comunidade, por questões de proximidade e constituições em um território com características em comuns, porém essa sensibilidade de unirem-se a causa é possibilitada por essa escuta que o mesmo vivenciou, se dando pelo processo de dialogicidade com a comunidade no momento em que o mesmo teve abertura no sentido de adentrar nessa realidade, tendo assim, contato com alguns relatos e situações-desafios-problemas vivenciados pela comunidade.

Em visto disso, analisar esse momento em que muitos viventes mostraram comprometimento com a luta da comunidade em declaração de apoio, lembramo-nos de uma reflexão sobre a mística abordado por Bogo (2008, p. 156) no qual ressalta que: “sem mística pode-se andar, dar passos, mas nunca sentir o prazer de um forte abraço; porque, é certo, real e verdadeiro que, para andar sozinhos basta ter duas pernas, para lutar e amar precisa dispor do corpo inteiro”.

Ou seja, o corpo inteiro representa a constituição do ser humano e Vygostky (2001) nos explica que esse processo só se dá pela relação dos sujeitos dentro do mundo em contato com outros sujeitos, tendo assim, o ser humano uma constituição por meio e dentro das relações sociais. Para que esse sujeito possa ter amor a causa, ele precisa estar dentro de um grupo, porque o corpo inteiro representa ele ligado a outros corpos, e a luta por objetivo comum da comunidade precisa ser composta e levada em coletivo para alcançar a resistência, e assim, ter uma maior eficácia, nesse sentido,

percebemos a mística agindo por meio da afetividade, amorosidade e dialogicidade no momento em que ela faz a situação e cria o nexu dialógico por meio de todas atividades e experiências vividas.

Avançando para a finalização da vivência no dia 14, iniciou-se pela tarde um dos momentos mais importantes e representativos da II Festa da Colheita, sendo esse a construção da Mandala como visualizamos na **Ilustração XIV**. Portanto, a Mandala traz a perspectiva de compartilhar as produções dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, entre elas os frutos e sementes, promovendo a importância do plantar para a alimentação, produção e uso da terra, refletindo na união dos produtos em círculo.

Ilustração XIV – Construção da Mandala



Fonte: GEPEEP, 2019.

Como observamos cria-se um círculo menor e outro maior ao redor deste, depois fatiamos o círculo menor para dividi-lo, pois ali, nesses espaços são colocados os alimentos produzidos pela comunidade como demonstra a **Ilustração XV**. Assim, vemos aboboras, feijão, amendoim, arroz, milho, macaxeira, mandioca, chuchu, mamão, gergelim, cana-de-açúcar, maracujá e os próprios artesanatos criados pela comunidade, além de produção de jornais e artigos acadêmicos.

Ilustração XV – Apresentação da Colheita



Fonte: GEPEEP, 2019.

Neste momento os trabalhadores/as apresentaram o seu produto e descrevem de que forma produziram os mesmos, reforçando o processo que tiveram de construção para produção do alimento e qual a função social desse para as suas vidas. Após isso, todos colocaram no círculo as sementes, grãos e alimentos, compartilhando-lhes ao final da mística entre eles mesmos, para tentarem plantar novos alimentos em suas roças, sendo assim, a partilha de alimentos, grãos e sementes para intercambiar e focarem numa produção diversificada e orgânica. Lembrando-nos que o conhecimento (as produções de artigos, relatórios, documentos jurídicos, fotografias, dentre outras produções do GEPEEP) é celebrado como colheita de um fruto, assim como, a produção artística, criados pela comunidade.

Esse momento da mandala foi marcado pela fala de Francisca (2019), como vemos na Ilustração XV onde relata-nos:

“aqui é nossa plantação e frutos que colhemos, com muita luta estamos a dezesseis indo pros dezessete anos aqui e tenho dito pra meus fios não desistirem, chorei muito e ainda choro, mas em tenho fé em Jesus que ele vai me dar a posse da minha terrinha, quando estávamos aqui tínhamos medo de entrar no capão e plantar, com a escola perdemos o medo e fomos entrando no mato e plantando nossas frutinhas e isso é resultado de nos aprender ler e escrever

com os professores da UFMA, não temos medo não e quem quiser bater de frente venha que Jesus tá com nós e essa luta vamos vencer creio nele (14/07/2019).

Diante dessa fala, Francisca nos presenteia com um relato emocionante, levantando-se o choro de muitos presentes ali e principalmente seus filhos, concluindo sua fala gerou aplausos de seus companheiros (as) de luta e palavras de ordem como “isso aiiii”, “vamos juntos”, mostrando-nos mais uma vez a sensibilidade e afeto que ambos têm cada um pelo outro. Observar-se assim, um relato da trajetória de uma mulher resistente que está ali desde o início de tudo sendo uma das primeiras a chegar na Estrada do Arroz junto com seu filho Silvio em 2003, o momento de ver os frutos ali a sua frente e toda a celebração por meio da mandala e a própria festa despertou o sentimento de alívio, esperança e conquista da superação de uma situação-problema-desafio que era o plantar na comunidade e o medo de explorar suas terras.

A Mandala como um instrumento da mística é uma objetificação de todo um processo que foi permeado por ciclos como bem mostra, sejam eles de tempo, espaço e ações, no qual os produtos expostos dentro dela mostram o resultado desses ciclos marcados por luta, por trabalho, plantações, cultivo e colheita dos frutos, sendo a representação da realidade dos sujeitos que em ação e intervenção nas suas realidades produziram produtos físicos e subjetivos, porque o sentimento que de gratidão pela colheita é um produto subjetivo e abstrato, no sentido de que não pode ser pego ou jogado ali, mas é sentido em seus corpos e mentes, além disso temos as significações que geram a esperança e sentimento de tarefa concluída, observar ali o objeto e poderem tocar compreendendo que foi produzido por eles, deixa a reflexão de que a mudança é possível e está acontecendo.

Sendo assim, com base em Hilário dos Reis (2011) estão exercendo a posição de um sujeito de amor-saber-poder, sujeitos que se compreendem em suas realidades e formam processos de afetividades correlacionadas a características em comum com seus companheiros (as) na luta, que por meio da troca de saberes e experiências chegam a consciência do poder que eles

possuem tanto enquanto individuo quanto mais ainda em coletivo, os colocando em uma potência de modificadores ativos de suas realidades sociais.

Esse processo de luta coletivo é marcado pela colaboração do GEPEEP e o sentimento de amorosidade e dialogicidade está presente nos mesmos, são sujeitos que fazem parte daquela realidade também, no sentido de auto reconhecimento e vivenciarem problemas da comunidade, não somos apenas pesquisadores e observadores, mas sujeitos de ação-reflexão-intervenção, na qual todos esses momentos vivenciados e experimentados nos levam a uma significação, seja de sensibilização, humanização, conscientização, formação, estruturação e resistência contra um opressor maior.

Nossa participação em variados momentos com a comunidade foi marcada por amizades, lutas, resistências, formações políticas, alfabetização e construção de redes com outros movimentos sociais, conforme vemos na **Ilustração XVI** era nossa segunda festa da colheita e já tínhamos mais participantes no GEPEEP, na Ilustração representa todos de mãos dadas em círculo ao redor da mandala mostrando nosso processo de significação, estavam presentes no momento a Coordenadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Betânia Barroso e os alunos (as) Aline, Jullyana, Mônica, Jean, Bruno, João, Carlos e Marcos.



Ilustração XVI – GEPEEP e a Significação



Fonte: GEPEEP, 2019.

Face ao exposto, a significação que o GEPEEP teve desse momento místico da mandala era a de que somos sujeitos frutos de uma constituição humana gerada em parte pela Comunidade Viva Deus e que nesses 6 anos de luta junto à comunidade, tivemos aprendizados e consciências mais profundas sobre a luta pela terra, na qual não éramos só educadores, mas sujeitos humanos que sentimos amorosidade e compromisso com a luta da comunidade, pois são nossos amigos e pessoas que amamos, na qual lutamos fielmente para a melhoria de suas e nossas realidades, desse modo, colocamo-nos dentro da mandala como frutos representativos de todo esse processo com a comunidade, que transformou-nos em educadores e sujeitos mais humanizados e conscientes de nosso papel social na sociedade.

Encaminhando-se para o encerramento da vivência, foi realizado uma apresentação de dança e música pelo Silvio, apresentou-nos a música “Babaçu, minha floresta, meu quintal” escrita pelo mesmo, na qual fala sobre a resistência e preservação de um dos principais meios de subsistência de sua comunidade e das quebradeiras de coco de Cidelândia, que são grandes parceiras na luta com a comunidade. Posto isso, a música é resultado de todo

processo de formação que eles tiveram na escola da comunidade, nos processos formativos da palavra geradora plantar e quando o MIQCB entrou na luta junto a esses.

#### **5.4 Frutos da Mística Popular e Educação Popular na Comunidade Viva Deus.**

É tempo de colher  
E erguer-se de todos os lugares para dizer que é  
hora de colher tudo o que se plantou. Gente é  
como água do mar mesmo se movendo de vagar  
mostra no seu balançar que nunca se dobrou  
(Bogo, 2008, p. 159).

Em reflexão a essa poesia de Bogo (2008), compreendemos que a mística após muito cultivo e acolhimento gerou frutos significativos a comunidade, valendo-se assim, ressaltar que toda experiência e resultados vivenciados não são somente frutos do instrumento da mística, mas de todo um processo que lhe envolve numa relação com Educação Popular e seus instrumentos de alfabetização e formação política, como bem ressalta Bogo (2008) a mística está presente em tudo.

Paulo Freire (1980) ao falar sobre amorosidade a conceitua como um processo de auto reconhecimento de nossa constituição histórica cultural abordada por Vygostky (2001), e assim, para que possamos avançar na compreensão dos resultados causados pela mística à comunidade torna-se necessário compreendermo-nos enquanto um pesquisador (a) que também faz parte desse processo de intervenção e significação causado pela mística popular.

Deste modo, a mística apresentada faz parte da minha trajetória e constituição humana e nesse percurso de luta junto à comunidade contribuiu na formação enquanto militante e educador, no sentido de que essa trajetória é muito parecida com a vivenciada pela comunidade e partilhamos dos mesmos objetivos e ideologias de luta. Frente a isso, um desses meus momentos marcantes na comunidade foram o primeiro dia com o grupo de alfabetização relatado no Anexo II e na **Ilustração XVII**, como também mística do corredor do abraço e II Festa da colheita.

Ilustração XVII – Grupo de Alfabetização trabalhando a Palavra Geradora Terra



Fonte: GEPEEP, 2019.

Momentos como estes mostraram-me que a Educação Popular e a Mística movem vidas e as modificam, restituindo a esperança de que dias melhores existem e podem ter continuidade, confirmando-me o que já era compreendido de Educação Libertadora com base em Paulo Freire (1967, 1996) e educação humanizadora, na qual modificou-se minhas práticas de ensino levando-me a compreensão de que a realidade e suas situações-problemas-desafios abordada por Barroso (2015) e Hilário dos Reis (2011), são fundamentais na construção de conhecimento, respeitando assim, os saberes epistemológicos como bem pontua Paulo Freire (1996) e praticando ações éticas na relação com outros sujeitos e vivências.

Com tudo isso, os resultados marcantes por meio da mística foram a inserção do caso da Comunidade Viva Deus no Tribunal dos Povos (2019) e fortalecimento de atividades e ações artísticas da comunidade, restituindo-se as práticas agricultoras e agroecológicas dos sujeitos da comunidade, além de místicas compartilhadas por eles em outros espaços e realidades que tiveram contato, fortalecendo-se as produções de artesanato, presença da comunidade no pré-julgamento do caso Viva Deus no Tribunal dos Povos,

apoio Jurídico através do MIQCB, Oficina de Mapeamento Cartográfico da Comunidade Viva Deus por meio do GEPEEP, Povos do Cerrado e MIQCB, III e IV quarta vivência interdisciplinar construídas por mais colabores que acolheram a luta da comunidade.

Em meio a tantas conquistas, a segunda festa da colheita transcorreu um momento para que o movimento em Defesa dos Povos do Cerrado e MIQCB conhecessem mais profundo a luta da comunidade Viva Deus, estiveram presentes alguns representantes dos movimentos e assim, vivenciaram um pouco daquela realidade tendo a oportunidade de visitar a casa dos moradores e escutarem um pouco sobre suas trajetórias, memórias e situações-problemas-desafios, sendo esse, um passo importante para a construção do caso Viva Deus a ser levado para o julgamento e inserção no dossiê do Tribunal dos Povos.

Nesse entremeio, a partir de todo esse contato com a comunidade a mesma foi selecionada como um dos casos emblemáticos do Maranhão e convidada para estar presente em São Luís/MA na primeira reunião de organização do pré-julgamentos dos casos emblemáticos, sendo realizada nos dias 22 e 23 de julho de 2019, diante disso, a comunidade escolheu como representantes para irem ao encontro Silvio e Zenilde e enquanto GEPEEP o Marcos.

Nessa ida estavam presentes muitas organizações sociais, comunidades e movimentos sociais, a exemplo do MIQCB, Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente - GEDMMA, GEPEEP, COMUNIDADE VIVA DEUS, Quilombo Cajueiro, Núcleo de Estudos e Pesquisa em Questões Agrárias - NERA, Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos, Comissão Pastoral da Terra - CPT e Movimento Sem Terra – MST, entre outras.

Esses encontros tiveram a duração de dois dias e seguiram marcados por reuniões com o MIQCB, nas quais foram apresentados documentos da comunidade e arquivos para o jurídico que comprovassem as opressões vivenciadas e propagadas por empresas de monocultura, diante disso, os advogados (as) já detinham de um prévio conhecimento acerca dessa luta

pelo fato de marcarem presença na II festa da colheita, portanto no dia 22 julho de 2019 o MIQCB declarou oficialmente apoio jurídico a comunidade, advindo por um processo de sensibilização com a luta pela terra e defesa dos coco babaçuais presentes na comunidade, na qual a pauta assumida partiria da compreensão das mulheres quebradeiras de coco da comunidade, as quais sofrem tanto com essa repressão.

Após essa previa reunião, Marcos, Zenilde e Silvio deslocaram-se até o INCRA de São Luís para levantarem informações sobre o andamento do caso da comunidade, porém não obtiveram as informações precisas por conta de o presidente ter realizado uma viagem. Contudo, a articulação não ficou somente nesse objetivo, todavia, no dia 23 estiveram presentes na reunião com o movimento do Tribunal dos Povos, na qual foi delegado funções para a estruturação do pré-julgamento que ocorreria dia 26 de novembro de 2019.

Desse modo, o encontro é marcado por partilha de trajetórias, memórias, lutas e resistências da comunidade Viva Deus e Cajueiro, que no fim das contas se auto reconhecem como territórios alvos de ataques por uma empresa em comum, sendo a Suzano Papel e Celulose. Ocorreu-se assim, que nesse encontro a visibilidade da Comunidade Viva Deus chegou a movimentos nacionais de defesa pela vida e da terra, movimentos esses como CPT, Movimento de Defesa do Cerrado e MST Nacional, na qual prestaram total apoio a causa da comunidade, não só verbal, mas estrutural. Em continuidade, Silvio (2019) falou sobre os ataques sofridos pela comunidade causados por meia da empresa Suzano Papel Celulose e de algumas articulações como a ida da comunidade no Ministério Público Federal - MPF e Justiça Federal para denunciar e buscar proteção. Desse modo, sua fala é concluída com um resumo sobre o caso da Comunidade Viva Deus e indagou a Diana representante do Tribunal dos Povos se realmente o evento iria fortalecer a luta das Comunidades ou se era só mais um novo movimento que surgiu e não trará resultados, sendo assim, uma fala bem vista por todos presentes.

Avançando nessa discussão, Leonara (2019) representante do CPT, ao falar sobre o Tribunal dos Povos relata que esse processo de movimento e organização é extremamente necessário, principalmente por conta de construírem esse diálogo dentro das comunidades, na qual há frequentes reuniões mensais. Em continuidade, Leonara (2019) descreve que em Reuniões anteriores contaram com a presença de companheiros de Cocalinho e Cajueiro, ressaltando-se assim, o sentimento de que as comunidades estão se articulando e que nesses movimentos de encontros os diálogos estão sendo fortalecidos. Para tanto, Leonara (2019) encerra sua fala relatando que todos casos apresentados têm uma relação com a Suzano e que o Porto é um dos principais fatores que fortalecem o impacto nas Comunidades.

Ou seja, todo esse processo de conquista e articulação da comunidade com outros movimentos, e sua visibilidade foram possíveis através da II Festa da Colheita, e não somente dela, mas de todo um processo de autonomia da comunidade e consciência política, de que a união e construção de redes com outras lutas se tornam totalmente necessárias para a resistência e conquista da terra. Diante desse momento, lembramo-nos intensamente de uma fala da Zenilde (2019), relatando-nos que...

... essa reunião mostra pra gente que são muitas comunidades que enfrenta o mesmo inimigo, fico triste em ver que não é só nós que sofre, mas aqui nos vemos que podemos se juntar né, e o tribunal é uma chance pra nos ganhar alguma coisa (23/07/2019).

Em face ao exposto, mais uma vez o processo de amorosidade está presente na fala de Zenilde ao relatar-nos que o fato de se auto reconhecer nos problemas das outras comunidades gera em si um processo de sensibilização e afetividade, algo que através desses processos de dialogicidade abordada por Paulo Freire (1980) como um processo de conversa e escuta de outras realidades a fez ter consciência de que a opressão é causada por um opressor comum e só junta com os outros oprimidos ela tem o poder de bater de frente.

Após os encaminhamentos de ações para o pré-julgamento, nosso encontro foi encerrado por um momento cultural no Solar Maria Firmino, em

um espaço dedicado a entretenimento, localizado na casa do MST de São Luís/MA. Em consideração, nesse local ocorreu místicas, recitaram poesias sobre a luta pela terra e Silvio entrevistou apresentando sua música do Babaçu, descrevendo a todos (as) um pouco sobre a significação dessa música e a resistência do campo que esse enfrenta com seus companheiros e companheiras, relatando assim, que foi um momento mágico estar em contato com o movimento MST de São Luís.

Algo que não podia deixar de notar era que Silvio carregava vários cordões de coco babaçu e perguntei quando ele tinha começado a fazer, segundo o mesmo:

Comecei a fazer após a festa da colheita, vi muitas pessoas com esses cordões na comunidade e então resolvi aproveitar os cocos de lá né, mostrar minha arte e meu artesanato, trouxe aqui pra vender e o que a comunidade sabe fazer, nosso artesanato (Silvio, 23/07/2019).

Diante desse contexto, a fala do mesmo demonstra-nos outro resultado que a festa da colheita nos trouxe, sendo originário das oficinas e ornamentações feita no local da festa, ou seja, a significação causada no Silvio é a de que o artesanato como meio de um instrumento demonstrativo de identidade, representação e resistência, advinda através do que ele viu sendo produzido e produtos derivados do coco babaçu expostos no momento vivenciado, que o levou a curiosidade e posteriormente a prática de fazer produtos semelhantes, revelando-se assim, mais um talento oculto que ele tinha.

Frente a esse contexto e resultado, atentamo-nos para observar se haviam despertados outros talentos na comunidade, então voltamos para nossas casas e nosso reencontro após a viagem a São Luís foi marcado para dia 17 de agosto de 2019 na comunidade. Portanto, no dia 17 de agosto como sempre deslocamo-nos a comunidade por meio do micro-ônibus da UFMA, chegando assim, por volta das nove horas da manhã na comunidade, e devido a correria já iniciamos a reunião com os sujeitos e as pautas abordadas eram: avaliação da II Festa da Colheita, organização de representantes para o II Encontro de Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão que aconteceria em Paulino Neves/MA,



finalizando-se esse encontro com os informes sobre a reunião ocorrida com o Tribunal dos Povos em São Luís/MA.

Logo após a reunião, recebemos o convite para almoçar na casa de Zizi e ao chegarmos em sua residência encontramos vários abanadores feitos com palha de babaçu e cordões feito com sementes de frutinhas, logo a perguntei “é você agora está nos artesanatos também Dona Zizi? ”, prontamente respondeu-me empolgada:

Mas é claro marquim, venha aqui pra mim te mostrar as pimentinhas que to armazenando também, esses cordões de sementinha é eu que tô fazendo e esses abanadores que é bom pra passar o calor e acender o fogo no fogão a lenha é o Ceará que tá me ajudando a fazer, também voltei a fazer crochê meu fio uuuulálá, pra distrair a mente é esse é meu tratamento aqui, minha terapia hahahah (Zizi, 17/08/1996).

Frente a fala exposta, havia-se passado apenas um mês após a II Festa da Colheita e assim não esperávamos que os resultados seriam rápidos, pois antes da festa não era mais visível essas atividades na comunidade, no sentido de que se aparentava que os sujeitos estavam cansados e o calor esfriado para muita coisa, logo, a arte não era mais algo corriqueiro. Diante desses momentos místicos vivenciados por eles na vivência e o contato com outras comunidades e movimentos sociais, transmitiram-se uma energia para a comunidade e esse intercambio promoveu o renascimento de muitos talentos, a exemplo da fala de Zizi mostra-nos a consciência que ela tem de que o artesanato é uma medida para melhoria de sua saúde mental, além de que parte desses materiais usados em sua arte são advindos de sua realidade.

Foram muitas surpresas durante essa nossa ida a comunidade, pois após almoçarmos dirigimo-nos até a casa de Zenilde a convite para bebermos um café, e ao chegamos em seu quintal deparamo-nos com muitos cocos babaçus formando um montante debaixo da tenda de sua residência, sendo assim, não sabíamos que a mesma estava quebrando coco, pois nunca tínhamos presenciados a cena, logo Betânia (2019) perguntou-lhe, “Dona Zenilde tá quebrando coco agora? Que cocos bonitos”, sorrindo da pergunta ela respondeu tímida como sempre:



...pois é mulher, eu mais o Barbosa pegamos esses cocos ai na roça, nessas visitas ai e convívio com as quebradeiras eu resolvi agora quebrar coco também, aqui tem tanto coco e podemos fazer tanta coisa com eles que eu aprendi lá em São Luís e na festa da colheita, ai deixei esses coco pra mim e Gato Félix quebrar né, hahahah (Zenilde, 17/08/1996).

Em visto disso, compreendemos que a arte não somente foi um processo de restituição, mas a própria cultura do cultivo no quesito a quebra do coco foi um resultado do intercâmbio com outras comunidades e outras lutas, isso reforça a identidade de Zenilde e mostra que a significação que obteve dessas vivências não ficou unicamente em memória, mas sentiu o desejo de colocar em prática, para tanto, como bem relatou-nos já havia quebrado coco com sua mãe a tempo atrás e estar voltando a essa prática é um reencontro com sua trajetória. Após isso observamos mais mulheres focadas no uso do coco babaçu dentro da comunidade, a exemplo vemos a Eunice, Zizi, Ana Lina e Índia constituindo essa prática.

Assim sendo, o segundo semestre de 2019 é marcado por vários intercâmbios dos sujeitos da comunidade Viva Deus em outros territórios, vemos assim, a II TEIA (II Encontro de Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão) em Paulino Neves/MA, Festa do Coco na Comunidade de Pifeiros em Amarante/MA e V Encontro de Agroecologia no Assentamento Sete Barracas pertencente a cidade de São Miguel do Tocantins/ TO. Quanto a esses encontros, infelizmente não portamos registros fotográficos de grande maioria, pois fomos orientadas pelas organizações e movimentos sociais que mantivéssemos sigilo, pelo fato de tratar-se de uma organização dos movimentos tradicionais do campo e criação de estratégias para superarem problemas como desmatamento, desapropriação e ataques físicos a lideranças, logo, o registro fotográfico sendo divulgado colocaria em risco a integridade dos sujeitos organizadores.

Desse modo, os intercâmbios são conquistas de todo um processo de construção de redes com outras realidades, lutas e causas, que assim, servem de incentivo e fortalecem a luta da comunidade e de seus parceiros, logo, essas redes de solidariedade e amorosidade são advindas de processos de auto identificação como sujeitos oprimidos por um sistema

maior, desse modo, buscamos juntos (as) combatê-lo. Alguns dos encontros dispomos da felicidade de podermos estarmos presentes, quanto aos restantes tivemos a oportunidade da abertura e acesso a relatorias, imagens e conversas com os sujeitos que os vivenciaram.

Focando em nosso primeiro intercâmbio aqui exposto, o II Encontro da TEIA foi realizado numa comunidade pesqueira de Paulino Neves/MA no dia 27 de agosto a 01 de setembro de 2019, no qual promoveu a comunidade se unir a outras identidades e compreender a luta dos sujeitos indígenas, ribeirinhos e quilombolas, estando assim presentes, alguns sujeitos da Viva Deus, sendo esses, Zenilde, Terezinha, Zizi e Eunice e do GEPEEP o representante Luan.

Quanto a esse momento, segundo a relatoria do Luan (2019), Eunice (2019) e Zenilde (2019), foram ações de troca entre histórias sobre resistências enfrentadas pelos movimentos indígenas, ribeirinhos, camponeses, quilombolas e quebradeiras de coco babaçu, assim como Viva Deus teve oportunidade de expor seus problemas fizeram uma escuta sobre outras realidades, logo, o resultado desses processos de dialogicidade foi o comprometimento mútuo com a luta coletiva entre essas comunidades e os povos tradicionais. Diante disso, a Viva Deus teve oportunidade de realizar algumas ações dentro do encontro, sendo em maioria apresentações artísticas como dança e cantos, assim como participou de algumas místicas da comunidade ribeirinha e aprenderem algumas novas práticas de artesanatos.

Eunice em nossa reunião com a comunidade no dia 01 de outubro de 2019, logo após o encontro da II TEIA, relatou-nos:

Eles são nossos irmãos, não tinha tanto conhecimento da luta lá, é igualzinha à nossa, me sentia em casa e ouvir tantas histórias de luta e todos juntos dá mais força, porque o governo não têm dó do povo do campo e se juntarmos dá pra enfrentar ele. Foi uma experiência linda marquinho, fui na praia e tirei fotos e foi organizado algumas atividades pra todos nós lá, tinha uns artesanato bem bonito também, foi bom demais, nota 10. (Eunice, 01/10/2019).

Diante dessa fala de Eunice, na qual retrata seu sentimento em relação a II TEIA, recordamos de um dos sentimentos causados pela mística com base em Bogo (2008), sendo esse, o de unidade, ou seja, aquela sensação

quando o sujeito em uma celebração com seus companheiros senti uma energia transferida para si que o leva ao sentimento de acolhimento, força e coragem.

Nossas viagens não pararam por aí, nosso segundo intercambio foi na Comunidade de Pifeiros de Amarante/MA em um evento chamado Festa do Coco como nos demonstra a **Ilustração XVIII**, sendo esse realizado nos dias 27 e 28 de setembro de 2019, o mesmo é fruto de um convite realizado pelas quebradeiras de coco do MIQCB na II Festa da Colheita da Comunidade Viva Deus. Estiveram assim presentes como representantes da comunidade, a Índia e Alzenir, e quanto ao GEPEEP o Luan, Jean e Betânia.

Ilustração XVIII – Festa do Coco em Pifeiros do Amarante/MA



Fonte: GEPEEP. 2019.

Destarte, a festa do coco é a representação da resistência enfrentada pela comunidade Pifeiros na preservação dos cocos babaçuais, os quais são alvos de ataques dos empreendimentos da Suzano Papel Celulose que arduamente afetam seus modos vidas. Portanto, o intercambio proporcionou a oportunidade dos viventes da comunidade e GEPEEP de vivenciarem um pouco da realidade de uma comunidade que prática a agroecologia.

Em visto dessa experiência, em nossa reunião realizada na comunidade Viva Deus no dia 01 de outubro de 2019, Luan e Jean (2019) descrevem o quanto ficaram impressionadas com a união da comunidade de Pifeiros e o modo de organização sistemática quanto aos processos de agricultura familiar e agroecologia, complementado essa descrição do encontro, Índia (2019) em sua fala declarou para todos os seus companheiros no barracão da associação que a comunidade Pifeiros "... parece todos uma grande família, muita união, serviu pra nos mostrar como a Comunidade Viva Deus precisa se organizar e unir, precisamos trazer a agroecologia pra cá também".

Ou seja, essa vivência proporcionou uma nova discussão para a comunidade Viva Deus, sendo essa a prática de Agroecologia, logo justamente num período de diálogos a respeito, tivemos a oportunidade de participar do V Encontro de Agroecologia realizado nos dias 27 a 28 de outubro no Assentamento Sete Barracas da cidade de São Miguel/TO, na qual poderão participar como representantes da Viva Deus o Gato Felix, Zenilde e Barbosa e do GEPEEP a Betânia, Jean e Marcos.

Quanto ao encontro, assim como os outros Infelizmente muitas das ações não posso relatar, por motivos de sigilo e proteção das organizações e movimentos presentes, no entanto, o foco central é no que tivemos como resultados objetivos e subjetivos dessas experiências. Desse modo, a experiência em poder vivenciar as práticas de agroecologia daquela comunidade mostrou aos sujeitos da Viva Deus ali presentes que é uma prática possível e cheia de benefícios a qualidade de vida humana.

Foram momentos marcados por contato com várias identidades, culturas e modos de vida, onde todos presentes tiveram a oportunidade de falar sobre suas realidades e lutas, na qual não ficou somente no campo de discussão, porém foram criadas ações de intervenção que denunciasses a empresa Suzano como uma das opressoras que afetava a todos em comum.

Quanto a experiência que obtivemos ao participar dessas ações como mostra-nos a **Ilustração XIX**, foram algumas revolucionárias e ao mesmo tempo perigosas, porém reforçou que somos corajosos o suficiente para bater

de frente e denunciar o mal que nos oprime e que as vezes nos mata, um exemplo disso é o relato de Zenilde (2019), ao nos fala que “nunca imaginaria participando de uma manifestação, não sabia que tinha essa coragem menino, mas é só assim que a gente consegue alguma coisa e denunciar”.

Ilustração XIX – Manifestação de Denúncia contra a Empresa de Monocultura



Fonte: GEPEEP, 2019.

Diante dessa ação revolucionária, é que alguns representantes da comunidade tiveram oportunidade de vivenciar junto a outros companheiros de luta um processo de auto reconhecimento como sujeitos subjetivos, singulares e particulares, os quais partilham da mesma realidade como demonstra a Ilustração XVII, logo assim, no sentido de que são oprimidos por uma empresa em comum, os mesmos sem a dialogicidade tanto defendida por Paulo Freire (1980) não conseguiriam se compreenderem, pois todo processo de consciência coletiva necessita do contato, da escuta, elaboração e principalmente amorosidade.

Comunidade Viva Deus, desde 2015 com a chegada do GEPEEP se fortaleceu bastante quanto aos processos de resistência e exploração da terra, no entanto, observamos na criação de redes com outros movimentos uma grande articulação jurídica se avançado no período de 2019 até 2020, sendo fruto de intercâmbios e atividades realizadas pela comunidade na qual

proporcionou outros movimentos conhecerem suas lutas, fortalecendo laços de solidariedade.

Quanto a conquistas marcantes em 2019 temos em destaque a participação da Comunidade no pré-julgamento do Tribunal Permanente dos Povos - TPP em São Luís/MA, ocorrido nos dias 26 e 27 de novembro de 2019, no qual estavam presentes os casos principais e os emblemáticos dos Estados de Goiás, Piauí, Maranhão e Tocantins.

Ocorreu logo nesse primeiro dia a apresentação dos casos pelos representantes das comunidades afetadas pelo agronegócio, mineração, monocultura e grilagem. Quanto ao maranhão foram dois casos principais escolhidos para serem julgados na audiência final do TPP, sendo o de Cocalinho e Cajueiro, os três restantes entrariam no dossiê como casos emblemáticos e Viva Deus é um desses, pois foi compreendido que todos os casos giravam entorno de um opressor em comum, sendo Suzano Papel Celulose e a construção do Porto.

Nesse relato da audiência infelizmente não podemos revelar os nomes dos representantes das comunidades presentes e nem do GEPEEP, mas adianto que eram mais de 50 participantes e tivemos a felicidade de estar presente, sendo um momento onde todos representantes das comunidades e dos movimentos sociais que os apoiavam tiveram a oportunidade de se juntar numa roda e com cartolinas descreveram quais eram suas principais situações-problemas-desafios, enquanto um determinado grupo fazia a escuta outro escrevia na cartolina, logo após uma discussão sobre os problemas, os mesmos criaram estratégias para superarem os desafios e principalmente ações que seriam encaminhadas para proteção da comunidade.

Quanto ao segundo dia, esse foi marcado por processos de escrita e elaboração, na qual todos representantes das comunidades foram separados em cinco grupos de trabalho com dois mediadores em cada um, os mesmos escreviam tudo relatado pelos sujeitos para inserirem no dossiê que estava em construção e organizavam quais seriam as principais discussões apresentadas no julgamento final marcado para novembro de 2020, que



infelizmente até a presente data de junho de 2021 não ocorreu devido a pandemia do corona vírus, porém seguimos firmes na elaboração.

No tocante ao TPP, é uma ação conhecida internacionalmente e de alcance inestimável, pois é ligado ao Tribunal Internacional Permanente dos Povos que foi fundado em Bolonha na Itália por volta de 1979 e até recentemente premiado pela Organização das Nações Unidas por conta de suas ações de intervenção que promovem a defesa e conquista de Direitos Humanos a Comunidades Tradicionais violadas por grandes empresas e pelo capitalismo.

Nesse encontro, Viva Deus conquistou mais parceiros assim como também se tornou parceira de outros casos, nesse sentido, a força e união foram presenças fortes nas falas de duas representantes da comunidade, a Representante I (2019) declarou “me sinto feliz marquim, parece que a viva deus ta andando agora e vamos conseguir alguma coisa, me sinto forte e temos grandes movimentos com nos nessa luta”.

No que diz respeito a pré-julgamento não foi somente um momento de partilha daquilo que vivem de problemas, mas as comunidades levaram suas artes, falas, cantos e poesias de resistência, havendo muitas místicas após cada relato de caso, os quais causavam choque e arrancava choro de todos ali presente, e a ação de intervenção com místicas foram necessárias para cortar o clima doloroso.

Quanto os sentimentos relatados pela Viva Deus são de gratidão, principalmente com O MIQCB que vem sendo uma parceria forte junto à comunidade desde 2018 e ajudou-lhes na elaboração e sistematização do caso Viva Deus, no qual contaram com um apoio jurídico sensível e atento com a realidade dos mesmos. Em visto disso, lembramo-nos como se fosse hoje a primeira visita feita pela equipe jurídica do MIQCB a comunidade no dia 10 de novembro de 2019, esses haviam chegado na comunidade com o intuito de conhecer mais sobre as problemáticas e assim, junto aos representantes do TPP produzirem material sobre o caso, para assim, ajudar na elaboração do dossiê.

Digamos com toda certeza que foi um momento total de mística que explorou criatividade, memórias, histórias, trajetórias, desenhos, escrita e amorosidade da comunidade. Logo, a atividade realizada pelo TPP, GEPEEP, Comunidade e MIQCB, consistia numa oficina cartográfica como visualizamos na **Ilustração XX e XXI**, na intenção de mapear a comunidade Viva Deus, não somente em perspectiva geométrica, mas social e humana.

Ilustração XX– Construção do Mapa da Comunidade Viva Deus



Fonte: GEPEEP, 2019.



Ilustração XXI – Apresentação do Mapa Comunidade Viva Deus



Fonte: GEPEEP, 2019.

Contanto, os sujeitos construiram um mapa da comunidade na qual inseriram informações de como é o local hoje e como era antigamente, não vemos somente a vegetação na representação, mas a existência de casas, rios, árvores e locais importantes que ficaram gravados em suas memórias, muitos desses até nomearam os locais existentes e que hoje não existem mais, logo assim, nessa atividade toda sujeitos presentes colocaram um pouco de sua escrita e desenho na produção.

Consequente, na construção do mapa da comunidade, foram elaboradas cartilhas como observamos na **Ilustração XXII**, para que assim, sistematizassem o caso a ser apresentado no pré-julgamento do TPP, não somente apresentados os problemas, mas as soluções e estratégias para a segurança da comunidade, principalmente pelo fato desses estarem alcançando grande visibilidade e os ataques vividos em 2019 tivera aumentado grandemente.

## Ilustração XXII – Estratégias de Segurança e Intervenção



Fonte: GEPEEP, 2019.

Por motivos de sigilo da comunidade e movimentos envolvidos não descreveremos as ações encaminhadas, mas podemos declarar que foram momentos coletivos de cooperação, construção e realização de um movimento de luta e resistência de uma comunidade que tem a esperança e desejo de enfrentar quem tanto os maltrata, sendo assim, sujeitos articulados e cientes de que a luta pela terra exige ação, intervenção, criação e compreensão da sua realidade estrutural, logo, o próprio movimento de colocar no papel e descrever por diferentes formas o seu território, memória e trajetória o faz se reencontrar, compreender-se e conhecer-se no outro, que sempre anda junto a si na luta coletiva. Frente ao exposto, entre as palavras geradoras descritas por cada, as mais citadas foram: união, organização, esperança, luta e terra.

Encerramos o ano ainda com a IV Vivência Comunidade Viva Deus tendo como tema Vivência Interdisciplinar: Corpo, Arte e Educação para o Bem Viver do Campo, realizada nos dias 29 de outubro a 01 de novembro de 2019, onde a mesma é fruto da II Festa da Colheita após o Prof. Dr. Lúcio

Oliveira e o Mestre Ronaldo terem levado algumas atividades físicas que trabalhem a psicomotricidade.

Essa vivência tanto cobrada pela comunidade foi pensada para resolução de uma situação-problema-desafio da comunidade, sendo os problemas físicos causados a saúde dos sujeitos, tanto pelo trabalho laboral, idade e opressões vivenciadas que afetavam diretamente as suas saúdes mentais. Para tanto, o momento contou com a participação e construção dos professores Lúcio e Ronaldo, comunidade Viva Deus, GEPEEP e o convidado professor e ex-técnico da seleção francesa de handebol e conselheiro técnico esportivo da Federação Francesa de Handebol, Jean Boleslaw Nita.

Esses quatro dias foram marcados por diferentes atividades que envolviam dança, artesanato, místicas, músicas, exercícios físicos, rodas de conversas e por fim uma visita a associação das quebradeiras de coco babaçu em Cidelândia/Ma. Sendo esse, um momento em que a Educação Popular, Mística, Formação Política, Alfabetização e Educação Física se uniram de forma interdisciplinar para fortalecer a luta e resistência pela conquista da terra, demonstrando assim, que a comunidade se move por ações de intervenção na sua realidade e que todo meio de luta pela terra desde que seja ético fará parte de sua luta, compreendendo que seus corpos e mentes precisam estar bem para vencerem a luta.

Essa etapa de resultados é parcial, mostra um pouco do que foi vivenciado na comunidade pelo período de março de 2018 até março de 2020 por conta pandemia que o país vive desde dezembro de 2019 até o presente momento no mês junho de 2021, a pesquisa presencial foi interrompida em março de 2020 e o contato com a comunidade permanece apenas virtualmente quando eles veem até a cidade, pois a comunidade enfrenta algumas dificuldades de comunicação a distância, pois lá não tem acesso a rede telefônica e nem internet.

## 6. CARTILHA PEDAGÓGICA COM MÍSTICAS POPULARES EM COMUNIDADES E MOVIMENTOS DE LUTA PELA TERRA (apenas rascunho)

Quando pensado na Cartilha Pedagógica conforme observamos a **Ilustração XXIII**, detinha-se como objetivo não somente a construção de um manual para elaborar místicas, no sentido de não se contentar em demonstrar inúmeras místicas prontas, visto que primeiramente não estávamos em busca de expor a cultura das comunidades tradicionais num sentido de apropriação de suas particularidades e singularidades, pois seria horrível definir suas místicas a meras metodologias fixas e sistemáticas. Em sendo, o objetivo geral e central é trazer uma reflexão dos caminhos que podemos trilhar para construir místicas populares no fortalecimento de luta pelo direito a vida, terra, educação, saúde e políticas públicas, sendo assim, as intervenções são formadas pelos sujeitos e suas realidades num movimento coletivo de consciência.

Ilustração XXIII – Capa da Cartilha Místicas Populares no Fortalecimento de Luta pela Terra



Fonte: Lira, 2021.

Em face do exposto, a cartilha é fruto de seis anos de convivência com movimentos sócias e comunidades tradicionais, principalmente com a comunidade Viva Deus desde 2017, na qual tive a oportunidade de apresentar a Mística nos processos de formação política e começamos a utilizá-la como um instrumento de luta para fortalecimento dos sujeitos na luta pela fixação da terra.

Portanto, essa cartilha seguiu-se a perante estruturação, iniciada por uma breve apresentação e introdução, na qual explica de forma resumida o que é mística e quais objetivos do produto, logo a mesma, dividindo-se em três capítulos tendo por título: 1. O QUE É MÍSTICA E EDUCAÇÃO POPULAR? 2. UMA ESTRADA METODOLÓGICA PARA A MÍSTICA e 3. MÍSTICA POPULARES E TRADICIONAIS, fechando-se com as considerações finais e referências.

No capítulo *O QUE É MÍSTICA E EDUCAÇÃO POPULAR?*, partiu-se como objetivo apresentar as definições e conceitos da Mística e Educação Popular, e de que forma se relacionam até se construírem como uma Mística Popular, sendo assim, necessário reforçar para as pessoas que trabalharam místicas em suas comunidades ou escolas uma compreensão acerca da história e subjetividade da mística popular e quais são suas perspectivas ideológicas e de prática, pois o fazer mística necessita fidelidade, transparência e sinceridade com o coletivo que a usará como instrumento de luta.

No segundo capítulo *UMA ESTRADA METODOLÓGICA PARA A MÍSTICA* é proposto um caminho que pode ser seguido pelos mediadores ou grupo na elaboração de místicas populares, não é uma regra ou único caminho, mas ao construir essa estrutura metodológica o objetivo é apenas ajudar e orientar quem não conhece ainda a mística, para que seja despertado a curiosidade e os sujeitos busquem conhecerem e observar. Vale ressaltar a necessidade de avaliação da mística e assim construímos uma ficha de avaliação como observamos na Ilustração XXIV, para assim, auxiliar o grupo nos registros e melhorias das místicas.

## Ilustração XXIV – Exemplo de Ficha para Avaliação das Místicas

<b>Nome da Mística:</b> Ex: Corredor do Abraço	<b>Local:</b> Debaixo de árvores
<b>Data:</b> 00/00/2021	<b>Horário:</b> 12h:00min
<b>Mediadores:</b> Marcos, Betânia, GEPEEP ou Comunidade Viva Deus.	
<b>Mística/Tema:</b> Especificar que tipo de mística. Exemplo: Texto Coletivo, Poesia, Música, Dança, Ciranda, Cantos, Artesanato, Atividades de Integração, Intercambio com outros grupos, ornamentação.	
<b>Descrição:</b> Apresentar o tema e definição da mística, contexto social, cultural ou histórico.	
<b>Objetivos:</b> Nesse campo é descrito os objetivos da mística proposta. Exemplo: integralização, união, troca de saberes, afetos, alimentos e resolver um problema relacionado a dificuldade de contato entre os sujeitos.	
<b>Material necessário:</b> Descrição do que iremos precisar, seja de logística ou material físico como cordas, papel, canetas, palhas, coco babaçu, tinta e etc.	
<b>Adesão do Grupo:</b> Descrever se o grupo todo participou ou se houve recusa ou dificuldade de integração.	
<b>Resultados:</b> Quais foram as reações dos participantes, sentimentos, desejos, falas e diálogos apresentados.	
<b>Pontos Positivos:</b> Quais foram as significações e aprendizagens do grupo, gostaram ou não? Qual foi as ações positivas dos participantes? O grupo interagiu e abriu-se a afetividade? Alguém despertou o perdeu a vergonha de fazer alguma atividade artística? As palavras geradoras finais dos participantes tinha conotação positiva?	
<b>Pontos negativos:</b> Quais foram as dificuldades físicas e emocionais? Despertou algum sentimento ruim? Quais foram as palavras geradoras negativas?	
<b>O que podemos melhorar:</b> Frente aos desafios da realização e resultados relatados o que pode ser proposto pelo grupo para melhoria da atividade?	

Fonte: Lira, 2021.

Após a proposta metodológica e de avaliação, vamos ao terceiro capítulo *MÍSTICA POPULARES E TRADICIONAIS* conhecer na prática algumas místicas populares realizadas em alguns movimentos sociais e comunidade tradicionais de luta pela terra, onde são apresentados místicas para processos de integração, acolhimento, formação política e entretenimento, as mesmas foram usadas com objetivos de promover o fortalecimento dos sujeitos na luta pela terra, saúde e educação, além da defesa de direitos humanos, sendo assim, o intuito não foi expor místicas prontas, mas relatar

experiências vivenciadas de um instrumento em mística possível e potente para a luta dos movimentos sociais.

Conseqüentemente, o produto é destinado tanto a movimentos sociais como escolas ou até mesmos grupos que identificam a mística como um instrumento de fortalecimento e melhoria de suas vidas, trazendo orientações para lideranças e grupos que atuam na luta pela defesa de igualdade e direito a vida, principalmente na defesa de melhoria da saúde mental de tantas pessoas que estão em acampamentos buscando a fixação da terra.

Pois a mística é um instrumento que fortalece e anima quem tanto está cansado, principalmente no momento em que estamos vivenciados de um governo fascista (2018-2021) e pandemia que iniciou em 2019 no Brasil, a mística vem se mostrando através da música, arte, escrita, atuação e organização como um instrumento que denuncia, acolhe e libera tensões dos corpos para fora, pois, a diversão é uma válvula de escape, assim como forma opiniões e consciência crítica do que estamos vivendo.

Posteriormente criado o produto infelizmente não tivemos a oportunidade de levar a comunidade, pois no momento estamos em isolamento social até que todos brasileiros sejam vacinados e assim, possamos voltar ao contato físico sem risco de contaminação pelo covid19, para tanto, a comunidade não têm acesso a comunicação pois não existe ainda internet e rede para celulares moveis no local, logo, o contato ocorre apenas com algumas lideranças quando raramente eles (as) vem a cidade. Todavia, o planejamento futuro é imprimir a cartilha e enviar para que possam observar e avaliar, realizando-se assim, um contato também com lideranças e outros movimentos sociais para uma construção de uma cartilha que não é fixa e sem um final, mas que seja dialética e esteja sempre em construção.

## CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Em consideração a toda essa trajetória, a perspectiva metodológica Materialismo Histórico Dialético com base em Marx para com a Comunidade Viva Deus servirá como meio de construirmos uma pesquisa-ação com base em Thiollent (2009) pautada na compreensão das contradições sociais do capital, trabalho e subjetividade, essas mesmas, são causadas pelo capitalismo nos sujeitos da Comunidade no entendimento de seus problemas e na busca de solução, de autonomia e emancipação dos sujeitos oprimidos.

Diante disso, a perspectiva Histórico-Cultural em Vygotsky servirá como meio de compreender o processo de significação do sujeito a partir das suas próprias práticas sociais mediadas pela dialética do concreto no processo em que se constitui como sujeito histórico-cultural dentro de um sistema de contradição de si mesmo e sua relação com outros sujeitos no mundo.

Pensar na Comunidade Viva Deus é compreender que a pesquisa qualitativa responde a muitas questões particulares com base em Minayo (2001), as quais se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, uma realidade que possui relações sociais que se modificam e se transformam a todo tempo dentro de um movimento histórico dialético. Minayo (2004) trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Compreender o tempo para relatar e descrever uma trajetória sobre a Mística torna-se muito relevante nesse momento, com base em Arroyo (2004) a trajetória de quem somos (educadores e alunos) é marcada pelo tempo em diferentes subjetividades da construção de nós enquanto sujeitos humanos e históricos.

Sinto uma afetividade e emoção ao poder falar dessa significação que temos da mística na Comunidade Viva Deus e em nossa constituição. Sendo essa, um instrumento que faz a luta e movimenta vidas, processo esse que



se dá pela dedicação desses sujeitos numa constante busca de intervenção e melhoria de suas realidades.

Março de 2018 é um momento marcante da minha entrada para o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular, onde assim, logo de cara me inseri no projeto Escola Comunidade Viva Deus desenvolvido pelos mesmos. Nosso encontro foi de extrema amorosidade no sentido de que ambos nós reconhecemos uns nos outros por motivos de trajetória, luta, cultura, esperanças e objetivos comuns.

Vocês podem estar se perguntando, como surgiu a perspectiva da mística nessa nossa trajetória e luta? Ela já existia bem antes de minha existência física e humana, já fazia parte das práticas da Comunidade Viva Deus no sentido de que sua compreensão com base em Bogo (2008) é de que a mística faz parte de nossas vidas e de nossas ações práticas cotidianas, contudo a significação com base em Vygotsky (2001) dessas práticas em místicas podem assumir definições e aprendizagens diferentes em cada ser humano que a desenvolve.

Nossa contribuição significativa a Comunidade nessa trajetória de 2018 até o momento foi trazer uma perspectiva prática de mística com foco de estratégia política, luta e resistência para conquista da terra, buscando assim, nossa qualidade de vida social, mental, espiritual e física.

Começamos a compreender a mística numa perspectiva para além do brincar e entretenimento por meio da Vivência e Realidade do Sistema Único de Saúde em Imperatriz em janeiro de 2015, no qual nessas experiências tive outra percepção e olhar sobre tal prática, e assim, a mesma assume um meio estratégico de resistência não só de forma objetiva, mas que envolve sentimentos e desejos, paixões, amorosidade, diálogo e esperança, sendo através da mística uma alternativa de mudança de realidade para algo melhor. Diante disso, a vivência em Mística desperta-nos a curiosidade epistemológica e o desejo de compreender a objetividade, subjetividade, metodologia, sentido e prática da mística.

Após um aprofundamento teórico em autores como Ademar Bogo, Paulo Freire e experiências práticas com mística em diversos eventos e

comunidades tradicionais, começamos a deter de uma mística como parte principal na vida, sendo assim, um instrumento relacionado a minha pratica enquanto educador que visa a educação como pratica de Liberdade bastante defendida por Paulo Freire e Ademar Bogo.

Não vamos mentir, foi difícil inicialmente explicar para os membros do grupo e da comunidade o que era a mística e seus objetivos, metodologias e práticas, no entanto, o GEPEEP abraçou amorosamente esse instrumento que lhes apresentei e assim, nos preparamos inicialmente enquanto grupo para levar a comunidade esse instrumento de luta.

Ouvirmos falar de mística traz em memória o sinônimo de algo místico, magia, poder ou algo que talvez possa não existir, e em nosso senso comum há uma construção histórica cultural que se define a esse conceito. Romper essa concepção não foi e nem está sendo fácil, apesar da mística ser isso tudo, ela não somente se resume a tal significação, logo, apresentamos aqui a potência política, social, estratégica e resistente que esse instrumento possui.

Compartilhamos da concepção de Bogo (2008), de que a mística é instrumento político e também é sentimentos, afetividades e solidariedades. Portanto, a mística já era algo prático na vida da comunidade Viva Deus, mas, uma prática que não era subjetividade oralmente nem discutida como estratégia política e resistência. Confesso que aparenta ser tenso dialogar e usar nossos sentimentos e desejos na formação de estratégias de lutas, porque o risco de auto sabotagem é muito grande.

Quão grande foi esse desafio junto ao GEPEEP e Comunidade Viva Deus, pois foi necessário um processo de dialogicidade profunda baseada em Paulo Freire (1986), antes de uma prática de mística guiada e intencional com objetividade junto a todos. Antes de tudo, precisávamos compreender com base em Barroso (2015) e Hilário dos Reis (2011) as situações-problemas-desafios da Comunidade Viva Deus, para que a mística não fosse somente um produto já pronto e aplicável, mas um processo responsável de construção coletiva realizada pelos próprios sujeitos que fariam parte dessa

## REFERÊNCIAS

- ALBERTON, Elcio. **Formação Mistagógica do Docente no Contexto da Metamorfose Civilizatória**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica Do Paraná, Curitiba, 2012.
- ANDRIOLI, Liria Angela. **Religiosidade e Mística no Movimento de Mulheres Agricultoras de Santo Cristo/RS: Um Processo de Constituição de Identidades por Meio da Educação Popular**. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Nas Ciências) - Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul, Ijuí, 2016.
- ARROYO, Miguel. Palestra sobre "educação básica e movimentos sociais". A educação básica e o movimento social do campo. UnB, Brasília-DF. 1998.
- ARROYO, Miguel. **Ofícios de Mestre: Imagens e Auto-Imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.
- ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.
- BARROSO, Betânia O. **A constituição do sujeito de aprendizagem: uma perspectiva da aprendizagem situada na alfabetização de jovens e adultos no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - CEDEP – DF**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18638/1/2015\\_Bet%c3%a2niaOliveiraBarroso.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18638/1/2015_Bet%c3%a2niaOliveiraBarroso.pdf)> Acesso em 9 de novembro de 2019.
- BEDOYA, Luis Eduardo Torres. **A Força Emancipadora da Espiritualidade e da Mística no MST: Experiências Formadoras na Vida dos(a) s Militantes e Poder Catalisador do Movimento**. 140 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza, 2012.
- BOGDAN, Robert; BILKEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOGO, Ademar. **A Mística: parte da vida e da luta. Método de trabalho de base e organização popular / Org. Setor de Formação - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Bela Vista – São Paulo**. Ed. Secretaria Nacional MST. 2008.
- CARVALHO, Cristiene Adriana Da Silva. **Representações Sociais das**

**Práticas Artísticas na Atuação de Professores do Campo.** 328 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CASTRO, Elisa Guaraná de e BARCELLOS, Sérgio Botton. **Políticas públicas para a juventude rural brasileira.** Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil / Organizadores Catia Grisa [e] Sergio Schneider. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

COMERLATTO, Giovani Vilmar. **A Dimensão Educativa da Mística na**

**Construção do MST como sujeito coletivo.** 210 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2010.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem.** Neue Zelt. 1898. Escrito por Engels em 1876. Publicado pela primeira vez em 1896 em Neue Zelt. Publica-se segundo com a edição soviética de 1952, de acordo com o manuscrito, em alemão. Traduzido do espanhol.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Trad. de Maria do Carmo Monteiro Pagano. Artigo recebido em: junho/2007. Aprovado em: agosto/2007. **Educação - Porto Alegre/RS,** ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de**

**Munchhausen. Marxismo e Positivismo na sociologia do conhecimento.** São Paulo: Cortez, 2009.

MACHADO, Carmem Silvia. **Educação do Campo: Expressividade Corporal na Prática Educativa.** 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti Do Paraná, Curitiba, 2009.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 67p.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

NÓVOA, Antonio. (org). **Profissão Professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação (a) alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. *In*: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Sílvio Sánchez (Org.) **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re) construção do vivido e da identidade. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 28, n. 2. 2010

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de Pesquisa-ação**. São Paulo: Saraiva. 2009.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY. L. S. **Incluye problemas del desarrollo de la psique**. Obras Escollidas. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKY. L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXO I – CRONOGRAMA DA SEGUNDA FESTA DA COLHEITA

## 1º dia: 13/07/2019 (Sábado)

Eixo: Acolhimento e Reforma Agrária

Horário	Atividade	Objetivo	Descrição	Materiais	Resp./dia	Convidado	Obs.
07h:30min	Acolhimento na UFMA	Integração e interação entre os viventes.	Nesse momento iremos realizar algumas místicas de interação. Será realizado a ciranda, danças circulares, entre elas “Dança da Palmeira” e o canto “Trepá no coqueiro...”. Os viventes irão apresentar quais suas ansiedades e o que esperam para a vivência, dentro disso vão definir uma palavra geradora.		Marcos e Mônica		

08hrs	Saída da UFMA CENTRO	Deslocamento a Comunidade Viva Deus.	No percurso iremos realizar alguns momentos de interação, sendo eles algumas músicas engraçadas e recitaremos poesias relacionadas a luta pela fixação da terra ou outros movimentos sociais. Nesse		GEPEEP		
			momento terão uma orientação quanto a regras de convivências e quais atividades iremos realizar nessa vivência.				
09h30	Chegada a Comunidade	Orientação e Separação dos Núcleos de Base (NB's)	Iremos orientar eles em relação ao alojamento e nesse momento iremos apresentar qual será a divisão dos Núcleos de Base. Apresentaremos o cronograma de divisão das atividades dos NB's.	Vendas Pretas e vídeos de relatos	Marcos e Mônica		
11h:00	Almoço	O NB 2 irá fazer o almoço.	Os integrantes do NB 2 irão utilizar o fogão da Escola e dos moradores para produzirem o almoço.	Alimentos.	NB2		



14h:00	Mística Relacionada a Fixação da Terra e Resistência de Movimentos no Campo	Interação e reflexão das temáticas das rodas de conversa.	O NB 4 terá que apresentar uma mística antes de iniciarmos as rodas de conversas da tarde, as mesmas terão que ter uma relação com o tema das futuras rodas de conversa da tarde. Obs: Começar criar a mística bem antes da roda de conversa.	A escolha deles.	NB4		
14h:15min	Roda de Apresentação da Comunidade	A comunidade apresentar suas lutas e resistências nesses dezesseis anos.	É o momento onde eles irão falar do processo de criação da Comunidade Viva Deus e todos processos de opressões que os mesmos sofrem nesse tempo de luta, onde também irão apresentar suas conquistas nessa caminhada.		GEPEEP e VIVA DEUS		
15h:00	Roda de Conversa sobre a Luta Pela Fixação da Terra.	Discursão sobre a luta pela fixação da terra.	Iremos trabalhar a importância da união, afetividade e estratégias de luta pela fixação da terra, de forma que os incentiva a criar práticas de luta pautadas na solidariedade.		Regilma, Cesar, GEPEEP, MIQCB e outros convidados.		

17h:00	Oficina de Bio Dança e Danças Circulares	Interação e promoção da Amorosidade na Comunidade.	Será um momento de reflexão, união e diversão com todos viventes e com a comunidade. Onde iremos praticar a Bio Dança e Danças circulares.		Prof. Dr. Lúcio e Prof. Dr. Ronaldo.	Gao Félix	
18h:00	Jantar	O NB 2 irá fazer o Jantar.	Os integrantes do NB 2 irão utilizar o fogão da Escola e dos moradores para produzirem o Jantar.	Alimentos.	NB2		
19h:30min	Noite Cultural	Integração e Diversão.	A banda Peleja Mais Não Vai (PMNV) coordenada pelo Gato Félix irá reger a noite com muito forró e dança.	Som, Microfone e instrumentos musicais.	PMNV e GEPEEP	PMNV	

**2º dia: 14/07/2019 (Domingo)**

Eixo: Campo e Construção da Mandala

Horário	Atividade	Objetivo	Descrição	Materiais	Resp./dia	Convidado	Obs.
---------	-----------	----------	-----------	-----------	-----------	-----------	------

06h:00	Alvorada	Todos acordarem nesse horário para iniciar as atividades e se arrumarem.	O NB 1 irá realizar uma mística para acordar os viventes de forma carinhosa e alegre.		NB1		
08hrs	Mística de abertura das atividades da manhã.	NB1 fará uma mística relacionada a Comunidade Viva Deus.	Pela manhã faremos uma visita de campo na Comunidade, então o NB1 pensara numa mística que foque na comunidade, apresentarem antes de irmos a campo.		NB1		
08h:15m in	Visita de Campo na Comunidade	Os Núcleos de Base (NB's) irão ser guiados cada um por duas pessoas da comunidade, para conhecerem a comunidade.	O objetivo é uma maior integração dos viventes com os companheiros da comunidade, onde nesse processo eles irão mostrar suas casas e roças, falando um pouco das suas rotinas e trajetórias de vida. Serão 4 NBs divididos.		Comunidade Viva Deus		
10h:00	Roda de Conversa na Escola	Integralização das observações de campo.	Nesse momento dois representantes de cada NB e da comunidade irão apresentar		Todos		

			o que acolheram dessa experiência, após isso iremos falar sobre a comunidade numa roda de conversa aberta.				
11h:30min	Almoço.	O NB 3 irá fazer o almoço.	Os integrantes do NB 3 irão utilizar o fogão da Escola e dos moradores para produzirem o almoço.	Alimentos.	NB3		
13h:50	Mística Relacionada a Construção da Mandala	Interação e reflexão sobre a próxima atividade.	O NB 1 terá que apresentar uma mística antes de iniciarmos a construção da Mandala, que seja relacionada com a temática.	A escolha deles.	NB1		
14h:00	Construção da Mandala	Integralização e apresentação dos alimentos que a comunidade produziu.	É o momento onde eles irão apresentar suas colheitas e produções, dentro disso irão falar sobre cada produto que produziram.	Alimentos e etc.	MIQCB na Pessoa da Rosalva.		
18h:00	Retorno a Imperatriz após o lanche.						

<b>ATIVIDADES DOS NB's</b>		
	<b>1º Dia</b>	<b>2º Dia</b>
<b>Limpeza</b>	<b>NB1</b>	<b>NB4</b>
<b>Alimentação</b>	<b>NB2</b>	<b>NB3</b>
<b>Ornamentação</b>	<b>NB3</b>	<b>NB2</b>
<b>Místicas</b>	<b>NB4</b>	<b>NB1</b>

ANEXO II – RELATÓRIA DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM O GRUPO DE  
ALFABETIZAÇÃO DA ESCOLA COMUNIDADE VIVA DEUS

## RELATÓRIA GEPEEP – Comunidade Viva Deus (12-06-2019)

- Começamos com uma música do seu Manoel e do Silvio ao violão.
- Ficamos bem emocionados com a nova música (Viva Deus), que fala sobre a luta pela fixação da terra da Comunidade Viva Deus.
- **INFORMES:**
- Aurélio contribui com 450,00 R\$ a festa da colheita
- Bebe Taxista com 200,00 R\$
- A comunidade irá participar do Ato 15M
- Já compraram as ripas do galpão
- Já pegaria madeiras na mata
- Greve geral dia 14J
- Curso de formação do MST, sobre a realidade brasileira, convidamos algumas pessoas para participarem.
- Diálogo sobre a postura histórica do MST
- Conversa do dia 21/06 na UFMA, Reunião de Esclarecimento (16Hrs)
- Silvio e Dona Zizi vão a São Luís dia 17 a 19 de junho para a formação plataforma da soberania da água.
- Notícias do The Intercept

## ALFABETIZAÇÃO

- **TERRA**
- Ceara têm dificuldade com algumas letras, em lembrar... precisamos usar palavras relacionadas
- T
- E
- R
- R
- A



T E R R A

Vogais: a – e – i – o – u (relembrar)

Ta – Te – Ti – To – Tu

- Ceara começa falar mais ou menos as sílabas, até que consegue falar todas.  
Ra - Re - Ri - Ro - Ru



- Todos eles conseguem falar tranquilamente as sílabas.

TE RRA - TERRA  
TA - TE - TI - TO - TU

RA - RE - RI - RO - RU



TARA – TIRA – TIRE – TIRO –  
TORA – TORE – TORO.

- Betânia fez junção das sílabas das Consoantes **T** e **R** para ver se a comunidade formava palavras e se as mesmas tinham sentido. Se as palavras formadas não têm sentido, logo, não formam palavras.

- Formaremos palavras com as Sílabas:

TA - TE - TI - TO - TU

TA - TE - TI - TO - TU



TATU – TETO – TATO –  
TETA

- Formaremos palavras com as Sílabas **Ra...** e **Ta...**:

RA - RE - RI - RO - RU

TA - TE - TI - TO - TU



RATO – RATO – RETA –  
RETO – RITO – ROTA

- Formaremos por fim palavras com as sílabas:

RA - RE - RI - RO - RU

RA - RE - RI - RO - RU

RARO - RITA

- Sinto que seu Ceará reproduz as sílabas após os outros companheiros já terem falado.
- Eles assimilam muitas outras palavras pelo som das letras e sílabas.
- Treinar famílias fonemas e lembrar de trazer material para próximas aulas.



## REFLEXÕES SOBRE A PALAVRA GERADORA: TERRA

No primeiro momento que vi Betânia escrevendo a palavra geradora, para iniciar o processo de alfabetização, me surgiu inúmeros pensamentos, entre eles; será de que forma ela trabalha essa alfabetização? Então quando vi ela colocando a prática de alfabetização Freiriana com a escola e no quadro, percebi o quanto esse processo faz com que esses sujeitos se reconfigurem pelas suas próprias práticas de educação popular.

Um processo e palavra geradora que partia da maior necessidade deles, que é a Terra.

Observar ela ordenar sílabas TA, TE, TI, TO, TU e RA, RE, RI, RO, RU e eles formando palavras com as mesmas, nos faz perceber que não é um processo complexo, mas, fácil de se praticar quando há amor. Após as palavras formadas, os próprios sujeitos da Comunidade Viva Deus formaram frases que novamente mostravam ser parte de suas realidades e necessidades .

Eles iam aprendendo a ler e escrever de uma forma natural e calma, era como se as dores deles se convertessem em força e prática, desde consciente, política e amorosa. Falo amorosa pois ao mesmo tempo que via a cara da Betânia feliz, com olhos brilhando, percebia seus educandos com semblantes felizes e olhos brilhando mais ainda. Ambos, educador e educando vibravam com cada leitura das letras, sílabas, palavras e frases, não só vibravam enquanto liam, mas, era mais emocionante para eles quando estes as formavam.

Estavam todos em círculo, do lado o grupo de formação política. Porém, meu foco é no círculo de cultura da Alfabetização, eram idosos que brincavam e que em suas faces resplandeciam o grande desejo de buscar a alfabetização. É nítido que eles veem a alfabetização como busca da liberdade e emancipação. Se não há vissem como ato libertador, não se esforçariam tanto para tê-la...

É um espaço onde todos sorriem e têm responsabilidade. Espaços formais de aula não conseguem tanta amorosidade. Falo isso por ter sido educando e educador em uma escola formal. Na educação popular da Viva Deus não se sentem obrigados, parece que a educação é uma válvula de

escape e eles ficam magoados quando não vamos. Agora na Educação formal alunos festejam e amam quando o professor falta. Devido ao espaço escolar formal não proporcionar o que os alunos desejam devido ser institucional ditador. Obrigações forçadas não geram ações afetivas, mas ações e produtos cansados e desgastados.

A educação formal, cria espaços de regras, deveres e poucos direitos. O formal se assimila ao trabalho e padrão, adentra com metodologias tecnicistas, que não ajuda na emancipação do sujeito, mas, o torna refém de um sistema... A escola formal, ela formaliza e enquadra, o sujeito se constitui em práticas impostas e não por suas próprias práticas. Educação popular parte da voz que é dada aos sujeitos e eles dizem o que querem. Já, na educação formal pegam vários livros didáticos e obrigam o aluno a digerir.